CARNAVAL DE 1951

REVISTA DA SEMANA



Nº 7 ★ 17-2-51

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL

No texto: A POSSE DO PRESIDENTE VARGAS





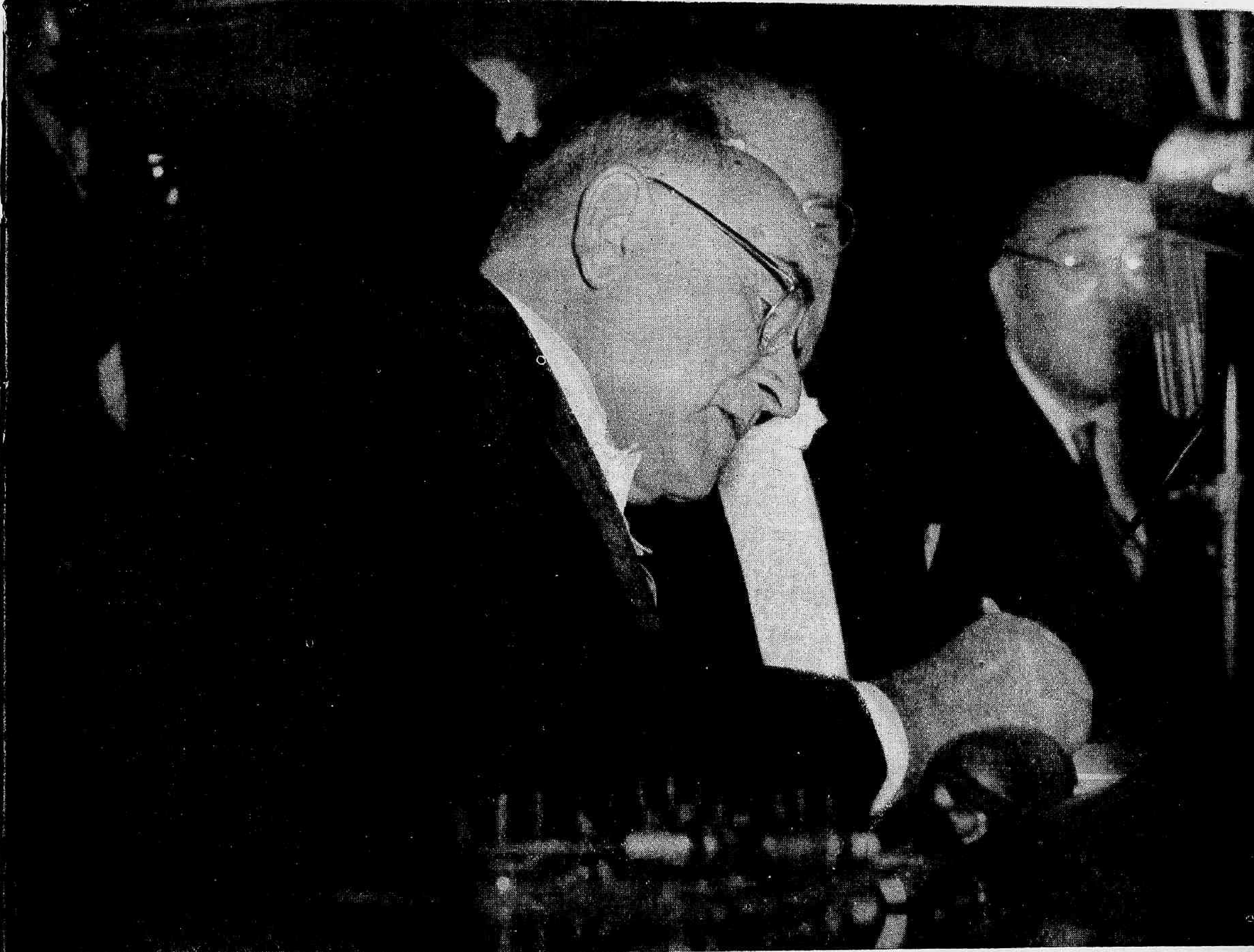
...um novo e auspicioso futuro surge em sua vida. Mas os atrativos que lhe deram essa alegre perspectiva devem ser preservados, pois pequeninos descuidos podem alterar o destino de uma mulher.

Mantenha a beleza do seu rosto e a perfeição de sua cutis, com o uso diário de Leite de Rosas, o mais eficiente colaborador no embelezamento feminino. Torne mais fácil o caminho para a felicidade, dando o «sim», também, ao programa de beleza que lhe sugere Leite de Rosas!



LEITE DE ROSAS

LAB. LEITE DE ROSAS LTDA.
RUA S. LUIS GONZAGA, 2085 A e B
TELEFONE: 48-7660 — RIO



TÊRMO DE POSSE

Com a presença das Câmaras reunidas no Palácio Tiradentes, onde funciona a Câmara Fe deral, das missões especiais diplomáticas vindas ao Brasil para assistir à grande cerimônia e de altas autoridades, o sr. Getúlio Dorneles Vargas assina o têrmo da posse, no dia 31 de janeiro. Tem assim, o país, novo governante para os próximos cinco anos.

A POSSE DO PRESIDENTE VARGAS



Comissões femininas aguardam, nas escadarias do tradicional edifício da cidade, a presença do novo Chefe da Nação.

ASSUMIRAM proporções de um legítimo acontecimento internacional, as festividades que se registraram no Rio, entre 31 de janeiro, 1 e 2 de fevereiro, por motivo da posse do novo Chefe da Nação Brasileira. Missões diplomáticas especiais, com os representantes enviados pelos governos de vários países do continente, da América do Norte e da Europa, estiveram presentes a essas comemorações. Amplo e dos mais brilhantes foi o programa das cerimônias que se desdobraram por espaço dêsses três dias, de alto sentido cívico nacional. Na impossibilidade de resumir, nesta edição, todo o serviço fotográfico recolhido, a REVISTA DA SEMANA oferece aos seus leitores, nas páginas seguintes, a primeira parte dessas festividades. E promete, para o próximo número, a reportagem complementar, que abrange todos os flagrantes do magno acontecimento, inclusive o jantar e recepção oferecido pelo Presidente da República aos Chefes das Missões Especiais e Permanentes no Palácio Itamarati, o "garden party" no Palácio Guanabara oferecido pelo Prefeito do Distrito Federal e o jantar do Copacabana Palace Hotel, em retribuição dos Chefes das Missões Especiais, ao novo governante do país.



E quando o Presidente chega, as componentes dessas organizações fremem de entusiasmo e vibram de alegria.



A TRANSMISSÃO

O Presidente cujo mandato vem de terminar, general Eurico Gaspar Dutra, ao transferir a banda presidencial ao recém-empossado, sr. Getúlio Dorneles Vargas, no salão nobre do Palácio do Catete — na presença do sr. João Café Filho, Vice-Presidente da República, e do general Newton Estillac Leal, novo Ministro da Guerra. Iniciava-se o novo govêrno.



O JURAMENTO

No recinto do Palácio Tiradentes, o novo Chefe da Nação presta o juramento constitucional. A cerimônia é presidida pelo senador Melo Viana, que se vê na gravura ao seu lado.



O NOVO GOVÊRNO

Antes de iniciar seu discurso nas escadarias do Palácio Tiradentes, os srs. Presidente e Vice-Presidente da República. Entre êles, o general Ciro Cardoso, chefe da Casa Militar.



A ESPÔSA DO PRESIDENTE

Às cerimônias da posse no Palácio Tiradentes e da transmissão do cargo no Palácio do Catete, compareceu a exma. sra. Darci Sarmanho Vargas, espôsa do Presidente da República. Sua presença, tanto nas solenidades como durante o percurso era recebida com aplausos calorosos do povo. A ilustre dama exibia, no peito, o retrato de seu filho Getúlio, falecido.



O MINISTRO DA GUERRA

General de Divisão Newton Estillac Leal, que assumiu a pasta do Ministério da Guerra, no dia imediato ao da posse do Presidente Getúlio Dorneles Vargas, às quinze horas.



A DESPEDIDA

O general Eurico Gaspar Dutra profere sua oração de despedida, no Catete, transferindo o govêrno ao novo Presidente. Ao lado, o sr. Nereu Ramos, ex-Vice-Presidente da República.



NAS RUAS

Flagrantes da chegada e da partida do Presidente Getúlio Vargas, acompanhado do Vice-Presidente João Café Filho, ao Palácio Tiradentes, para o ato da posse. Em tôda a extensão do trajeto até o Catete, o povo compareceu e aplaudiu.





O Embaixador e a Embaixatriz de França dão entrada no Palácio Tiradentes para assistir à posse do novo Presidente



Sr. J. A. Shah, ministro extraordinário e plenipotenciário da Índia, assiste à cerimônia, da sua poltrona especial



O Cardeal D. Jaime Câmara, em companhia de seu secretário, ao entrar no Palácio Tiradentes para assistir à posse.

(Cont. na pág. 42)



O POVO COMPARECEU

Desde as primeiras horas de 31 de janeiro, populares de tôdas as classes, comissões representativas de várias entidades e agremiações, enfrentando o rigor do sol,. estendiam-se em todo o percurso da Câmara dos Deputados ao Catete. Nas gravuras, flagrantes expressivos dessa aglomeração, convindo frizar que o elemento feminino foi bastante representado.



REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 8 ★ 17-2-51

A SEMANA EM REVISTA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .. Cr$ 140,00
Seis meses .... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ... Cr$ 170,00
Seis meses .... Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 270,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58, 1.º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 52 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A RAINHA DE PARIS

Uma das mais sensacionais novidades da semana que passou, isto é, a do Carnaval, foi a chegada da encantadora Claude Borelly, lindíssima parisiense que veio da França, eleita «Rainha de seu país» ao Carnaval carioca de 1951. Não se trata de um convite. O caso que a trouxe ao Rio foi muito sério. Mais de mil e duzentas candidatas entraram na luta eleitoral para a ambicionada viagem ao Brasil, exibindo na cabeça uma coroa de Rainha. E Mlle. Borelly saiu vitoriosa. Seu bota-fora em Paris também foi de alta nota social. Seu embarque num dos «Bandeirantes da Frota Transoceânica da Panair do Brasil» constituiu uma verdadeira festa de elegância. Personagens da vida social e política da França, o embaixador do Brasil naquêle país, etc., compareceram ao aeroporto de Orly, demonstrando que o caso era sério, apesar de carnavalesco. Tôda a imprensa francesa, o rádio, o cinema e a televisão deram grande destaque ao acontecimento. Com a Rainha vem até uma marquesa, além de uma famosa cabeleireira de Paris para que Mlle. Claude não tenha nenhum problema. E quem quiser ver tudo isso de perto é só ir ao Hotel Glória.



QUE HÁ COM O ENSINO?

Em todos os paises do mundo serve o indice de aproveitamento para cursos superiores ou normais, de base para apreciar-se o grau de cultura da mocidade estudiosa. No Brasil, pelo menos aqui no Rio, êsse indice está-se tornando alarmante pela espantosa percentagem de reprovações. Diante do não aproveitamento dos candidatos a cursos normais e da Escola Naval, acha o professor Mário de Brito, diretor do Instituto de Educação, que o fato se prende às transformações por que passou o ensino. Mas, com certeza, êle também está alarmado com os 10% de aprovações gerais e um «deficit» de 90% de estudantes que aspiravam a cursos normais e superiores. Basta citar-se que, no Instituto de Educação, das 2.033 jovens que se candidataram ao primeiro ano ginasial, restam agora cem... Das 186 inscritas no Curso Normal, sòmente quatro (4!) chegaram às provas normais! Na Escola Normal Carmela Dutra, de 325 candidatas ao admissão, apenas passaram 46. De 571 do Curso Normal, vinte e nove foram aprovadas. Na Escola Naval o indice de aproveitamento foi de 5% (cinco por cento!) E' o caso de perguntar-se: que há com o ensino?



★

OUTRA RAINHA

Essa é cá de casa. Chama-se Leonora Amar e é estrêla de cinema no México. Já trabalhou no Rádio carioca, do qual não quer nem ouvir falar. Foi eleita «in absentia» como diria um advogado. Sua vitória sôbre as demais concorrentes foi estrondosa. Leonora Amar, porém, passou dias de intensa preocupação e grande nervosismo. A causa foi esta: sua bagagem contendo roupas avaliadas em mais de um milhão de cruzeiros, não haviam chegado ao Rio. Teve ela, segundo disse a colegas da imprensa diária, que comprara vários vestidos e mais de dez mil cruzeiros, porquanto suas roupas não chegavam... Enfim, da emprêsa de aviação em que viajara, a «Braniff» entregaram-se as valises, resolvendo a situação. Mas a Agência de Viagem pela qual veio a Rainha Leonora Amar, resolveu mover uma ação de indenização contra a Companhia aeroviária, pelo retardamento de três dias das malas da artista e hoje soberana. Em que dará isso? Leonora diz que, por ela, não faria nada. Mas a organização «Pelmex» não quer dar por menos e vai processar a «Braniff» numa ação de 500 contos de réis. A vinda de Leonora Amar foi mesmo de amar...gar!



★

EDUCAÇÃO DE PREVIDÊNCIA

Todos sabemos que o brasileiro tem o hábito de só usar trancas nas portas, depois de roubado. Por maiores que sejam os exemplos que sirvam de advertência aos incautos, aos negligentes, não nos convencemos de que a previdência tem que ser posta em vigor antes de os fatos consumados. Veja o leitor o que acaba de suceder com o recente incêndio no edifício Rex, na Cinelândia. No andar devorado pelo fogo funcionavam mais de vinte pequenos estabelecimentos comerciais e culturais, inclusive a União Carioca de Estudantes de Comércio. O incêndio levou tudo pelos ares, transformando haveres em cinza. Se os ocupantes possuissem seguros contra fogo, estariam com a restauração de seu patrimônio perfeitamente garantida, uma vez que as companhias seguradoras indenizariam de acôrdo com os valores segurados. Mas por mais absurdo que pareça, sòmente um dos ocupantes possuia apólice contra incêndio. O restante estava a descoberto! A União Carioca de Estudantes de Comércio perdeu tudo: arquivos, móveis, livros, etc., subindo o prejuizo a cerca de 85 mil cruzeiros. E agora apela para subscrição pública, a fim de reconstituir a sede. A imprevidência começou com o aluguel do imóvel, um aditivo de madeira, um andar de ganância, quando devia ser de cimento armado. Que a lição sirva a todos.



A PERSONAGEM DA SEMANA

TEM o Carnaval carioca os seus aspectos femininos e que despertam grande entusiasmo entre as massas, quer as que brincam nas ruas e dançam nos bailes, quer as que ficam em casa ou apenas descem para "ver" o Carnaval. Um dêsses aspectos é a eleição das diversas "Rainhas" acompanhadas de suas "Princesas". Há "Rainhas" das Atrizes, do Rádio, do Carnaval e não sabemos mais quantas por êste Rio barulhento e eternamente carnavalesco. Mas, êste ano, sobreveio um acontecimento fora do comum. A Europa "curvou-se ante o Brasil" e nos mandou também uma "Rainha" para abrilhantar o nosso Carnaval. Coube à França êsse gesto de fidalga cortesia ao nosso país, e, particularmente, ao Rio de Janeiro. Depois de grande e intensa batalha nas urnas de Paris, com um exército de 1.200 candidatas à vinda ao Rio para assistir à nossa maior festa popular, saiu vencedora a linda Claude Borelli, uma lourinha de grande simpatia e atitudes elegantes. Chegou a embaixatriz de França ao Carnaval do Rio de 1951 em um dos grandes aviões da "Panair" da linha Brasil-Europa, descendo no Galeão entre aplausos dos que a foram esperar. E, logo no sábado, era a "Rainha" da França ao Carnaval do Distrito Federal apresentada ao povo, como uma das mais sensacionais visitas dêste ano. E' provável que, para o futuro, outros países entrem no "cordão" de tais iniciativas e nos mandem outras "soberanas" para ver o nosso Carnaval e nêle tomarem parte ativa. O que de nós disserem quando voltarem às suas terras, é coisa para comentar-se "a posteriori"; mas não devemos abespinhar-nos com certas referências pouco lisonjeiras. O nosso Carnaval não é do tipo niceano, nem de Veneza. E' do morro, do "sujo", de festa semi-selvagem, dos transbordamentos recalcados, da alegria doida nas ruas, das canções honestas e das paródias livres, do "frêvo" e das carraspanas irreprimiveis. E de calor por dentro e por fora. Mas estamos certos de que Mlle. Borelli gostou da festa e deixou saudades. . . . .


Mlle. Claude Borelli

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura superior	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura média	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — QUAL O PAPA QUE FIXOU O DIA 25 DE DEZEMBRO PARA CELEBRAÇÃO DO NASCIMENTO DE JESUS:
Júlio I?
Bento V?
Clemente VI?

2 — DE ONDE SE ORIGINA O NOME DE NOEMIA (ON NOEMI):
Do grego?
Do hebráico?
Do latim?

3 — EM QUE PAÍS NASCEU O FAMOSO ADIVINHO NOSTRADAMUS:
Na Holanda?
Na França?
Na Alemanha?

4 — QUAL O MAIS ABUNDANTE ELEMENTO EXISTENTE NA TERRA E SUA ATMOSFERA:
Hidrogênio?
Hélio?
Oxigênio?

5 — COMO SE CHAMAVA O DEUS DOS PASTORES:
Pan?
Jupiter?
Mercúrio?

6 — EM QUE ÉPOCA TEVE ORIGEM O «BEIJA-MÃO»:
Na dos fenícios?
Na Idade Feudal?
Na moderna?

7 — QUANTAS ESPÉCIES DE BEIJA-FLOR HÁ NO BRASIL:
Cento e dez?
Quarenta e cinco?
Oitenta?

8 — QUEM INVENTOU O TELEFONE:
Alexandre Graham Bell?
Thomas Alva Edison?
Alexandre Hamilton?

9 — OS BELGAS CONSTITUEM UM DOS RAMOS DOS POVOS:
Saxões?
Anglo-saxões
Celtas?

10 — QUE SIGNIFICA «BELIAL»:
Deus das florestas?
O demônio?
Uma cidade bíblica?

11 — QUE NOME TINHA O NAVIO INGLÊS EM QUE SE REFUGIOU NAPOLEÃO:
Argonauta?
Paradigma?
Bellerophonte?

12 — QUE QUER DIZER «BELIGERANTE»:
O que corre em alta velocidade?
O que está em guerra?
Processo de germinação rápida?

13 — QUANTOS CONTOS DE RÉIS GASTOU O GOVÊRNO DE MINAS GERAIS NA CONSTRUÇÃO DE BELO HORIZONTE:
Um milhão?
500 mil?
33 mil?

14 — QUE NOME TEM O RIO SAGRADO DOS INDIANOS E QUE PASSA EM BENARES:
Yang-Tse-Kiang?
Nilo Azul?
Ganges?

15 — QUE QUER DIZER «BENEPLACITO»:
Aprovação?
Ordem religiosa?
Condecoração?

16 — DE ONDE VEM O BENJOIM:
Da Austrália?
Das Índias Orientais?
Do Amazonas?

17 — QUEM DESCOBRIU O ARQUIPELAGO DAS BERMUDAS:
Os inglêses?
Os portuguêses?
Os espanhóis?

18 — DE QUE ARTISTA E' A ESTÁTUA DO GEN. OSÓRIO NA PRAÇA XV:
Rodolfo Bernardelli?
Horácio Hora?
Henrique Bernardelli?

19 — QUE NOME TEM O INDIVÍDUO QUE ADQUIRE LIVROS SEM OS LER, SÓ POR VAIDADE:
Bibliotecário?
Bibliomaníaco?
Bibliomântico?

20 — DE ONDE ERA FILHO OLAVO BILAC:
Do Distrito Federal?
De São Paulo?
Da Bahia?

Respostas na página 58

Os Sofrimentos das Mulheres



Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Êsses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o dominio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use *Regulador* **Gesteira** sem demora.

Regulador **Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador **Gesteira** trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* **Gesteira**

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no «Correio da Revista» sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



FARMACIA GUANABARA LTDA.

Farm. responsável:
AGAR DE SCHUELLER BARBOSA LOPES

Variado sortimento de Perfumarias dos melhores fabricantes.
Completo stock de drogas nacionais e estrangeiras — Manipulação escrupulosa.

RUA LICINIO CARDOSO, 261 — Tel. 28-0909

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

"CHARGE" DE DARCY

PROBLEMAS PARA OS DIRETORES DE TELEVISÃO RESOLVEREM

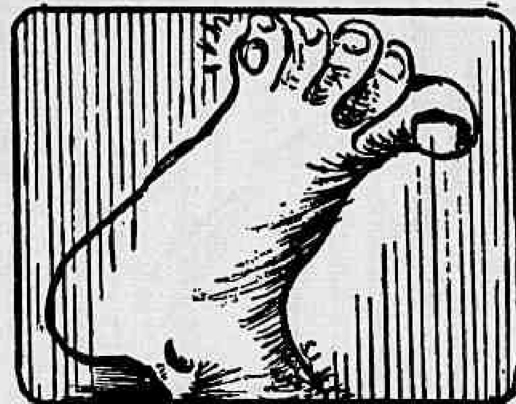




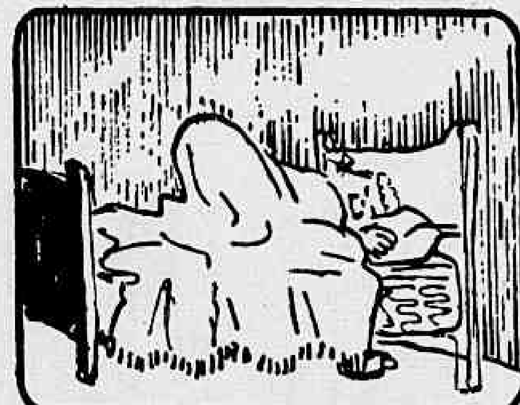
SUGESTÕES PARA A "VISUALIZAÇÃO" DE ANÚNCIOS NA TELEVISÃO



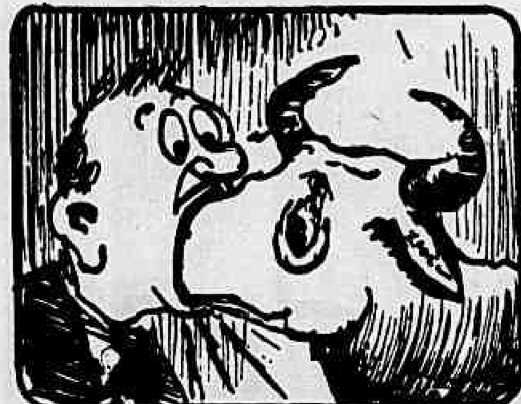
"— NÃO FAÇA ISTO! USE O ELIXIR 916!"
(O LOCUTOR AUXILIAR DEVE MESMO DAR UM TIRO NO OUVIDO)



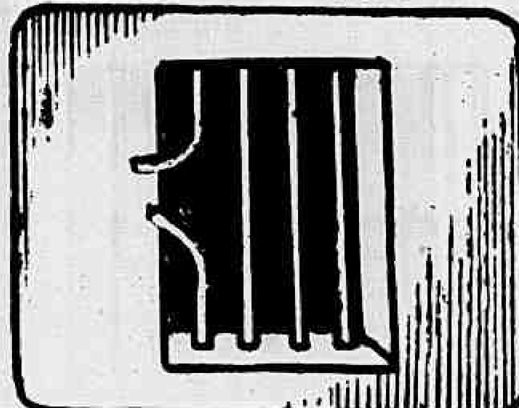
NÃO USE CALOS, USE A "POMADA VIENENSE", E ADEUS!



FAÇA COMO ESTA SENHORA... DURMA FELIZ NUM COLCHÃO VENTILADO DE MOLAS "B.T.V.X."

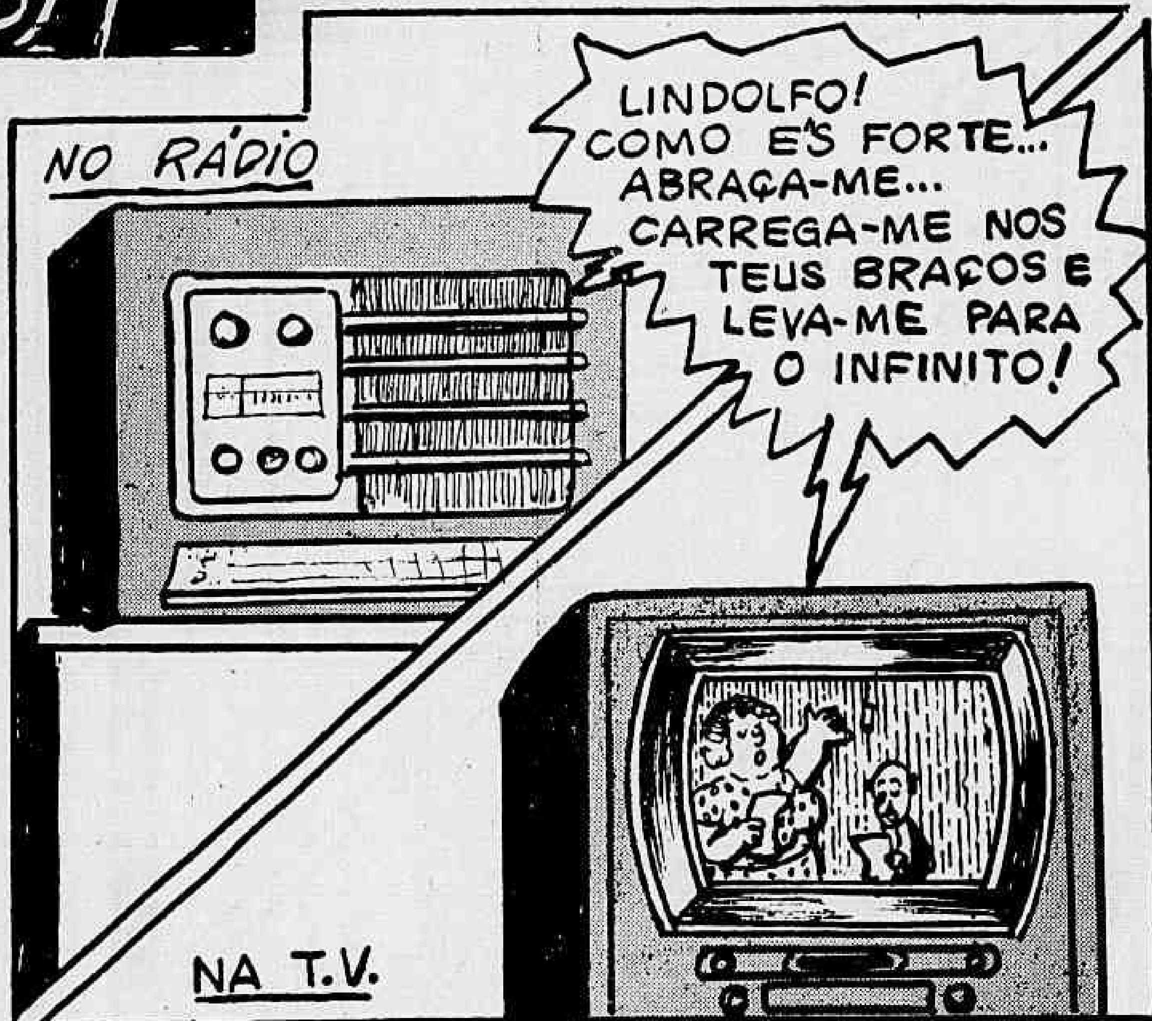


O LOCUTOR DEVE APRESENTAR O ANÚNCIO DE REMÉDIO CONTRA AZIAS CONFORME O RECLAME ESCRITO.



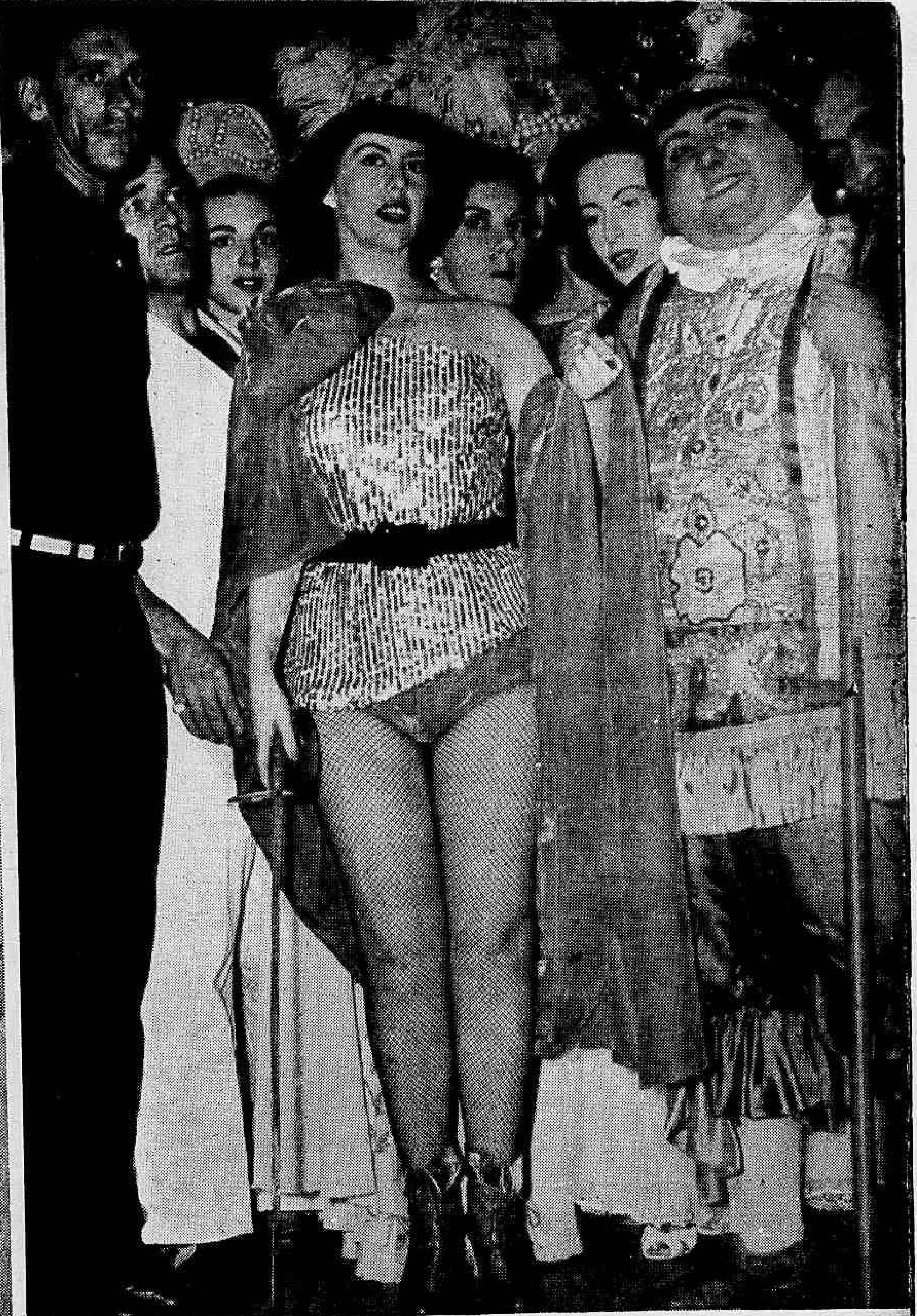
"PRISÃO DE VENTRE? PÍLULAS LIBERTICIDAS"!











JUSTIFICANDO o nome que adotou para o palco, Joana Darc compareceu vestida de Donzela de Orleans no Baile das Atrizes, realizado dia 1º do corrente, no João Caetano. Aqui estão duas pôses da Rainha das Atrizes, rodeada de seus súditos, e em uma delas Sua Majestade Rei Momo, que fêz as honras maiores na coroação da simpática «estrelinha» de revista.

O BAILE DAS ATRIZES

A Casa do Artistas levou a efeito, uma vez mais, o seu famoso baile anual, para coroação da Rainha das Atrizes, titulo arrebatado, em 1951, pela jovem "estrêlinha" de revista Joana Darc. O baile teve lugar no João Caetano, teatro em que se realizaram as primeiras festividades populares do ano, e a atriz eleita pela classe, compareceu vestindo uma espetacular fantásia de Joana Darc, muito fazendo realçar seus encantos pessoais. Nesta e nas páginas imediatas, flagrantes recolhidos pela nossa reportagem, dando ao leitor uma impressão tão fiel quanto possivel, da alegria que reinou no velho teatro da Praça Independência. Até madrugada alta, os que trabalham no palco — e os que não trabalham, mas ali estiveram com o mesmo entusiasmo — entregaram-se às danças animadissimas. O calor, a falta de refrigeração naquele próprio da Prefeitura, não impediu que os foliões se "esbaldassem". E, agora, é esperar por mais um ano: em 1952 vai ter mais...







O EXISTENCIALISMO, tal como é compreendido pela maioria, embora não traduzindo a rigor seu verdadeiro sentido, fêz ato de presença no Baile das Atrizes. Como se vê, as bonitas garôtas que dansaram no João Caetano, primavam pelas roupagens sintéticas — e, vamos reconhecer, muito aconselhadas para as noites quentes de fevereiro. Tudo muito divertido...



JÁ HOUVE quem observasse, com exatidão, que muito poucos artistas de teatro, entre os de real evidência, costumam aparecer no baile da classe. Isso não impede que êsse baile registre sempre um legítimo acontecimento da quadra carnavalesca



O BAILE DAS ATRIZES



MUITO calor, pouca roupa — e muita vontade de «cair no brinquedo» — eis o lema dos bailes dêste ano. Vistosas ga-



rôtas com fantasias multicores, poucas máscaras mas ainda surgindo algumas, tudo serviu para empolgar os festejos.





SUA MAJESTADE Rei Momo exibe, orgulhoso, o manto soberano de Joana Darc. Na gravura inferior, a Rainha do Carnaval de 1950, Mára Rúbia, congratula-se com a sua sucessôra, num fraternal abraço. O reinado carnavalesco é por demais efêmero, mas conta o tempo bastante para cada eleita sentir as emoções da croa e do trôno. Mas Joana Darc não teve coroa. . .





LEONORA saltou no aeroporto, recebeu flores, mandou beijinhos de saudade para os fãs — e veio disposta a conquistar o título de Rainha do Carnaval. Pois conquistou!

VEIO DO MÉXICO
A RAINHA DO CARNAVAL



A BRASILEIRINHA que venceu no cinema do México. Assim ela costuma aparecer nos filmes, espetacularmente vestida (ou despida?), com um sorriso bonito e dois olhos feiticeiros.

VEIO do México — mas é muito boa brasileira. Chama-se Leonora Amar, foi por alguns anos uma bonita cantora de sambas e marchinhas nas emissoras do Rio, viajou pelos Estados — e um dia sumiu. Para onde embarcou Leonora? Primeiro, para os Estados Unidos. Andou percorrendo Hollywood, foi dito que estava sob contrato com a Warner, mas não tardou que outras notícias chegassem, essas do México, informando ter feito ali o seu primeiro filme. E agradou. Agradou tanto, que outros filmes foram feitos, contratos melhores foram aparecendo e o tempo deslisou, deslisou sempre, até quando, agora, veio a notícia maior: Leonora Amar dava um pulo de avião ao Rio para matar saudades da sua terra, dos velhos amigos, e para candidatar-se ao título de Rainha do Carnaval de 51. Chegou, com a roupa do corpo, visto a bagagem ter ficado no México. Ameaçou de uma forte indenização à companhia de navegação aérea que a trouxe — mas tudo resultou bem porque as valises chegaram dias mais tarde. E Leonora pôde então mostrar às suas patricias quanta roupa vistosa, elegante, bem talhada,

(Cont. na pág. 38)



ROSAS VERMELHAS para a «estrêla» que em outros tempos era uma bisonha cantorazinha do rádio carioca! Microfones a esperavam, para transmitir suas primeiras palavras de saudação. Ela trazia as palavras decoradas: — «Volto com o coração transbordante de alegria de rever o Rio dos meus amôres...»



E OS FANS pressurosamente estendiam alguns de autógrafos, cada qual mais ávido de recolher a assinatura de Leonora. Calma, amigos! Ela chega para todos os autógrafos, calma!



OS DIRETORES da Pelmex souberam tirar partido da presença da «estrêla» no Rio, em vesperas de Carnaval. E não foi muito difícil obter o título de Rainha do trôno tão efêmero...



A «RAINHA DO RÁDIO» do Carnaval de 1951, Dalva de Oliveira, quando era coroada no Teatro João Caetano cercada pelas suas Princesas e sob grandes aplausos do público. Em baixo, uma misteriosa figura da festa se preparando cuidadosamente para surpreender muito gente com sua fantasia de «gato escondido com o rabinho de fora»



O BAILE DO RÁDIO

PROMOVIDO pela Associação Brasileira de Rádio, o já tradicional baile em que se faz a coroação da Rainha do Rádio teve lugar no Teatro João Caetano, com o entusiasmo de sempre. O prélio para a conquista daquele título movimentou, por algumas semanas, os redutos radiofônicos. As duas competidoras de maior importância eram: Dalva de Oliveira, candidata pela Rádio Nacional, e Marilena Alves, pela Rádio Globo. Por duas vêzes, a festejada radioatriz da PRE-3 manteve a liderança das apurações mas, ainda êste ano, o título de Rainha do Rádio acabou sendo conquistado por uma cantora. A apuração final foi renhida. E tudo acabou bem, com uma receita muito superior a seiscentos mil cruzeiros apurada pelos promotores do concurso. Cabe diber ainda que o saldo apurado destinou-se ao fundo de reserva para a construção da Casa do Radialista, legítima aspiração da laboriosa classe dos que militam no "broadcasting" nacional. Dalva de Oliveira, cuja popularidade êste ano cresceu extraordinàriamente, já pelo seu mérito artístico, já pelo ruidoso caso de seu desquite com Herivelto Martins, fêz jus ao trono que estará ocupando agora, até o próximo Carnaval. Suas rivais no empolgante prélio foram as primeiras a abraçá-la, tôdas comparecendo à festa do João Caetano, ostentando luxuosas "toilettes". Damos nesta página, flagrantes dessa noitada memorável, e em uma delas, Dalva de Oliveira tendo a seu lado Marilena Alves, segunda colocada e detentora, portanto, do título de Princesa do Rádio — e ainda a cantora Carmélia Alves.



CARNAVAL É MESMO Carnaval, e por isso esta achou melhor fantasiar-se com pouca roupa para o baile da Rainha do Rádio no João Caetano. Em baixo, uma pôse um tanto «esplinética» da Rainha Dalva de Oliveira.





E VAMOS FAZER o «passo» do jocotó que o pessoal do Recife já est aí. Foi infernal o baile da Rainha do Rádio



de 1951, em homenagem à vistoriosa dêste ano, a conhecida artista Dalva de Oliveira, cujo prestígio abafou.







A FANTASIA de repórter-fotográfico que essa foliã da esquerda apresenta, não quer dizer que a vida esteja aos remendos. Em compensação, há «brotinhos» encantadores e até uma jovem com tanto apetite, que mordeu a cauda de um «gatinho!»



Nicodemus

POR EXPERIENCIA PROPRIA DA' A RECEITA DE UM INFALIVEL

COCK TAIL



RUM BACARDI 1
GIN 1/2
GRENADINE 1
VERMOUTH SÊCO 1
CALDO DE GRAPEFRUIT
SALPICOS
DE ANGOSTURA 2
DE BURROUGH'S
BEEFEATER 1
CUBOS DE GELO
C/ LIMÃO ...
DEIXE-ME VER
FALTA AINDA ...



DESISTA !
VAI
DEMORAR
MUITO !

SIRVA UM
CUBA LIBRE
NÃO
ESQUECENDO

AS
SETE
CAPSULAS
DO
NARCOTICO ...

O BRASIL BRILHANDO NA CAPITAL DA MÚSICA

TANGLEWOOD, O MAIS FAMOSO CENTRO MUSICAL DO MUNDO ★ UM JOVEM DE 20 ANOS ELEVA O NOME DO BRASIL ★ MÚSICA BRASILEIRA EM TANGLEWOOD ★ A PROTETORA DO MAESTRO E SUA RÁPIDA BIOGRAFIA.

Texto de JORGE LYRA

TÒDA a gente no Brasil sabe que Boston é a capital do Estado de Massachussetts, nos Estados Unidos. O que muitos não sabem, porém, é que aquêle Estado possui outra capital — a da música — e não menos famosa que a outra.

Situada nas colinas Berkshire, na aldeia de Stockbridge, Tanglewood se transforma, durante o verão, em centro das atenções de estudantes e músicos do mundo inteiro, que ali vão a fim de aprimorar seus conhecimentos na sublime arte de Bach, a exemplo do que acontece em Salzburgo, na Áustria e Edinburgo, na Escócia.

Doada pelos antigos donos da herdade à Orquestra Sinfônica de Boston, Tanglewood representa para Serge Koussevitzky, que há vinte e cinco anos é o regente daquela orquestra, a realização de um antigo sonho, pôsto que o maestro russo sempre imaginou um local onde a gente moça do mundo inteiro, com pendor pela arte de Mozart, pudesse passar o verão "vivendo e trabalhando dentro da música".

Quando o sol de Tanglewood é mais intenso, os campos mais verdes e o céu mais azul, reunem-se ali, músicos de todo o universo que vão ver, ouvir e sentir os acordes da Sinfonia de Boston, sob a batuta de Serge Koussevitzky. Nessa época do ano, as estreitas e sinuosas rodovias da região ficam prenhes de automóveis e os poucos hotéis, do local e das adjacências, esgotam suas lotações com a multidão que vem de tôdas as partes dos EE. UU. a fim de deliciar-se com os concertos públicos dados pela famosa orquestra. Há, em Tanglewood, um auditório de madeira, tosco mas sólido e enorme, com capacidade para seis mil pessoas. Os veranistas passam o seu tempo, quando não há recitais públicos, fazendo convescotes, tirando fotografias ao lado de músicos célebres do mundo inteiro. Aquilo é um mundo diferente, é o mundo da música, é o mais famoso local do universo como centro musical.

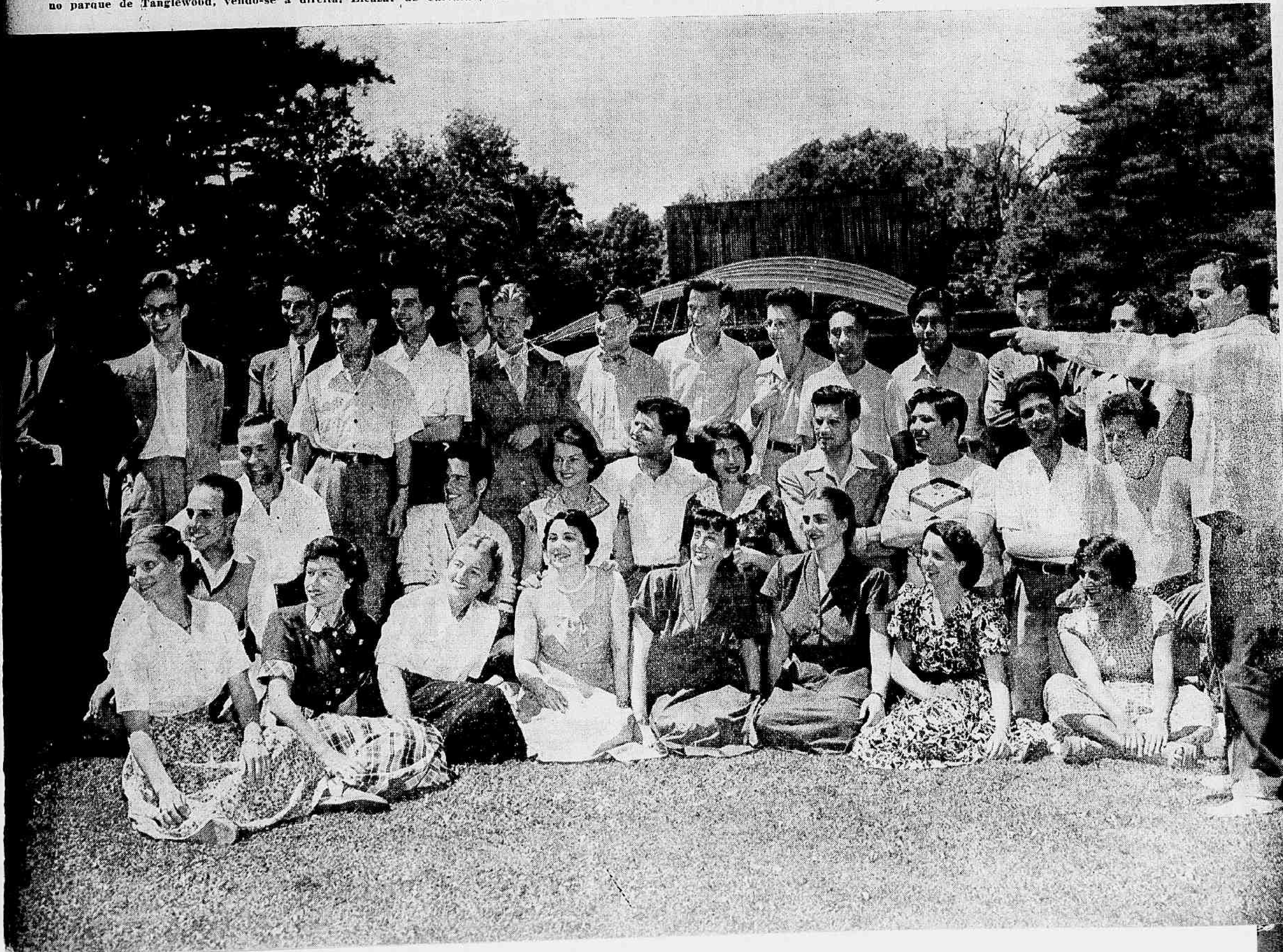
O BRASIL BRILHA EM TANGLEWOOD

No decorrer da última temporada musical na bucólica cidade, o Brasil brilhou intensamente, através da batuta de um jovem maestro brasileiro — Bernardo Federowisky.

Levado a Tanglewood pela mão amiga de Eleazar de Carvalho, o jovem maestro carioca teve oportunidade de brindar o público com horas de inesquecível remembrança.

Aluno dos mais brilhantes da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, Federowisky formou-se no curso de violino da referida Escola, sob a direção do

FEDEROWSKY (ao alto), que arrebatou em Tanglewood, o 1º prêmio de regência. Com a idade de vinte anos, eleva no estrangeiro o bom nome do Brasil. — Em baixo, grupo feito no parque de Tanglewood, vendo-se à direita, Eleazar de Carvalho, assistente do Berkshire Music Center, instruindo seus alunos que dêle recebem ensinamentos com simpatia.





FEDEROWSKY recebendo congratulações de Koussevitzky, após um dos seus triunfos (ao alto). Note-se a satisfação de Eleazar de Carvalho e a admiração de Irving Hoffman. Em baixo, o representante da música brasileira, em Tanglewood, agradecendo os aplausos consagradores de seis mil assistentes, por motivo de sua execução corretíssima.

Prof. Lambert Ribeiro. Subindo sempre, Federowisky chegou a ser assistente do maestro Rafael Batista e, antes de ir para os Estados Unidos, teve oportunidade de reger a Orquestra Sinfônica Brasileira.

Numa dessas oportunidades foi visto por Eleazar de Carvalho que lhe ofereceu a maior oportunidade de sua vida — um estágio de seis semanas no maior centro musical do mundo, Tanglewood.

Afeito às lutas pelo triunfo, o jovem maestro brasileiro, viu-se com o pêso da maior responsabilidade de sua vida; não era mais o antigo "spalla" da Orquestra Universitária do que fôra um dos fundadores, não era mais o aluno de composição de Paulo Silva, nem o assistente de Rafael Batista, nem estava regendo a Orquestra Sinfônica Brasileira no Teatro Municipal do Rio — agora êle era o representante de um país, do seu Brasil, em terras estranhas.

Sempre auxiliando o jovem maestro, Eleazar de Carvalho conseguiu que Federowisky fizesse uma representação para Serge Koussevitzky ouvir.

O auditório estava repleto; seis mil amantes da boa música estavam com os olhos fitos no jovem brasileiro Federowisky ia reger agora uma das mais famosas orquestras do mundo inteiro, a Sinfônica de Boston. Em meio de grande expectativa, nosso patrício levantou as mãos e a Sinfônica atacou a "Ouverture" de "Egmont", de Beethoven. Ao terminar, o próprio Koussevitzky veio cumprimentá-lo: "Menino, você vai longe". O auditório, em pé, ovacionava Bernardo e, por cinco vêzes, exigiu sua volta ao palco. Não havia dúvidas, o Brasil estava muito bem representado em Tanglewood...

Depois dêsse sucesso, Serge Koussevitzky escolheu o nosso patrício para um dos seus três alunos do curso de verão, honra disputada por todos os estudantes presentes em Tanglewood.

Dias mais tarde realizava-se um concurso para a concessão de uma bôlsa de estudos para a famosa Julliard School. A um canto Serge Koussevitzky, Eleazar de Carvalho, Irving Hoffman, regente da Bronx Simphony Orchestra, Gregor Piatgorsky, Jascha Heifetz, Jean Morel, as maiores autoridades do mundo musical, observavam os candidatos, enquanto o regente da Sinfônica de Boston os selecionava.

Ao final do concurso, havia dois finalistas — Federowisky e um jovem israelita que disputavam a suprema honra de cursar a Julliard School. Koussevitzky chamou o israelita e deu-lhe a batuta. Ao lado, Federowisky torcia as mãos nervosamente como fizera ao ser um dos finalistas e finalmente o vencedor do prêmio Alberto Nepomuceno, conquistando medalha de ouro e quando, numa seleção de solistas, feita pela Orquestra Sinfônica Brasileira, vencera o concurso, executando o concêrto de Mendelssohn, para violino e orquestra.

(Cont. na pág. 38)



A GAROTADA INFELIZ DO MEU BAIRRO

O bairro, em sua maioria, compunha-se de família de gente pobre e modesta. Em minha rua, assemelhando-se a um oásis no deserto, estendia-se, como querendo implantar-se em terreno que lhe era hostil, uma série de bangalôs em construção. E a classe proletária de meu bairro olhava aquela afronta com desdém, despeito e receio, pois sabia que em breve a civilização, a necessidade, o progresso, levariam para ali outros tantos prédios burgueses e, como acontece amiúde, as famílias teriam de partir, emigrar, pro curar novas paragens longínquas.

Havia também as casas de tipo médio e numa delas morava d. Gertrudes. Casa recém-construída, com um pequeno jardim ao lado. Tratava-o d. Gertrudes com verdadeira devoção, sendo freqüente o conflito entre ela e os moleques que perambulavam pela rua. Quem não a conhecia? Solteira, magra, esquelética. Enfrentava, nervosamente, reclamando e provocando briga em tôdas as filas, durante a manhã. Depois almoçava e saía. Era professôra. Ia dar suas aulas de piano. Voltava à noite. Trancava-se sòzinha em casa. E, quase sempre, até altas horas da noite, ouvia-se em minha rua, como luxo, música de Brahms, Chopin, Liszt e de outros batutas do teclado. Assim era d. Gertrudes, com seus olhos de míope e tez bronzeada. Fora disso ninguém nada mais sabia de sua vida. Não possuía amizades no bairro. Considerava-se superior àquela gente.

Além dêsse vulto notável de meu bairro, existiam os garotos, sujos, maltrapilhos, adquirindo vícios; êles andavam por ali, desde o amanhecer, para baixo e para cima, na rua, na praça e nos lugares solitários, sem fazer nada, apenas aguardando oportunidade para travessuras e divertimentos. Entre êles se destacavam: Preguinho, por ser baixo e grosso, e o Nataniel, alto, magro, sempre sujo e de cabelos grandes. O perigoso da turma era o Cabeção.

Eu os via do primeiro andar do prédio onde morava. E ficava cismando: "Serão felizes ou infelizes?". O fato é que me vinha o desejo insensato de pôr-me à frente dêles, roubar mangas nos sítios, tomar banho na lagoa, alcançar a nado a outra extremidade; à tarde, jogar o pinhão, a castanha, o baralho, até surgir um guarda; ou, então — para que melhor? — estender-me num canto e dormir profundamente, tendo acima de mim o céu bordado de estrêlas e abaixo, o chão nu e duro. Enfim, livre de preocupações, dinheiro, casa e mulher.

Alguns dos garotos trabalhavam, eram jornaleiros, mas quando a tarefa terminava, uniam-se ao bando.

O caso começou assim. Seu José era dono de uma loja e pediu a d. Gertrudes um livro qualquer emprestado para ler. Ela lho deu. O primeiro, o segundo, porém, no terceiro, seguiu um bilhetinho de amor para seu José. Êle era casado, jovem; ficou espantado. Devolveu o livro e o bilhete, dizendo à mulher: "Esta professôra endoideceu:.."

D. Gertrudes não desistiu. Ia à loja, telefonava, olhava, enfeitava-se, insinuava-se, enfim. Tudo debalde. Seu José a evitava horrorizado. Ela, finalmente, lançou mão da garotada. E o Preguinho era quem levava seus bilhetes amorosos; porém, antes, Nataniel — o único que sabia ler — lia-os em voz alta para todos, sob estridentes risadas.

Enfim, d. Gertrudes desiludiu-se. E, pouco a pouco, desmoralizou-se, perdeu o respeito. A garotada tomou conta. E, quando ela saía, êles, a princípio, sussurravam apenas: "Lá vem a apaixonada de seu José!" Um dia ela ouviu. Repreendeu-os em alta voz.

D. Gertrudes, contudo, estava à beira da loucura, assim diziam. Passou, depois, a chamar nome e, finalmente, a jogar pedra. A garotada escondia-se e gritava: "Lá vem a apaixonada de seu José!"

Ela decaiu. De início, fiquei penalizado, mas, depois, comecei a invejá-la no papel de divertir os garotos. Pela manhã, à hora de ela sair, êles já andavam por perto, sorridentes, felizes, satisfeitos, aguardando a abertura da função.

Depois de regar exageradamente as flores do jardim, ela desaparecia lá para dentro. Já nesta altura a garotada andava por perto espreitando. Pouco tempo depois ela saía, com a pasta debaixo do braço, voltando-se várias vêzes para olhar o jardim. Se um dos garotos aparecia, ela dizia: "Você não tem o que fazer, seu vadio?". Se um dêles a provocava ou repelia a afronta, o céu parecia vir abaixo. Êles, todavia, preferiam ferí-la quando ela já estava bem distante...

Depois, d. Gertrudes passou a ter outra mania. Um dia, pela manhã, notei em frente à sua residência, uma grande fogueira. Saí. Lá estava tôda a garotada e mais alguns curiosos, que julgaram tratar-se de algum incêndio.

— Que é isso? — perguntei. — Não estamos ainda em São João. Será que ela o está comemorando no mês de janeiro? Coitada!

Nataniel adiantou:

— Ela agora deu para queimar a mobília, cadeira, mesa... em frente à porta da rua. Ontem espiávamos pela brecha da janela e ela jogou água fervendo, felizmente não atingiu ninguém.

Fui embora impressionado. Achei, contudo, um espetáculo lindo. Fogueira de São João em janeiro, formidável! Como invejava a garotada despreocupada, apreciando tudo! E eu era obrigado a ir trabalhar!

No outro dia acordei cedinho — com surprêsa de todos de casa e fui para a porta de d. Gertrudes. Estava linda a manhã. Poucas vêzes eu sentia aquêle ar matinal, pois era hábito meu acordar tarde. Ninguém quase na rua. Ouvia-se apenas o grito do vendedor de pão, aqui e acolá. Sentia-me ansioso. Nataniel, Preguinho e os outros já estavam presentes. De repente, d. Gertrudes escancarou a porta. Olhou-nos bastante espantada e disse: "Que desejam vocês seus diabos? Vão embora, vão embora..." — e entrou.

Aproximamo-nos da porta. E vimos que a maluca se esforçava para levar, sòzinha, o piano para a rua e queimá-lo. Tive dó dela e entrei. Olhou para mim de maneira que me acovardou, porém, quando disse que ia ajudá-la a arrastar o piano, entreabriu-me um sorriso idiota. Eu e ela tentamos arrastá-lo, todavia, foi impossível. Pensei comigo: que espetáculo lindo não seria para a garotada um piano queimando-se em plena rua! Chamei todos para ajudar a professôra. D. Gertrudes, impaciente, perdeu de vez a cabeça. Pôs-se de atalaia, jogando em cima dos moleques tudo que lhe vinha à mão, jarro, quadro, etc. Segundos depois, a sala estava vazia e eu fiquei em frente a ela. Fêz-me um sinalzinho imbecil e se dirigiu para o quarto. Fui ao seu encalço. Não sei por que eu não tinha mêdo da louca — para mim ela não era — aprovava-lhe a atitude, tinha vontade de abraçá-la e beijá-la, em nome da garotada, pela felicidade e alegria que lhes estava proporcionando. Com certo esfôrço, conseguimos pôr uma mala na calçada. E me afastei. Dentro, além da roupa, havia uma grande quantidade de papel, cartas, envelopes e músicas. Ela espalhou gasolina naquilo tudo, tocou fogo e fechou imediatamente a mala. Olhou, de soslaio, para os que estavam ao redor e, rápida, escondeu a chave no seio. E ficamos ali, aguardando que o fogo surgisse pelas brechas da mala. Quando apareceu, os meninos irromperam em gritos e aplausos. Como se sentiam felizes!

O espetáculo teve fim no outro dia. Zacarias, o dono da venda da esquina, foi à polícia. E a pobre d. Gertrudes, numa tarde, em presença dos garotos tão odiados por ela, teve que ser conduzida à fôrça para o Asilo. Logo depois, soubemos que se havia suicidado. Meu coração constrangeu-se, com dó da garotada. E os meninos de meu bairro passaram a viver tão retraídos, tão tristes...

Não me conformei. E vivia impaciente, nervoso, disposto a fazer alguma coisa por êles. Sùbitamente, nova alegria, novo personagem. Seu José, por quem d. Gertrudes se havia apaixonado, às escondidas da espôsa, distribuiu dinheiro à garotada. Todo mundo achou esquisito aquilo, pois nunca souberam que êle fôsse dado à caridade. E continuou assim por alguns dias. Tôda a gente da rua notou que o malandro do Nataniel cortara o cabelo e estava de roupa nova. À noitinha, quando a loja fechava, seu José ia para a calçada da Igreja, chamava a garotada e ia jogando para o ar o dinheiro, de prata e papel, todo o apurado do dia, na loja. E os meninos, numa algazarra infernal, lançavam-se ao solo, sob a torcida de seu José, que ria gostosamente, espalhofatosamente...

A convite de Preguinho, assisti uma vez à distribuição e fiquei encantado! Que sujeito de senso era o seu José! Todos estavam contentes, e a felicidade voltou a espalhar-se entre a garotada infeliz do meu bairro.

A mulher de seu José descobriu tudo, ficou preocupada, nervosa, fechou a loja e se foi com o marido. Eu não sei para onde. Fiquei indignado. Os boatos ainda mais me intrigavam. Eram mexericos, apenas. Seu José tinha mais juízo do que qualquer um de nós. Avaliem que, numa sessão espírita, declararam que era o espírito de d. Gertrudes que o estava perseguindo. Que grandíssimos idiotas! Tive vontade de vingar-me.

Voltou, mais uma vez, a desolação ao meu bairro. Eu me sentia também acabrunhado. O sorriso desaparecera do Preguinho, e Nataniel passou a ter roupas sujas, cabelos compridos e a viver esfomeado. Os dias iam passando monótonos, quando Cabeção furta da venda de seu Zacarias um queijo, sendo prêso e logo depois, sôlto.

Isso não podia continuar assim, pensei. Depois de d. Gertrudes e seu José, cabia-me dar felicidade à garotada infeliz de meu bairro. Chamei os principais personagens para uma reunião. Nataniel, Preguinho, Cabeção e o Chocolate. O dono da venda, Zacarias, era por demais sovina, ladrão e egoísta. Os habitantes do bairro detestavam-no, principalmente depois que mandara prender um dos garotos.

No outro lado do rio, debaixo de uma jaqueira, abri a sessão, com a presença dos quatro. Expus os meus planos. Todos aprovaram, encantados com a minha idéia. Sòmente o Chocolate replicou:

— Mas... seu José, se a gente fôr pegado e prêso?

Os outros chamaram-no de covarde e "maricas" e eu, para pôr fim à questão, disse:

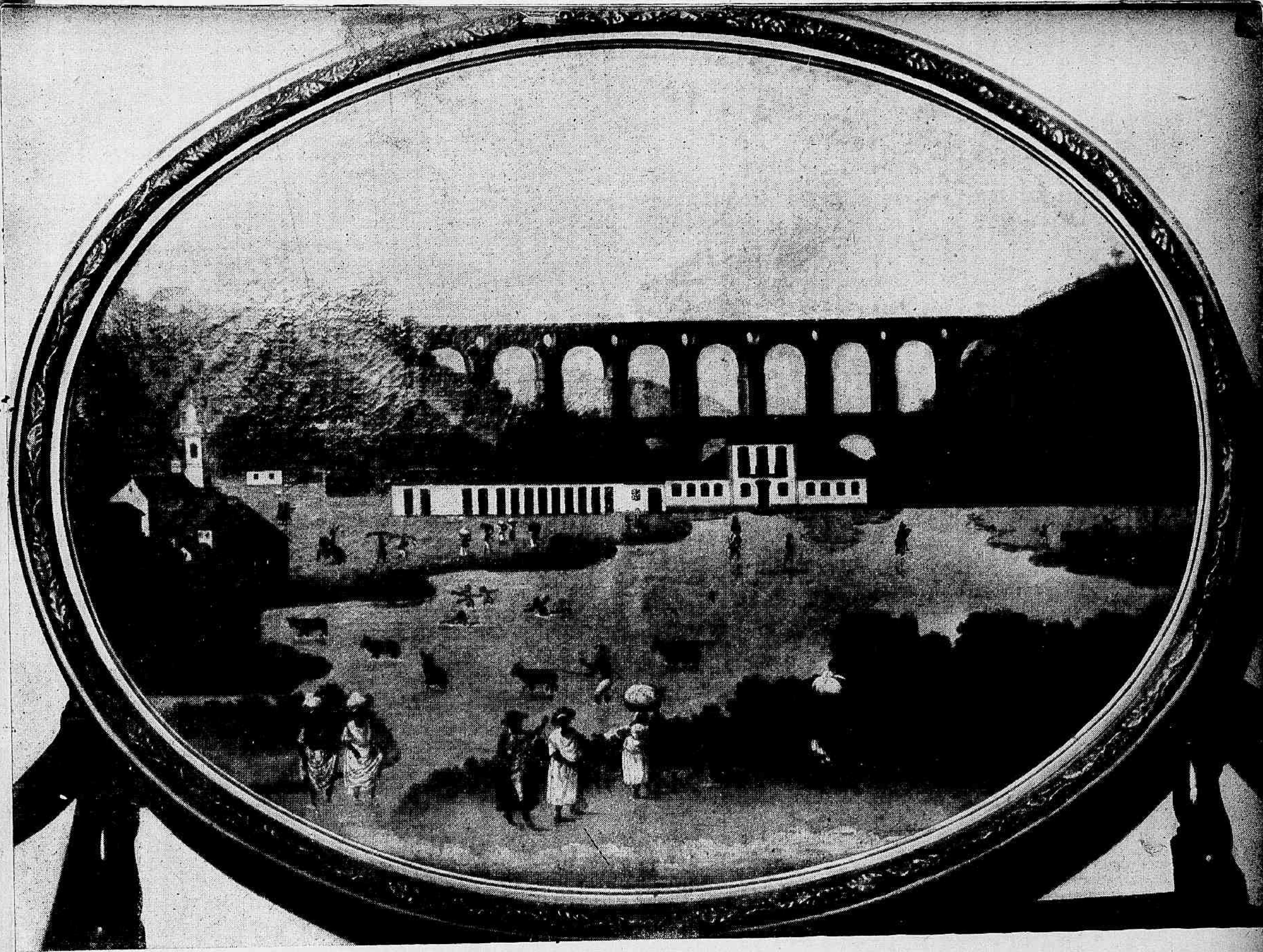
— Chocolate diz que foi você quem roubou o peru do quintal do seu Lucas. Assim... vem ou não vem conosco?

Resolvemos, então, assaltar a venda de seu Zacarias, roubar as mercadorias e distribuir com os garotos. Um pouco afas-

(Cont. na pág. 30)



Novela de EDGAR DE SOUSA MACHADO



PANORAMA do lugar onde hoje existe a Lapa, aparecendo ao fundo os Arcos — no tempo do vice-rei Don Luís de Vasconcelos. No local onde estão hoje o Metro, a Escola Nacional de Música e Automóvel Clube, existiu outrora uma lagoa contaminada: A Lagoa do Boqueirão. A direita, em último plano, uma ponta do morro de S. Antônio, cuja demolição se projeta.

OS ARCOS DO AQUEDUTO

AS ÁGUAS DO CARIOCA DAVAM AOS CANTORES BELAS VOZES E INSPIRAÇÃO AOS POETAS ★ COMIDA, BEBIDA, ROUPA E 80 RÉIS POR DIA RECEBIAM OS ÍNDIOS ★ O LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL ★ OS "ARCOS DA CARIOCA" SÃO MUITO MAIS DE AIRES SALDANHA E ALBUQUERQUE DO QUE DE GOMES FREIRE DE ANDRADA ★ OS ESCRAVOS ADORNAVAM OS BARRÍS COM PLANTAS QUE CRESCIAM NAS PROXIMIDADES DA FONTE ★ ÁGUAS ESTAGNADAS EMPESTAVAM O AMBIENTE ★ A OBRA DE GOMES FREIRE ★ OS BONDES DO AQUEDUTO.

Texto de LAURO ULLER

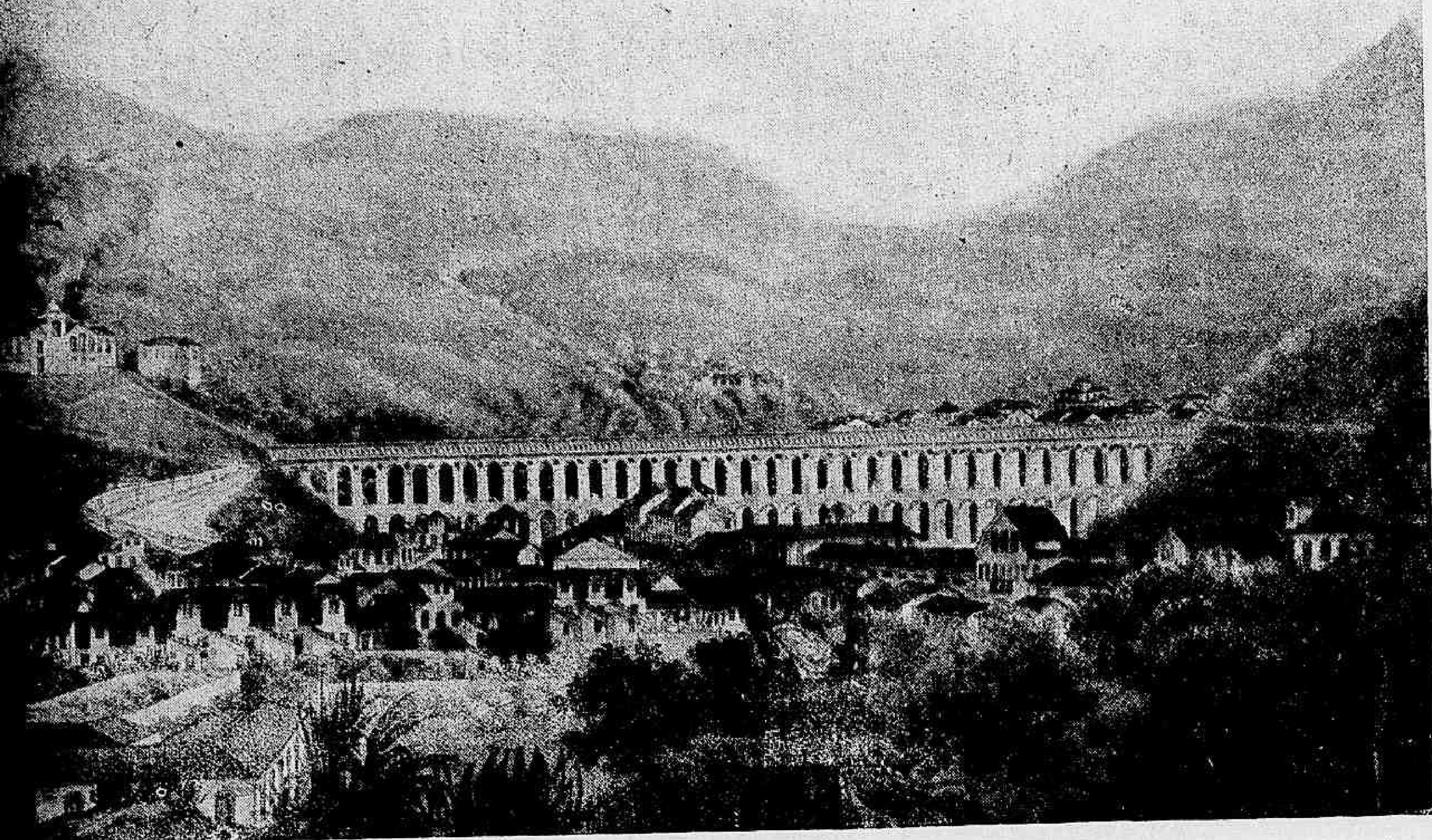
A quantos transitam pelas ruas centrais da Capital colorida (quando faz sol, é claro, pois que quando chove...) dêste Brasil, um monumento se tornou motivo, senão de contemplação periódica, ao menos de reflexão por um momento. Os ARCOS da Lapa tradicional, monumentais pela envergadura, mesmo nos dias que correm, ciclópicos para a época em que foram erguidos, admiram e espantam, não raro, mesmo aos que aqui chegam sem esperanças de encontrar monumentos semelhantes aos que deixaram em suas terras seculares. Escritores estrangeiros, historiadores e cronistas têm deixado em seus escritos. para documentação dos vindouros e para satisfação dos curiosos, referências cheias de entusiasmo pela grande obra da engenharia coloniai. E', pois, interessante para o filho da terra, o carioca natural ou "naturalizado", conhecer a história do AQUEDUTO.

E' uma história curiosa, esta. O problema do abastecimento d'água no Rio de Janeiro, que ainda hoje não está de todo resolvido, data dos primeiros anos do século 17. No govêrno de Martin Corrêa de Sá (1602), já se estudava a possibilidade de canalizar as águas do rio Carioca para abastecimento da cidade florescente dos senhores coloniais. (1)

Por essa época, era a água trazida ao centro urbano por negros da Guiné e sel-



ESTA GRAVURA apareceu no livro «Brésil», de Ferdinand Denis, editado em Paris em 1837. Deve ser bem mais antiga do que a publicação, pois as águas do rio Carioca ainda não estavam protegidas pela abóboda que aparece na foto imediata. Assim eram os Arcos naquêle tempo.



A CONSTRUÇAO da abóboda de tijólos para proteger as águas, foi determinada por Gomes Freire, mas a execução da obra só foi realizada pelo vice-rei Don José Luis de Castro, uns cinqüenta anos mais tarde, aproximadamente em 1795. Aqui está outra visão antiga dos arcos que ligam a cidade ao morro de Santa Teresa, deixando vêr, em baixo, flagrantes do velho casario.

vagens escravizados, em barris, potes e outras vasilhas. As águas dos poços cavados na cidade eram insalubres, contaminadas e de mau gôsto; já as do Carioca, pelo contrário, possuiam até qualidades miraculosas. Vinha de longe a tradição. Os tamoios, amantes da música e do batuque, lhes atribuiam valores excepcionais. Segundo a crença geral, crença que se enraizou logo entre os portuguêses, as águas do Carioca davam aos cantores belas vozes e inspiração aos poetas. Gonçalves de Magalhães, em "A Confederação dos Tamoios", se refere a tal encanto:

"Crêem êles que êsse dom, e as doces vozes,
Às puras águas devem do Carioca."

Mas, voltemos ao fio. Domingos da Rocha, arquiteto português, estudou o assunto e se comprometeu canalizar o Carioca até o centro urbano por 60.000 réis, dinheiro à vista. Precisaria o homenzinho de um pedreiro, um outro homem branco e 20 indios que trabalhariam pela comida. E pela bebida, principalmente por esta, é claro... As obras tratadas por tal preço não foram sequer iniciadas.

Entretanto, a Câmara da Cidade começava a legislação sôbre o assunto e ordenava a retirada de um curral de vacas das margens do rio. Se não canalizavam a água ao mênos cuidavam da limpeza do liquido. Isto em 1637, aproximadamente.

O inicio da canalização só se daria uns quarenta anos mais tarde. João da Silva e Sousa, governador da Capitania, de comum acôrdo com os jesuitas determinou a execução da obra. Escolheu para mestres do serviço duas pessoas competentes: João Fernandes e Albano de Araújo. Ganharia João Fernandes 500 mil réis em três prestações, duas de 150, uma no princípio e outra no meio da obra, e a terceira, de 200 mil réis, no fim.

Os serviços foram atacados. No lugar onde começaram houve festa, missa, foguetório, presença do governador, dos vereadores e do povo em geral. A velha história do lançamento da pedra fundamental...

E o governador lançou impostos sôbre vinhos e promoveu festas para angariar fundos. Os dinheiros foram desviados e a construção não andou muito bem. E surgiram dificuldades com os jesuitas, protetores dos selvagens; exigiam êles o pagamento de 80 réis diários aos trabalhadores nativos. A empreitada continuou. Foram despejados os agricultores das margens do rio de águas puras. Trabalhavam nas "águas do Carioca" 50 indios, aos quais se dava comida, bebida, 80 réis por dia e certa quantidade de algodão por mês.

Dêste modo e com dinheiro tomado a juros a "Câmara conseguiu mandar construir ARCOS de pedra e cal, que tomando as águas na base do morro do Destêrro as encaminhassem até o campo d'Ajuda. Foram os ARCOS VELHOS, cuja noticia..." (2)

E as obras se arrastavam. Pouco depois, no primeiro ano do século 18, foram paralisadas por determinação real e as verbas a elas destinadas, empregadas em fortificações.

★

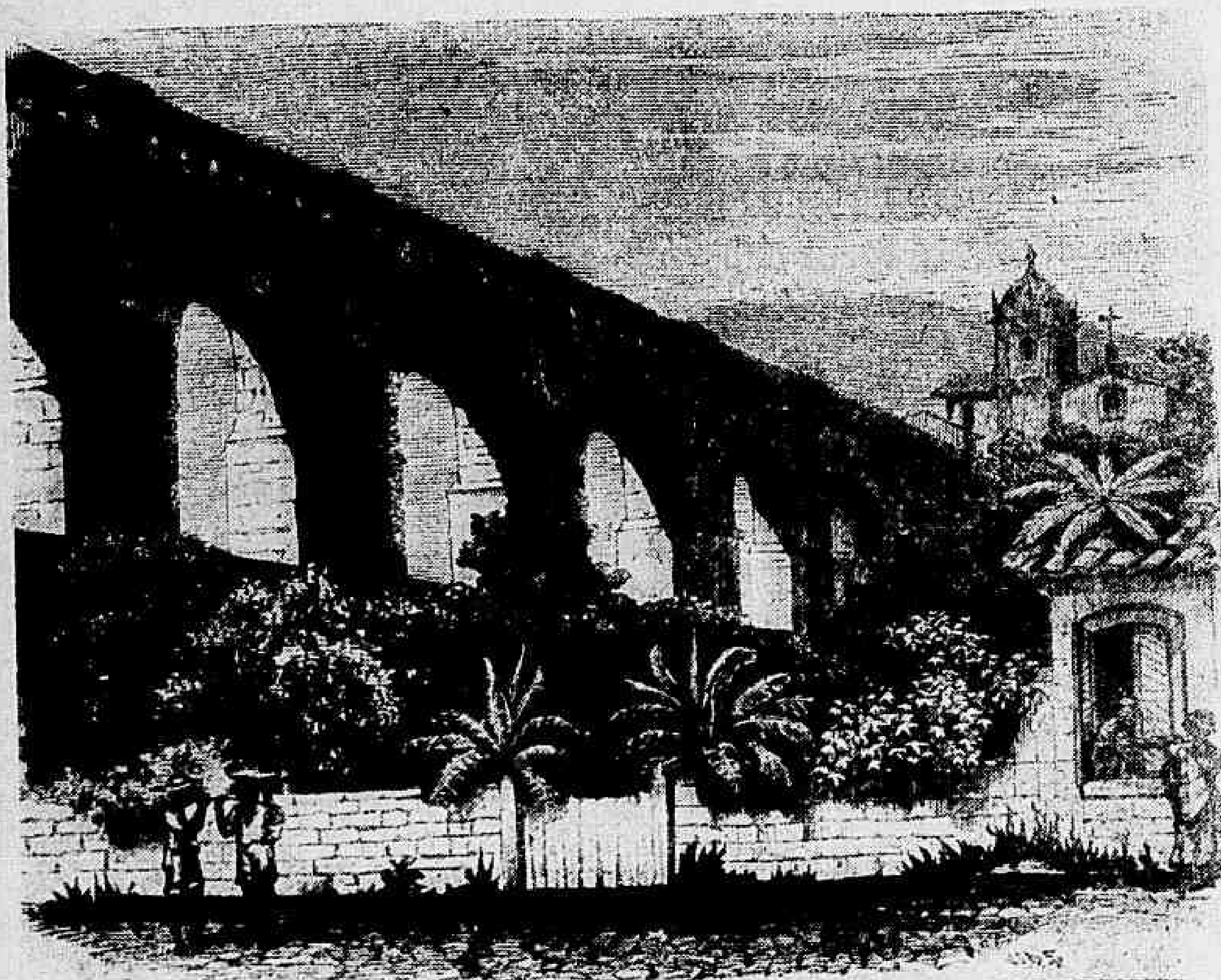
Começa, aqui, a verdadeira história dos ARCOS. Os ARCOS DA CARIOCA são muito mais de Aires Saldanha e Albuquerque Coutinho Matos e Noronha, do que de Gomes Freire de Andrada, Conde de Bobadella, como quer a inscrição nêles gravada, no principio da rua do Riachuelo:

"EL REY D. JOÃO V N. SR.
MANDOU FAZER ESTA OBRA PELO ILLMO.
E EXMO. SR. GOMES FREYRE DE ANDRADA DO SEU CONS. SARG. MOR DE BATALHA DE SEUS EXERCIT GOVR. E CAPIT. GENRL. DAS CAPTNS DO RIO DE JANR e MINAS GERS.
ANNO MDCCL"

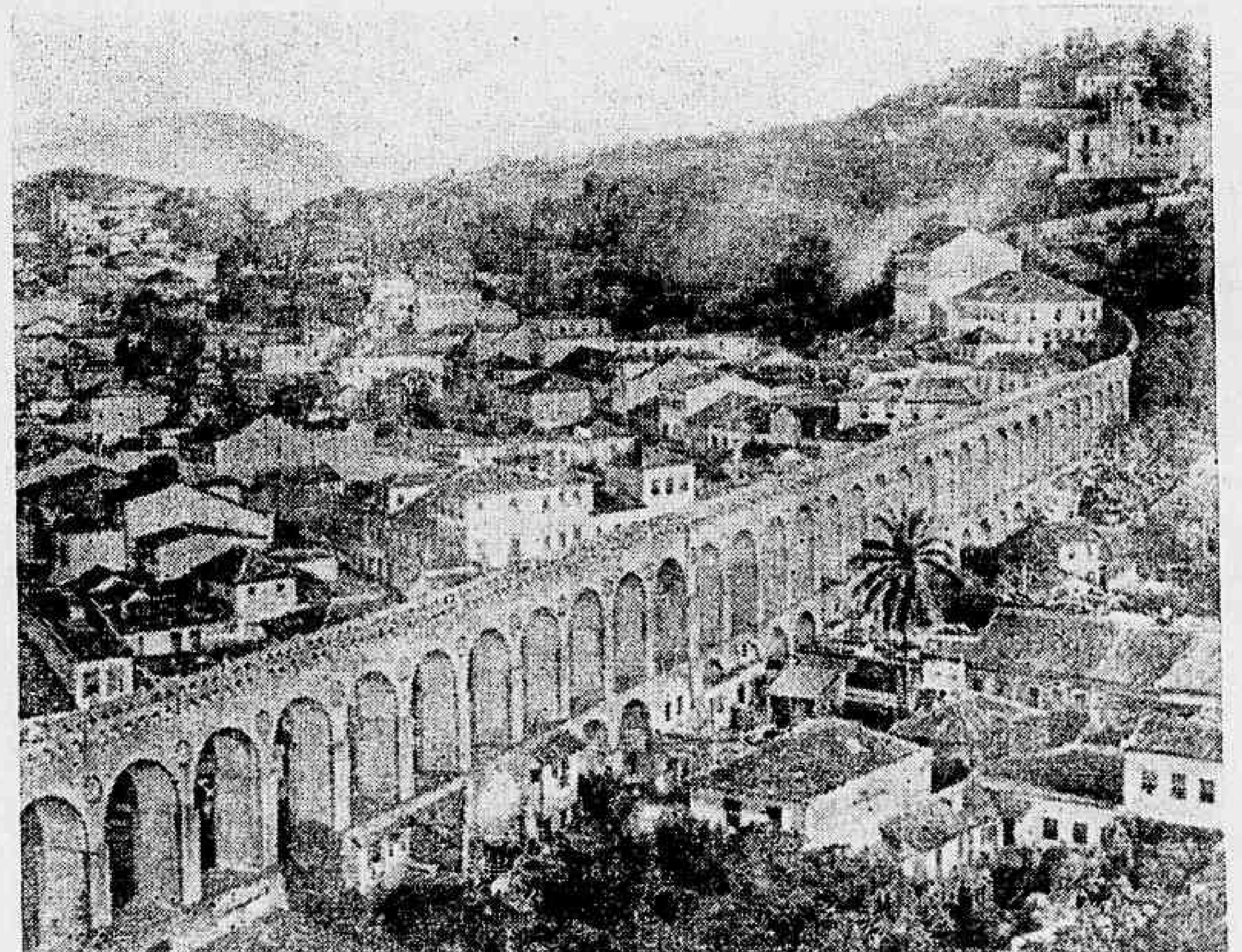
Contrariando determinações anteriores de D. João V, rei de Portugal, Aires Saldanha, Governador e Capitão-mor da Provincia do Rio de Janeiro (1719-1725), comunicava, logo no inicio da governança, irregularidades ocorridas durante a execução dos trabalhos das "águas da Carioca" e encarecia à real majestade a necessidade de se continuar o empreendimento. Apre-

(1) *O rio Carióca nasce no lugar chamado Lagoa dos Porcos, Paineiras, e segue abaixo pela ladeira do Ascurra, onde recebe o ribeirão Silvestre e o Lagoinha. Desemboca na Guanabara, na altura da rua Barão do Flamengo. Seu curso total é de 4.300 metros. Sua canalização foi projetada em 1903 pelo Prefeito Pereira Passos e terminada em 1906. Dois mil e duzentos metros do seu curso são encobertos. — NORONHA SANTOS — Revista do Patrimônio Histórico e Artistico Nacional — Ministério da Educação e Saúde — 1940, n. 4.*

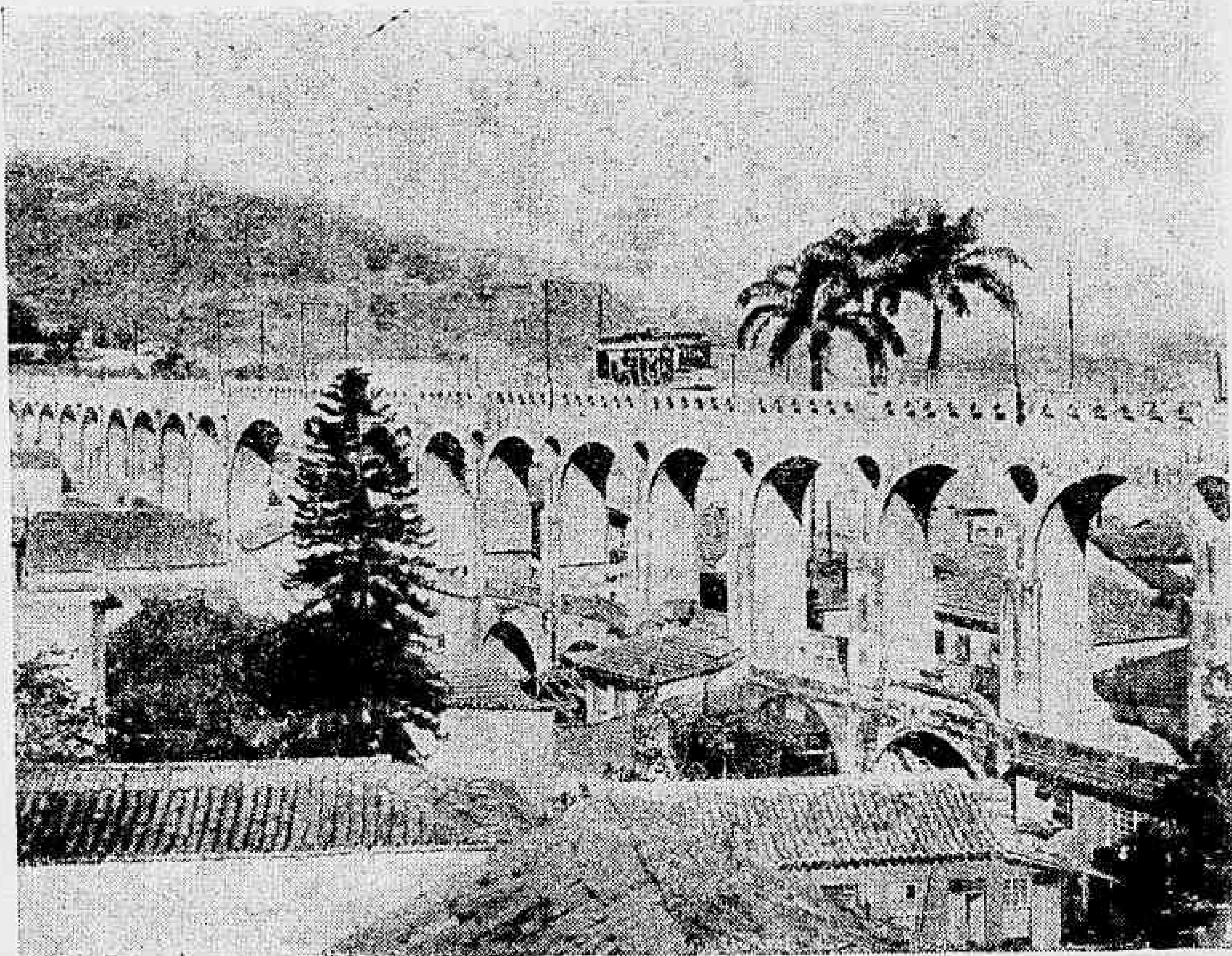
(2) *VIEIRA FAZENDA, JOSÉ — Antiqualhas e Memórias do Rio de Janeiro — Revista do Instituto Histórico — Vol. n.º 95.*



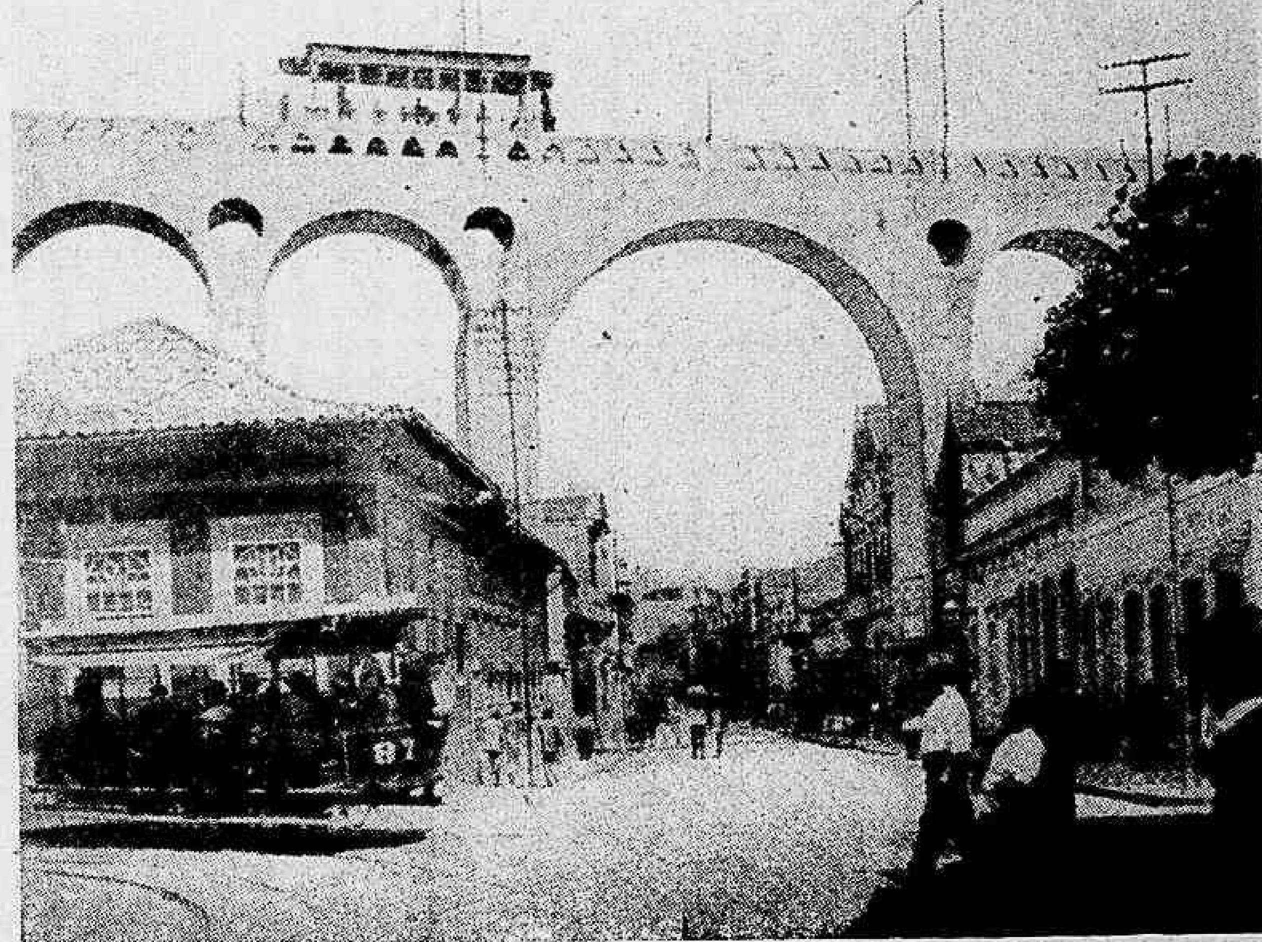
ESTA GRAVURA apareceu no livro dos padres James C. Fletcher e D.P. Kider, «Brazil and the brazilians», em 1866, mostrando a grande obra da engenharia colonial, tão comentada.



PARDIEIROS, «cabeças-de-porcos», davam ao velho monumento um aspecto detestável. Serviam de habitação, inclusive, os vãos das arcadas. Pereira Passos mandou fazer a limpeza.



E AQUI já aparecem os bondinhos da Ferro-Carril Carioca. O 1º trêcho de tração elétrica foi inaugurado em 1º de setembro de 1896 registrando forte sensação em tôda a cidade.



A PRIMEIRA mutilação dos arcos começou em 1859, por ordem imperial. Em 1872, a City Improvements lançou novo ataque e fêz-se a mutilação de outro arco, ao lado da rua Arcos

sentava o governador ao rei um projeto novo e econômico do engenheiro general Felix de Azevedo Carneiro e Cunha. O rei acedeu e os trabalhos foram recomeçados sob a direção do Capitão-mor das Minas Gerais, Custódio da Silva e Vicente Lopes Vieira. Aproximadamente, 9.000 canos de barro foram encomendados às olarias da Bahia, tudo ao prêço de 3 contos, 555 mil e 515 réis. Os canos chegaram, e o encanamento, em ritmo acelerado, logo chegou ao Campo da Ajuda, no local até onde haviam chegado as calhas dos "Arcos Velhos". Aires Saldanha manifestou-se, então, pela continuação do aqueduto na direção do Morro de Santo Antônio e avaliou a despesa em 30 contos aproximadamente. Novos embaraços surgiram, entretanto. A alteração do traçado acarretava dificuldades e o rei mandou suspender a obra e intimou o governador a provar, com planta nova e razões, as vantagens do novo traçado.

"Aires de Saldanha não obedeceu à ordem de suspender os trabalhos, e em minuciosa carta (26-7-1720), desculpou-se desta resolução com razões ponderáveis...". "Remeteu também os esclarecimentos solicitados, planta e medidas, e informou dos pareceres favoráveis..." (3)

E Saldanha, têmpera de aço, determinação, manda prosseguir o trabalho de pedra e cal na direção do Morro de Santo Antônio. Em 1722, três anos depois de começado, estava o Aqueduto dos Arcos quase concluído e em carta ao rei dizia Saldanha que em pouco, dois meses, a água estaria junto aos muros da cidade. Os muros da cidade eram fortificações que protegiam o centro urbano, construídos por João Macé, e que passavam pela atual rua Uruguaiana até a Igreja do Rosário e de lá, dando volta, terminavam no Castelo, passando por trás da igreja do Parto.

Entretanto, encomendara já o governador à Côrte, dois chafarizes que dariam de beber ao povo as águas encantadas e cristalinas do Carioca.

E mandara as medidas. O rei manda buscar a importância do custo dos mesmos. Saldanha as remete. Em 1723 estava concluído o Aqueduto dos ARCOS. Custara 20.000 cruzados a menos do que os orçamentos. Aires Saldanha, com pouco dinheiro e em breve tempo, resolvera um problema que desafiara a boa-vontade e a determinação de 59 antecessores seus.

O povo exultou de contentamento. Os escravos carregavam os barris adornados com ramos de plantas que cresciam nas proximidades da fonte. Provavam, assim, aos seus senhores que aquelas eram de fato "águas da Carioca".

O chafariz tinha a fachada de pedra e doze bicas de bronze que lançavam água em abundância sôbre o tanque "onde se recebe as mesmas águas nos barris e potes dos aguadeiros". O frontispício era coroado pelas armas portuguêsas. As águas que sobravam do chafariz eram despejadas num reservatório onde bebiam os animais e as que sobravam dêste, despejavam-se num outro onde se lavava roupa. Também do reservatório — tanque de lavar roupa — sobravam águas, era natural, a nascente não parava... Pois sobravam... e alagavam as redondezas, empestando tudo e exalando mau cheiro.

Por determinação real, e a pedido de Saldanha, foi construído um esgôto de pedra que canalizando as sobras do chafariz as lançava no mar, na Prainha.

Em 1829 foi demolido o chafariz primitivo e erguido outro. Nêle havia uma inscrição:

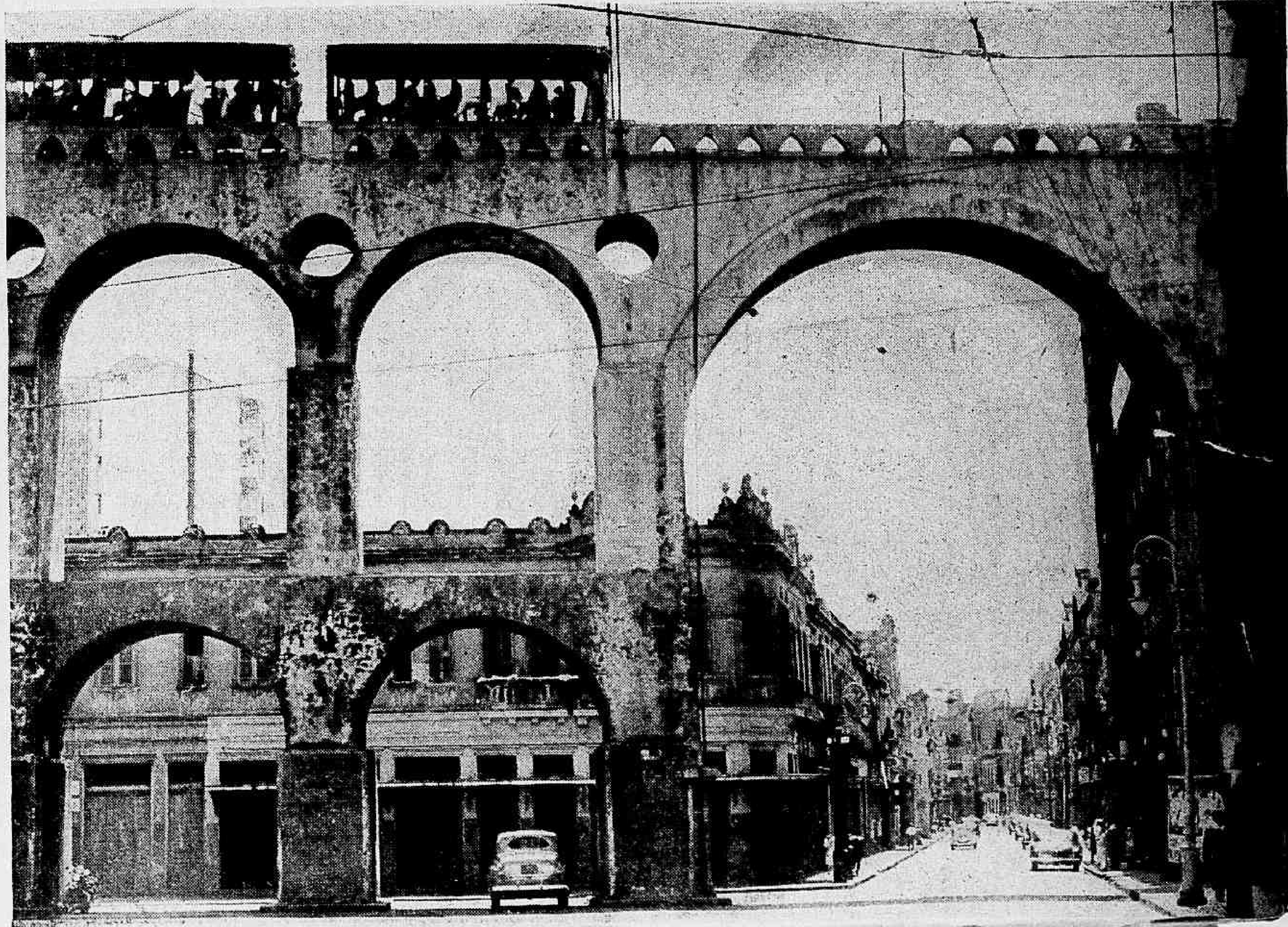
"Sendo Governador Aires de Saldanha
se fêz sob sua direção esta obra.
Principiou em 1719
E foi concluída em 1723."

★

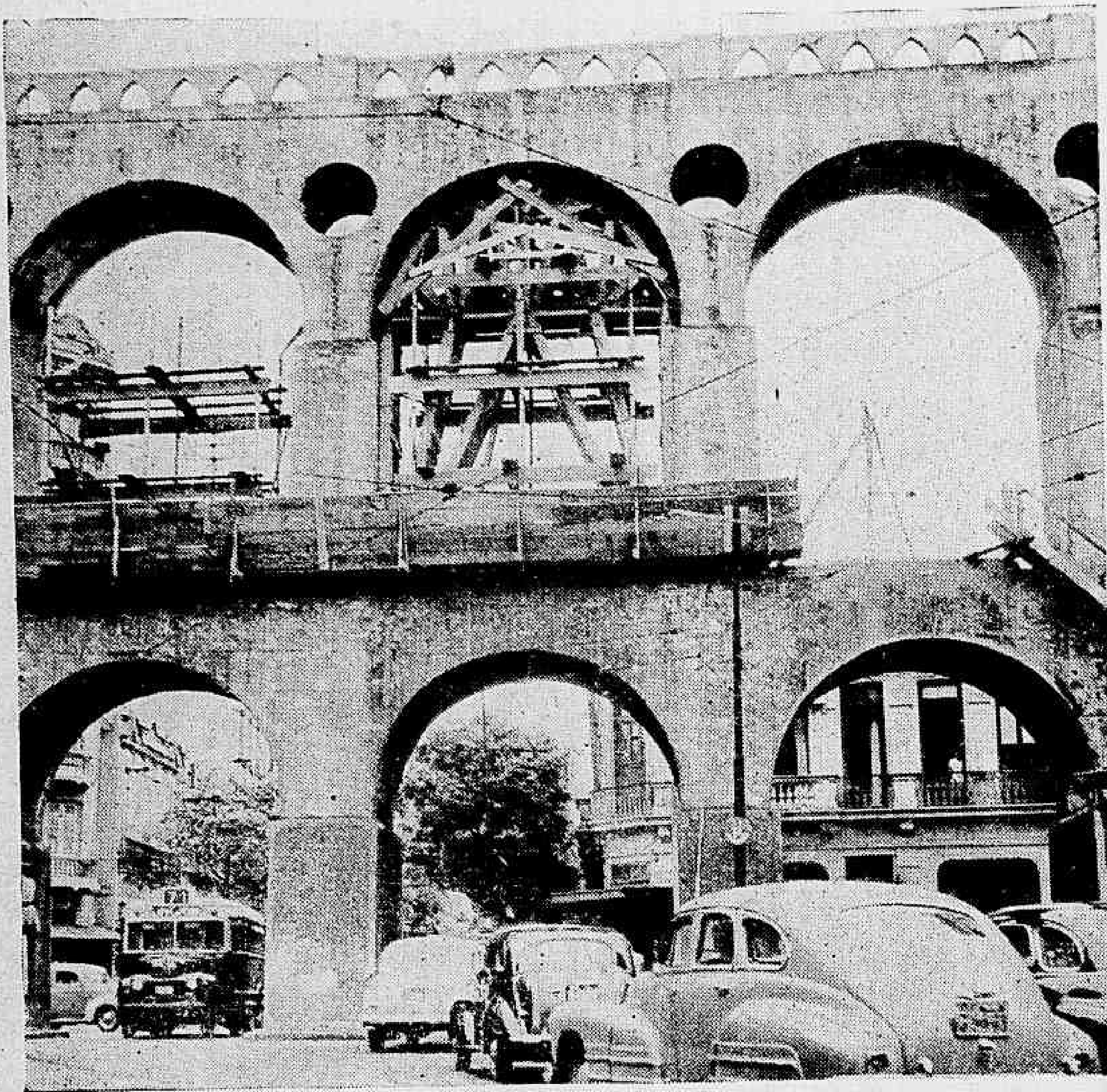
Entra, agora, em cena Gomes Freire de Andrada. O estado geral do aqueduto era precário; escravos fugidos haviam depredado os encanamentos; penas de galés e açoites haviam sido lançadas sôbre eventuais depredadores.

Em 1744, Gomes Freire de Andrada inicia, autorizado pelo rei, a obra de reparo geral do aqueduto, com pedras do país, mais baratas que as de Portugal, com arcaria dupla. As águas até então eram ca-

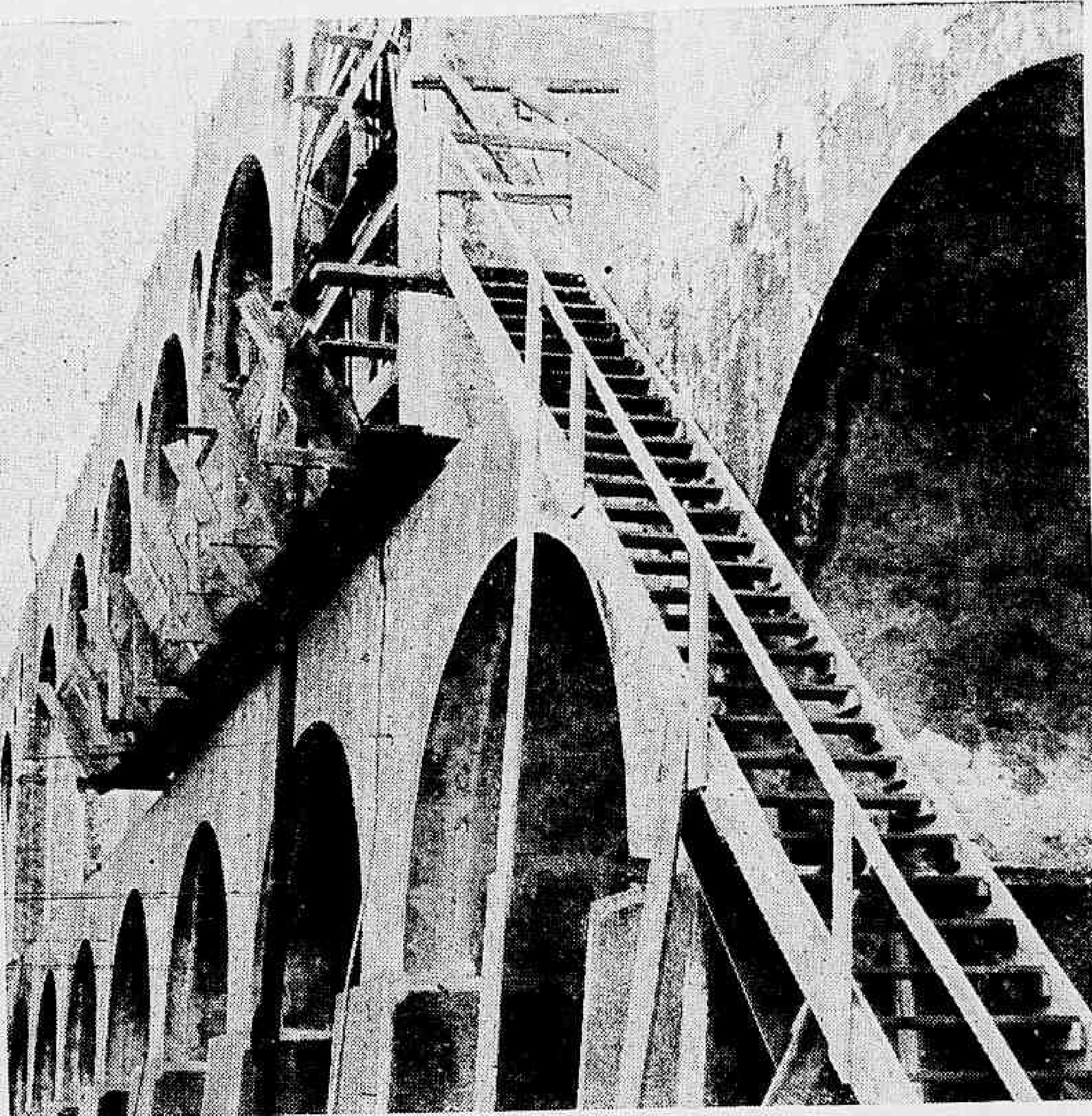
ASPECTO ATUAL da mutilação de 1859-1872. A Côrte, pela Câmara Municipal, em 1859, determinára a retirada do pilar que ficava no centro da ruas dos Arcos. Em 1872, a City atacou a picões e picaretas, o gigante de pedra, serviço que obedeceu ao princípio do «bem do trânsito». Já então a cidade começava a crescer, impondo essa ampliação para melhor servir ao trânsito.



(3) *JOSÉ SOUZA REIS — "Arcuatum opus" — "Arcos da Carioca" — Tese apresentada à Congregação da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, para concurso de provimento da cadeira de História da Arte — Estética — Rio, 1959 — Obra ainda não publicada.*



E O PREFEITO Angelo Mendes de Morais, também por motivos urbanísticos e «transitórios», mandou fazer com o pegão da rua Riachuelo, o que a City fizera com a rua dos Arcos



PORMENOR das obras na última demolição, levada a efeito em 1950. Houve protestos do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e do sen. H. Nogueira, em pura perda.

nalizadas por calhas abertas e ficavam expostas ao sol e à contaminação. Eram, por outro lado, desviadas por rupturas e depredações. Gomes Freire determinou o fechamento das calhas com abóbadas de tijolos. O aqueduto foi grandemente modificado em seu aspecto geral e reforçado consideràvelmente na sua estrutura. Podia, assim, enfrentar os séculos do futuro: estava sólido. Foi engenheiro-chefe da obra, José Fernandes Pinto Alpoin.

★

No tempo do vice-reinado de Dom Luis de Almeida Portugal, segundo Marquês do Lavradio, o aqueduto foi novamente reparado. Granito do Brasil, argamassa, areia, cal e azeite de peixe foram os materiais usados.

Posteriormente, foram canalizadas para o aqueduto águas de outras correntes, pois que sòmente as do Carioca já não bastavam à população. Quebrava-se o mito das águas encantadas de que falou o poeta:

"E onde, estulto velho, onde acharemos
O ceu de Niterói? As férteis plagas
Do saudoso Paraiba? E as doces águas
Do saudoso Carioca, que suavizam
Dos cantores a voz melodiosa?"

As correntes que se juntaram a do Carioca foram as dos ribeirões Silvestre, Cabocla e Lagoinha. As águas puras vinham agora misturadas...

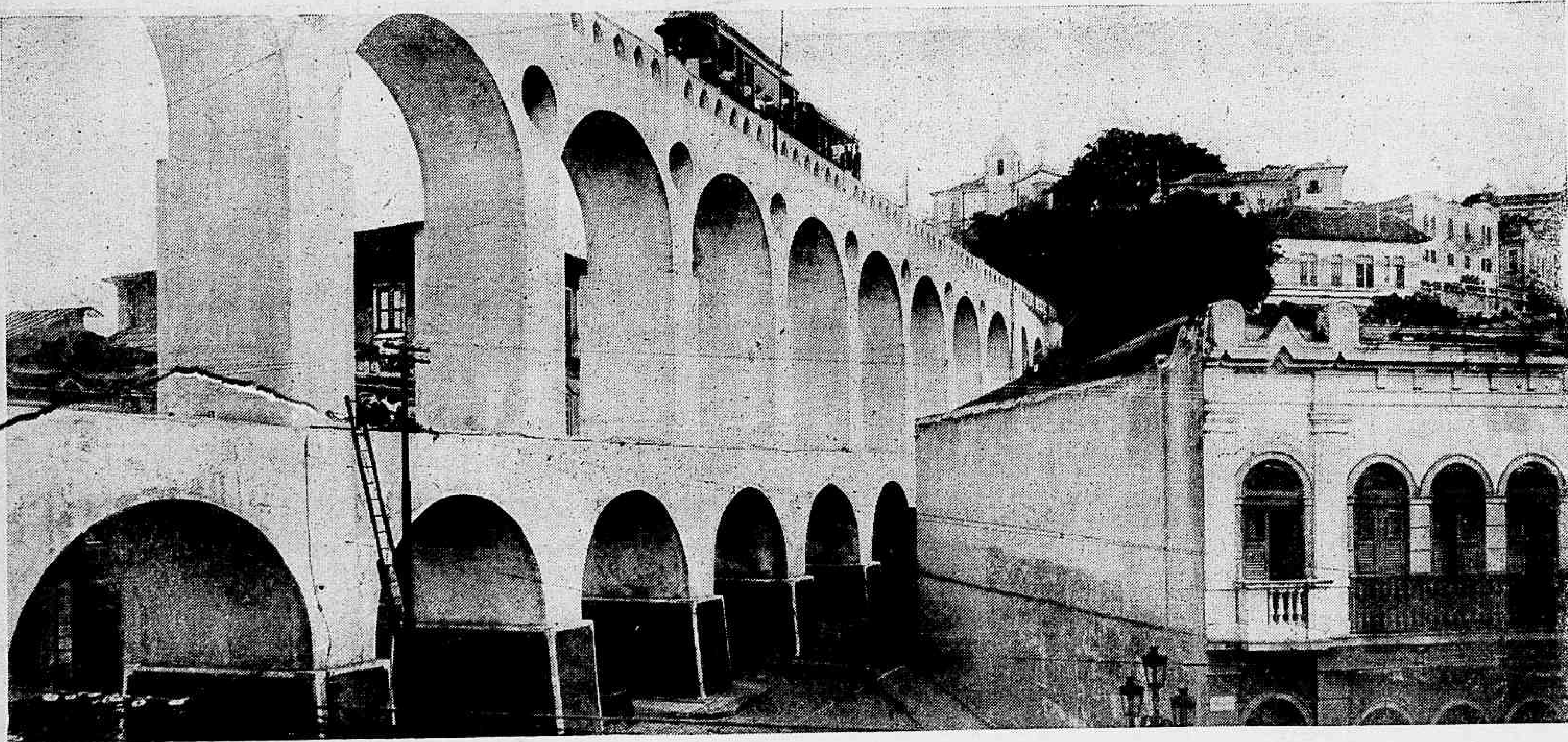
Durante mais de um século o aqueduto serviu à população. D. João VI, quando de sua permanência no Brasil, fugido de Portugal, das tropas napoleônicas de Junot, também se interessou pelo abastecimento de água da cidade que crescia. Novos chafarizes foram inaugurados em outros locais e outras nascentes foram aproveitadas.

A última fonte da Carioca foi construída em 1832. Tinha 40 bicas, 36 para barris e 4 para pipas, com uma capacidade de derrame de 1.540 pés cúbicos por hora, água suficiente para encher 20.870 barris por dia. A fonte, de linhas retas e aspecto sóbrio, era um dos pontos principais de convergência da vida da Cidade.

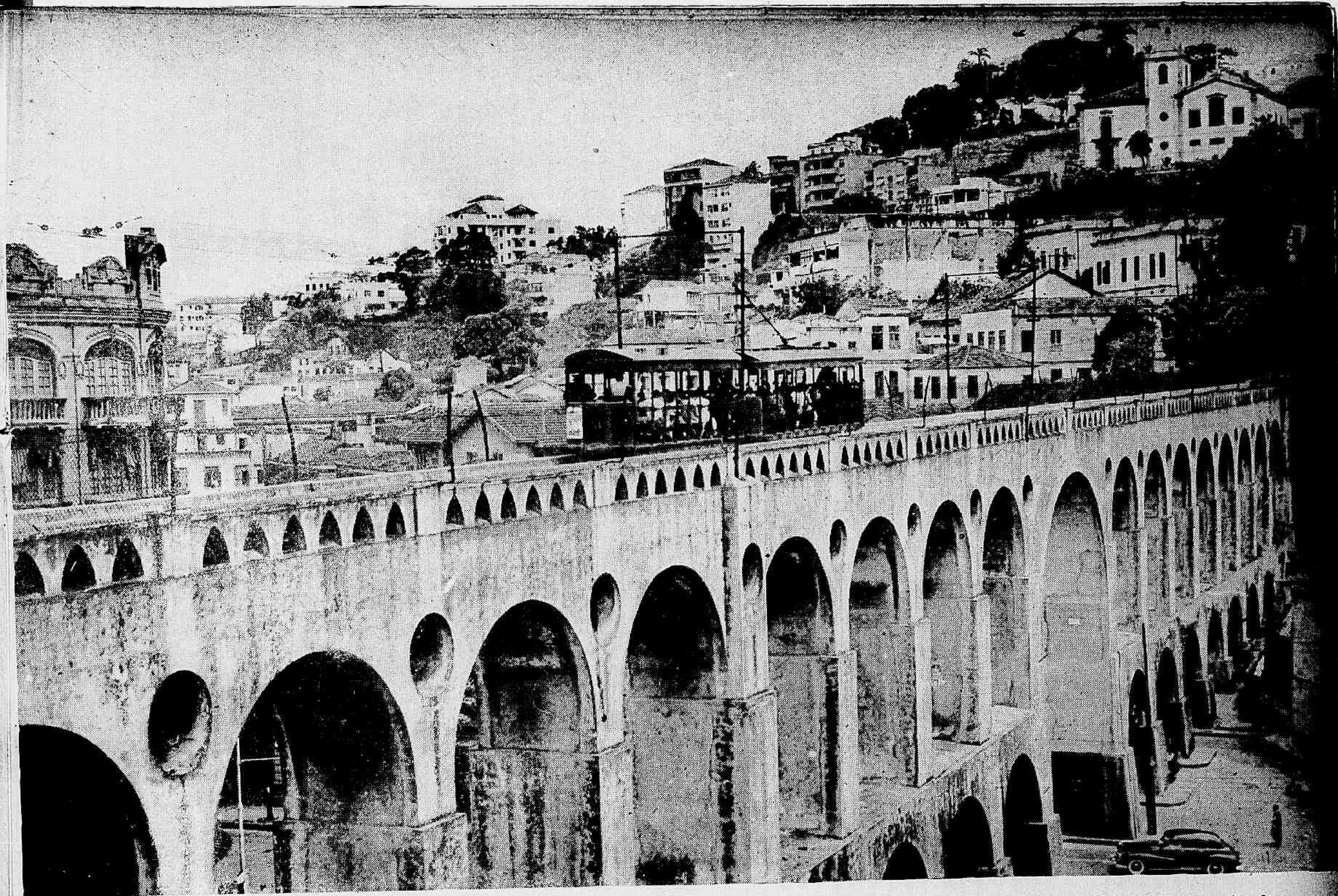
Em 1860, aproximadamente, por determinação imperial e a bem do trânsito, se mandou tirar um dos pegões que ficava no centro da rua dos ARCOS. Ainda mais tarde a City Improvements, com riscos de desabamentos, demoliu dois arcos, substituindo-os por um. Provada estava, assim, a resistência da construção colonial.

★

Em 1896, a Prefeitura realizou experiências para aproveitamento do velho aqueduto como viaduto. O engenheiro fiscal da Municipalidade, José Emidio Pereira dirigiu os trabalhos. Fêz o técnico passar sôbre o monumento um carro com 10 to-



ARCOS e adjacências, antes do côrte recente. O último pilar à esquerda, do qual só aparece pequeno detalhe, foi retirado. A determinação do Prefeito e as necessidades do trânsito, venceram por fim os movimentos de protesto e tôdas as resistências malograram. A Secretaria de Viação e Obras Públicas cuidou de realizar as obras discretamente, sem grande alarde.



ESTA fotografia mostra o velho aqueduto, o atual viaduto, já sem o pegão que aparece, em pequeno detalhe, na foto anterior. E os bondes de S. Teresa ainda transitam à vontade...

ASPECTO atual do viaduto de S. Teresa: veículos por sôbre e por sob o monumento colonial. O arco suprimido, na direção da Av. Mem de Sá, aí aparece depois de concluída a obra.





AINDA os arcos, os bondinhos — e a feira-livre, instalada no mesmo local, onde, nos velhos tempos, se aglomeravam os escravos com as suas «quitandas». A finalidade era a mesma.



ÊSTE arco maior, ocupa hoje o mesmo lugar ocupado outróra por 4 pequenos e 1 pilar Saída da rua do Riachuelo, na direção da Cinelândia. E os veículos passam folgados.



O Largo dos Pracinhas ocupa lugar da remota, contaminada e soterrada Lagoa do Boqueirão. Essa nova denominação foi dada após a guerra, com o regresso das tropas brasileiras.

neladas de carga. O veículo ficou estacionado sôbre o arco principal durante duas horas. As experiências lograram pleno êxito e a Companhia Ferro-Carril Carioca firmou contrato para exploração dos serviços de transportes de Santa Teresa durante 35 anos. No dia 1º de setembro de 1896, inaugurava-se o primeiro trecho de tração elétrica da Companhia Carioca e se iniciava o tráfego sôbre o aqueduto transformado em viaduto.

O último chafariz da Carioca foi destruído em 1925, Prefeito do Distrito Federal o senhor Alaor Prata Soares e engenheiro da destruição, Angelo Punaro Barata. Paulo de Frontin, em 1889, "em seis dias", abastecera de água a Cidade. O chafariz já não prestava serviços; o Largo da Carioca precisava ser alargado; a antiga fonte podia desaparecer.

Em 1950, por determinação do Prefeito General Ângelo Mendes de Morais, a velha obra sofreu novo assédio. A Secretaria de Viação e Obras da Prefeitura do Distrito Federal, discretamente, para não causar grande espanto, dirigiu o ataque contra o pegão em frente à rua do Riachuelo. O movimento intenso de veículos no centro da Cidade obrigava o corte. Seria sacrificado um pilar, e um arco grande passaria a ocupar o lugar de quatro pequenos, superpostos dois a dois. A iniciativa teve a condenação de parte da opinião pública, e, no Senado, o senador Hamilton Nogueira bateu-se veementemente contra a medida. O "Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional" tentou, também, resguardar do corte, a grande obra colonial. A determinação do Prefeito e as necessidades do trânsito, venceram, por fim, a tôdas as resistências. O monumento foi mutilado.

O antigo aqueduto, entretanto, e atual viaduto, continua a prestar serviços. À uma altura de 46 metros acima dos arcos inferiores e a 64 do solo, passam os bondinhos transportando o carioca a um dos mais pitorescos bairros da Capital: Santa Teresa.

O que não sofrerão os Arcos da Carioca com o planejado desmonte do Morro de Santo Antônio? O futuro dirá...

A inscrição não é verídica: Os Arcos da Carioca são mais de Aires Saldanha e Albuquerque Coutinho Matos Noronha, do que de Gomes Freire de Andrade. O centenário foi em 1950.

ELREY D JOAÕ V NSR.
MANDOU FAZER ESTA OBRA PELO ILLMO
E EXMO SR GOMES FREYRE DEANDRADA DO
SEU CONS SARC MORDEBATALHA DE SEUS EX
ERCIT GOVR E CAPIT GENRL DAS CA:
PTNS DO RIO DEJANR EMINAS GERS
ANNO MDCCL

AMÔRES OCULTOS

QUANDO o Brasil entrou na guerra, havia no Rio de Janeiro grande rebuliço. O entusiasmo era geral, embora de fundo doloroso, pois, imediatamente tôda a nação se movimentou para prestar serviços na defesa da pátria, enquanto a Cruz Vermelha Brasileira abria um curso para instruir moças na carreira de enfermagem.

Foi por essa ocasião, que saí da minha casa, situada na Avenida Atlântica, para alistar-me como enfermeira da Cruz Vermelha, pois ansiava por conhecer a vida sob todos os aspectos. Adorava a minha profissão, dedicava-me a ela com grande ardor, e assim vivia feliz até o dia em que entrou na minha sala de trabalho para falar com o meu chefe, um químico de nome Marcelo.

Marcelo descendia de franceses, tinha olhos azuis, cabelos louros, era alto e muito bem feito de corpo.

Ao vê-lo, uma grande simpatia nasceu entre nós dois, que se converteu em forte amizade.

Tôdas as tardes saíamos juntos do trabalho, e Marcelo levava-me a casa de automóvel.

Um dia, eu estava no meu gabinete de trabalho, quando a campainha do telefone tilintou e uma voz de mulher pediu-me que chamasse Marcelo.

Atônita, fiquei prestando atenção ao que êle dizia.

Êle falava-lhe como se fôsse seu namorado.

Fiquei muito aborrecida com aquilo, e meu chefe vendo-me triste perguntou-me:

— A senhora gosta do dr. Marcelo, dona Luiza?

O sangue subiu-me ao rosto, e não disse nem uma palavra.

— Pois saiba dona Luiza, que está perdendo o seu tempo, porque êle é noivo e vai casar-se no mês que vem.

Estremeci, virei o rosto para o dr. Alberto não ver minhas lágrimas e perguntei-lhe:

— Casa-se com quem, dr. Alberto?

— Com moça muito rica, filha de grande médico, proprietário de um dos melhores hospitais do Rio.

Eu não disse nem mais uma palavra e continuei fazendo o meu serviço.

Marcelo casou-se, e eu fiquei vinte dias sem vê-lo.

Quando voltou para trabalhar era outro homem; um indiferentismo dissimulado passou a existir na sua fisionomia, o seu rosto que era alegre, tornou-se taciturno e uma semana após ter voltado da sua lua-de-mel, Marcelo seguiu-me na rua.

Passei a tratá-lo com absoluto desprêzo, e êle fingia não perceber.

Uma manhã, ao chegar à Cruz Vermelha para iniciar as minhas atividades, soube que Marcelo me havia requisitado para trabalhar com êle no seu laboratório.

Fiquei muito preocupada, porém não havia outro remédio senão cumprir as suas ordens.

Excitadíssima fui ao seu laboratório, êle achava-se sòzinho; ao ver-me acercou-se de mim.

— Então? Estás satisfeita? Aqui tens o que desejas — disse-me com doçura na voz.

Ante a sua atitude, o sangue agitou-se-me nas veias; porém, não disse nem uma palavra.

Êle continuou:

— Vais ser a minha auxiliar, podes iniciar as tuas atividades; és moça inteligente, de modo que fàcilmente te adaptarás aos meus serviços.

Empalideci ante a sorte que me esperava; porém, resolvi manter a minha dignidade, nem que para isso fôsse preciso cometer um delito.

Daquele dia em diante, transformei-me em estátua de gêlo.

Marcelo estava louco! Louco de amor por mim! O seu desejo não satisfeito, transformara-se em grande admiração e respeito.

No dia 14 de dezembro de 1941, Marcelo foi chamado para servir a pátria.

Fiquei preocupadíssima, porque ocultamente o amava, e estava habituada a vê-lo sempre ao pé de mim.

Três meses fiquei sem ter notícias de Marcelo!

Um dia, quando cheguei ao laboratório, soube por um servente que a enfermeira-chefe queria falar-me.

Imediatamente, fui ao seu gabinete; assim que me viu, veio ao meu encontro dizendo:

— D. Luiza, a senhora foi designada para servir na frente de batalha.

Senti um choque e disse-lhe:

— D. Maria, a senhora não pode dispensar-me disso?

— Não, a senhora sabe falar inglês correntemente, está capacitada para exercer as funções de chefe, portanto; vai chefiando um grupo de enfermeiras.

— Quando devo partir?

— O mais breve possível.

Uma semana depois eu partia para a Europa, a fim de desempenhar a função que me fôra designada.

Ao chegar a Roma, soube que Marcelo tinha sofrido um desastre, e achava-se hospitalizado na Cruz Vermelha Brasileira.

Imediatamente fui até lá; atendeu-me a enfermeira chefe, que me acompanhou até ao leito do acidentado.

Êle estava imóvel e com o rosto coberto de gase.

Aflita, perguntei:

— Como foi isso, D. Sofia?

— Estava fazendo pesquisas no laboratório, quando houve uma explosão e ficou com o rosto todo queimado.

— E ficará bom?

— Bom fica; mas defeituoso, pois o seu rosto está cheio de cavidades e, além disso, está cego.

— Cego?!

— Sim; mas o médico disse que poderá recuperar a visão, ficando de olhos fechados por algum tempo, pois a sua cegueira é devida ao fulgor da explosão.

— E êle sabe que está assim?

— Não; pensa que são queimaduras ligeiras, e que cedo ficará restabelecido.

— Pobre Marcelo! — disse eu sem poder conter as lágrimas.

— A senhora é parenta dêle?

— Não.

— Êle gosta muito de uma moça; pediu-me que não dissesse nada a ela. No seu delírio, só pronunciava o nome dela; chama-se Luiza.

Sem poder conter o desespêro de minha alma, exclamei:

— Marcelo!

A enfermeira, compreendendo a situação, perguntou-me:

— A senhora chama-se Luiza?

— Sim.

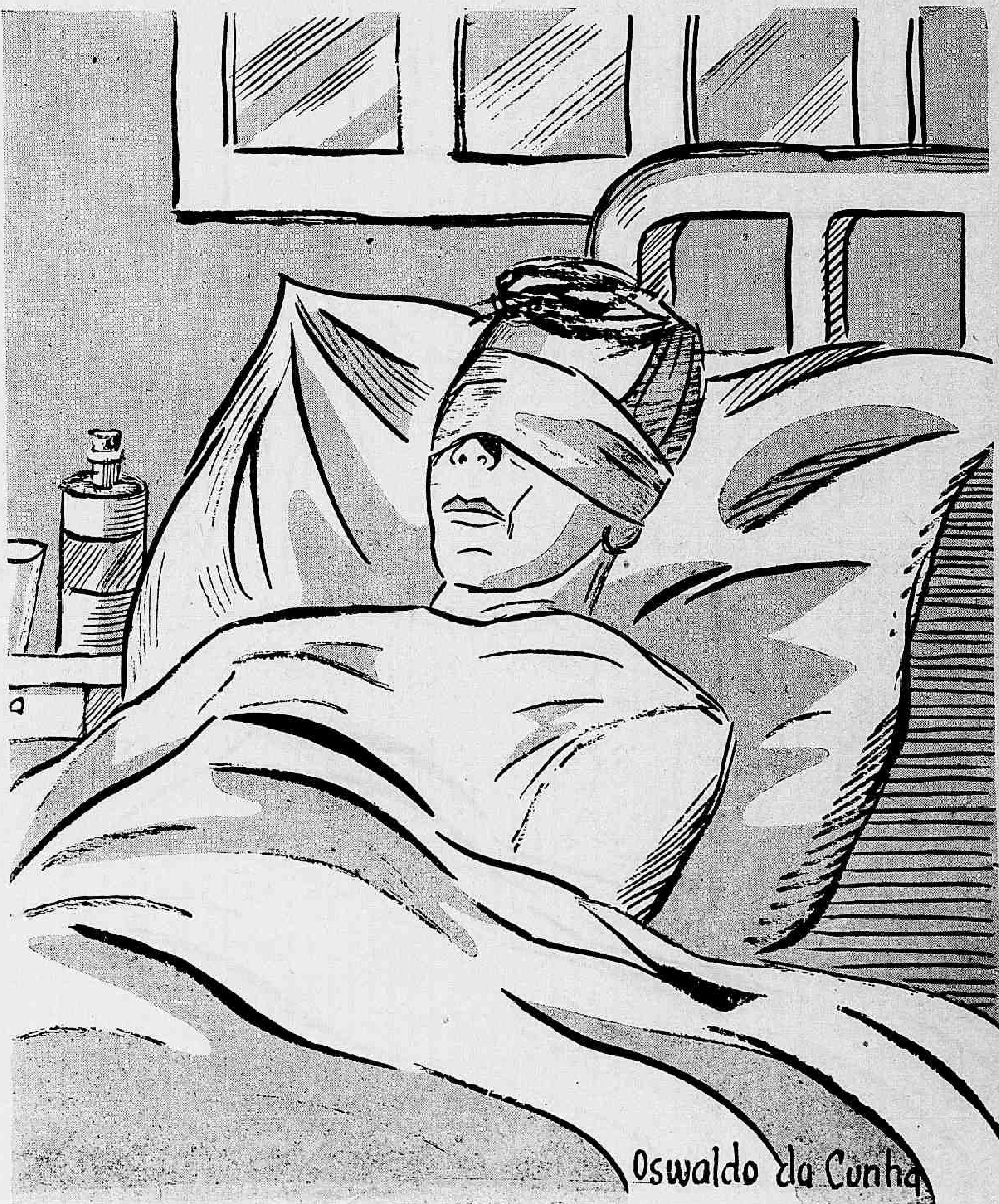
— Foi designada para trabalhar neste pôsto?

— Sim senhora — disse eu com a voz embargada pelas lágrimas.

— Então pode tomar conta do seu doente, pois nós estamos com escassez de enfermeiras e êle necessita de uma pessoa que o acompanhe, porque está nervosíssimo e

(Cont. na pág. 30)

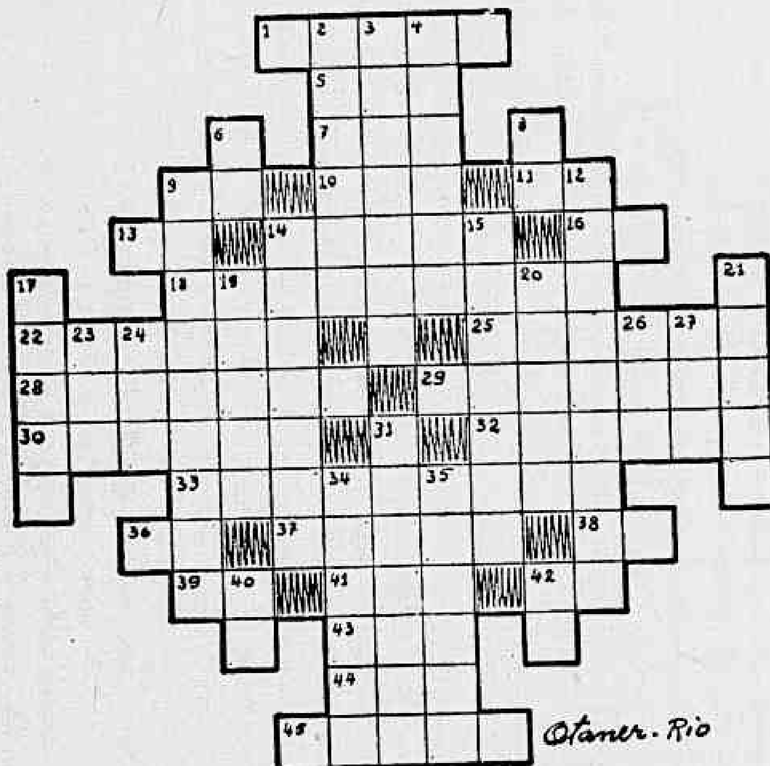
CONTO DE IRENE BATISTA DE CASTRO ★ ILUSTRAÇÃO DE OSWALDO DA CUNHA



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 39 - PARA VETERANOS

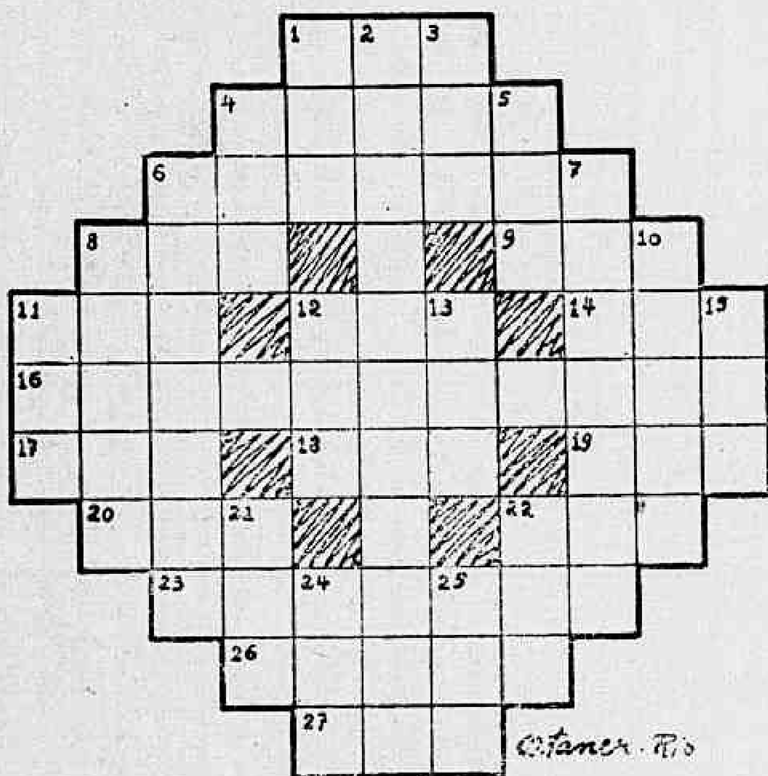
HORIZONTAIS: — 1. Adivinho — 5. Terra natal — 7. Cidade da Alemanha — 9. Pronome pessoal — 10. Nome de mulher — 11. 3ª letra do alfabeto árabe — 13. Vapor — 14. Consanguinidade — 16. Símbolo do bário — 18. Descairia — 22. Cabana — 25. Emenda de um êrro num impresso — 28. Mestre de obras — 29. Manifestar-se — 30. De formas redondas — 32. Matizara — 33. Fervorosos — 36. Divisei — 37. Imaginária — 38. Aqui — 39. Sadia — 41. Colocar — 42. Piparote — 43. Interjeição que exprime afirmação — 44. Medida chinêsa de capacidade — 45. Onus (pl.).



VERTICAIS: — 2. Ganir — 3. Vento brando — 4. Corredeira — 6. Egoismo — 8. Antiga nota musical — 9. Atraiçoarieis — 12. Com abundância — 14. Cortara — 15. Solitário — 17. Ligara — 19. Adriça — 20. Chega-e-vira — 21. Mariola — 23. Interjeição de saudação — 24. Medida javanêsa de extensão — 26. Comandante turco — 27. 5º mês do calendário etíope — 31. Lágrimas — 34. Favorito — 35. Tranqüilo — 40. Corifeu — 42. A origem dos seres, segundo a mitologia amazônica.

★

PROBLEMA N.º 39 - PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Mau cheiro — 4. Fundador da religião muçulmana — 6. De carne (pl.) — 8. Sapo das regiões do Amazonas — 9. Astro-rei 11. Cachaça de mau gôsto — 12. Nome de homem — 14. Oceano — 16. Causara descontentamento — 17. Lá — 18. Sobrepeliz — 19. Desde — 20. Contração (pl.) — 22. Conjunção adversativa — 23. Que soem — 26. Círculos — 27. Gênio.

VERTICAIS: — 1. Afluente esquerdo do Reno — 2. Introdução clandestina de mercadorias estrangeiras sem pagar os direitos — 3. Goste — 4. Perverso — 5. Planeta nº 221 — 6. Individuos muito inteligentes — 7. Adicionadas — 8. Além — 10. Deuses domésticos, entre os etruscos e romanos — 11. Fétido — 12. Argola — 13. Ódio — 15. Título abissínio — 21. Forma reduzida de senhor — 22. 12ª parte do ano — 24. Contração (pl.) — 25. Semelhante.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 38

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Má — La — Cria — Atas — Limam — Ar — Roma — Ai! — Ri — Alas — Só — Marés — Cara — Aula — Ar — As.

VERTICAIS: — MC — Ária — Lama — As — Al — Amor — Tamís — Ir — Ralar — Iara — Amar — Sé — Orla — Sã — Cá — As.

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Betar — Tarimás — Perí — Item — Corda — Catar — Ecoa — Marabá — Ri — Mel — Or — Alamia — Cala — Igual — Caros — Arde — Alas — Artolas — Éolos.

VERTICAIS: — Barda — Eria — Ti — Amical — Ratar — Taró — Seta — Pocilga — Mabolos — Cerai — Raras — Meã — Mileto — Aura — Madre — Calas — Arás — Calo — Ol.

Colaborações e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

AMÔRES OCULTOS

(Cont. da pág. 29)

tem febre alta; é preciso ter muita paciência com êle e ninguém melhor do que a senhora poderá ampará-lo.

Sorri satisfeita com a escolha da enfermeira-chefe.

— Ali, naquele armário, há um avental; pode vesti-lo e iniciar as suas atividades.

— Está bem, D. Sofia, muito obrigada.

— Qualquer coisa de que necessite é só me chamar; eu estou no gabinete que fica ao lado desta sala — disse-me D. Sofia retirando-se.

— Agradecida — respondi.

Fui ao armário, apanhei o avental, e o vesti. Depois, sentei-me ao lado da cama de Marcelo.

Marcelo continuava sem se mexer.

Fiquei assim até à noite, só pensava no desgôsto que êle ia ter ao ver o seu rosto defeituoso.

Às dez horas da noite, deitei-me em uma cama ao lado da sua.

Ia quase adormecendo, quando ouvi Marcelo pronunciar o meu nome num murmúrio.

Abri a luz, Marcelo erguia-se do leito; como louca, corri para êle e segurando-o no ombro, deitei-o novamente.

Desesperado, êle dizia:

— Luiza! Amo-te Luiza, amo-te! Vem para junto de mim!

Ao ouvir pronunciar o meu nome, veio-me um desejo louco de abraçá-lo e confessar-lhe o amor que inundava a minha lama; porém, como não podia fazê-lo, cai inerte sôbre o leito e com o coração dilacerado ouvia-o falar:

— Querida! Perdoa-me o mal que te fiz, vem para junto de mim, porque não posso mais viver sem ti.

Eu chorava, chorava amargamente e só pedia a Deus que chegasse o momento em que eu pudesse ir para bem longe dêle!

Marcelo, sob os meus cuidados, passou a melhorar consideràvelmente.

Um mês depois, o médico deu-lhe alta, e marcou o dia para tirar a gase do seu rosto.

Fiquei satisfeitissima com a noticia que o médico me dera, mas um tanto preocupada com o desgôsto que êle ia ter, ao ver o seu rosto marcado pelas queimaduras.

Assim que o médico lhe deu alta, eu fui designada para cuidar de outro doente; sai de perto dêle, porém, não deixei de ter noticias suas diàriamente.

Uma manhã, estava na enfermaria preparando um injeção, quando a enfermeira-chefe entrou apressadamente dizendo-me:

— D. Luiza, vá a tôda pressa ao quarto do seu Marcelo, êle está pasando muito mal.

Corri até lá, mas para encontrá-lo morto

O médico tinha tirado a gase do seu rosto, e êle ao ver-se defeituoso, matara-se.

Desesperada, lancei-me a soluçar sôbre o seu corpo; porém, as minhas lágrimas não lhe podiam dar vida. Desalentada, sentei-me ao seu lado até a hora do seu sepultamento.

Quando o esquife saiu do hospital, fui para o meu quarto e naquele dia ninguém mais me viu.

No dia seguinte, retomei o meu serviço com o pensamento em Marcelo, que morrera sem saber que era eu, a Luiza dos seus delirios, a enfermeira de sua tragédia final.

A GAROTADA INFELIZ...

(Cont. da pág. 22)

tudo havia um casebre onde êles se reuniam. Lá esconderiamos a mercadoria. Cabeção, que conhecia o armazém, internamente, estudou os meios de assalto.

Eram quatro horas da madrugada. Um a um pulamos o muro que dava para o quintal. Na esquina, Chocolate vigiava. Fácil nos foi arrombar a porta dos fundos. Admirava-se do sangue frio de todos. O único que se mostrava nervoso era o próprio Chocolate. Logo ao entrar, assustou-se, foi de encontro a um caixão e caiu. Achei melhor que êle prosseguisse em sua missão de vigia.

De inicio, avisei-os de que não deviam tocar no cofre. Roubar dinheiro era uma coisa muito séria. Quanto à mercadoria, podia o roubo passar despercebido.

Cada um levou o seu saco, e enchemo-lo ràpidamente, de queijo, doce, vinho, biscoitos, et. A colheita foi boa. Fiz todos jurarem que se fôssem pegados, declarariam que havia sido presente meu. Eu, então, saberia despistar a policia.

Por várias vêzes, temi que tudo estivesse perdido. Preguinho era um desastrado. Sempre a deixar cair ou rolar uma lata no chão. O som sêco àquela altura da noite — e mais o temor que, às vêzes, nos contagiava — dava a impressão de tremenda trovoada a ribombar pelos recantos do bairro, de molde a acordar tôda a população, a qual viria em pêso ao nosso encontro. Parecia-me Nataniel um fantasma, com o seu cabelo em pé e assanhado. E, à luz da vela, os fios prateados pareciam piscar, de modo acelerado, sob o movimento e susto.

Passado o pânico, voltamos ao trabalho. Sùbitamente, quebrando o silêncio, Chocolate vem dos fundos às carreiras e trêmulo.

— Que houve? — perguntei.

— Um homem vem vindo aí...

Saimos apressadamente e nos escondemos no quintal. O silêncio lá fora era profundo. Passados alguns segundos, subi a um ponto mais alto e olhei a rua. Do outro lado, junto ao muro, estava um velho maltrapilho. Depois, retirou-se e desapareceu na esquina. Aliviados, voltamos ao assalto. Pouco tempo depois, um por um, saiamos pela frente do prédio, com exceção do Cabeção, afoito e atrevido, que se encarregou de fechar as portas e regressar pelos fundos...

Amanhecia. Joguei-me na cama e dormi como um justo. Antes, havia avisado a minha mulher que só chegaria de manhã, pois ia trabalhar até altas horas da noite. Ela me acordou, gritando:

— Acorda, seu preguiçoso, a venda de seu Zacarias foi roubada e levaram vinte mil cruzeiros.

— Heim! Não é possivel, não tocamos no dinheiro...

Minha mulher olhou para mim espantada e eu adiantei:

— E' que seu Zacarias é um sovina e não confia deixar dinheiro em cofre.

Contudo, fiquei receioso. Não esperava pelo roubo do dinheiro. Quando cheguei à fábrica, minha mente trabalhava demais, porém, tudo seria resolvido a contento. Tirei uma certa importância que tinha em depósito na casa, fui à cidade, comprei tudo de mercadoria e toquei para o meu bairro. Eu mesmo foi junto ao chofer que me perguntou:

— O senhor vai montar um negócio?

— Não é de sua conta, idiota — respondi.

Estava nervoso. O caminhão parecia não chegar. Era meu caminho de todos os dias, porém achei a rua do bairro longe em demasia naquela tarde. A meu ver, ao penetrar na rua, encontraria a garotada foragida ou prêsa. Pensava nos vinte mil cruzeiros. Cabeção era o autor. Grande ladino. Era êste o interêsse que tivera em fechar as portas sòzinho! Foi com alegria incontida que divisei os primeiros contornos da praça. A minha entrada no bairro foi triunfal. Muitos desocupados seguiram o veiculo. Chamei o Nataniel e mandei que êle avisasse os outros que ia fazer uma farta distribuição de mercadorias. E ninguém iria dizer que tinhamos roubado de seu José. Lembro-me que, no cinema da esquina, eu lera, com surprêsa, meses atrás, o seguinte nome de um filme: "Natal em Junho". E eu, então, adiantei para o Nataniel, pois estávamos justamente nesse mês: "E' o meu presente de Natal em junho". Afinal, d. Gertrudes não fizera uma fogueira de São João em Janeiro?

Pouco tempo depois comecei o espetáculo, distribuindo a cada um, queijos, doces, frutas... O povo se reuniu em frente da praça. Esta era pequena, dando a impressão de ser grande o número dos que ali se encontravam. Alguns automóveis pararam ao lado. Eu me sentia ufano. Fiquei junto à estátua da Liberdade, num ponto acima do nivel da rua, de modo que todos pudessem me ver e reconhecer. O calor era abrasador àquela hora. Notei que Nataniel cortara o cabelo à escovinha. Não pude deixar de me rir ao recordar sua figura fantasmagórica no dia do assalto.

Quando êles me agradeciam, eu proclamava em voz alta para que todos me ouvissem: "Feliz Natal em junho! Feliz natal em junho!"

Quando voltei para casa encontrei minha mulher chorando e minha sogra presente. Esta viera de muito longe. Certamente — pensei — viera passar o Natal

(Cont. na pág. 38)

SE...



SE descobrires um dia que a tua maior felicidade resultou exatamente daquilo que supunhas tua maior desventura — não digas que sou profeta: goza-a, sem opiniões.

★

Se houvesse uma mulher capaz de tudo compreender, com doçura e simplicidade, o mundo não seria mais êsse mal-entendido permanente, entre os homens — e as esfinges.

★

Se essa mulher existisse — essa mulher compreensiva e doce — seria o mais interessante de todos os sêres, por certo a rainha da criação... (Mas que insistência em argumentarmos com simples hipóteses...).

★

Se te aconteceu o milagre do amor — raro e maravilhoso acontecimento que toca a alguns mortais privilegiados — vive-o silenciosamente, intensamente, totalmente. Porque quase nada traz o amor — e quase tudo pode levá-lo, a qualquer momento.

★

Se és capaz de sofrer por alguém — podes ter certeza de que o amas: essa é a grande prova de amor. Todos os grandes apaixonados — choraram.

★

Se amas — não procures analisar teu sentimento, submetê-lo a experiências, a provas. O amor é um sonho inefável, podemos senti-lo, podemos vivê-lo — dêle há até quem morra — mas não podemos dizer que se compõe dêstes ou daqueles elementos, que entra em ebulição a tantos graus, etc. Se fizeres isso, descobrirás quando muito que o amor é incolor, inodoro e volátil — pois passou e não deixou nas tuas mãos vazias sequer um resíduo leve e impalpável como o pólen perfumado e colorido das flores.

★

Se amas verdadeiramente — faze com que isso seja tudo em tua vida... pois que, na verdade, isso é tudo, na vida.

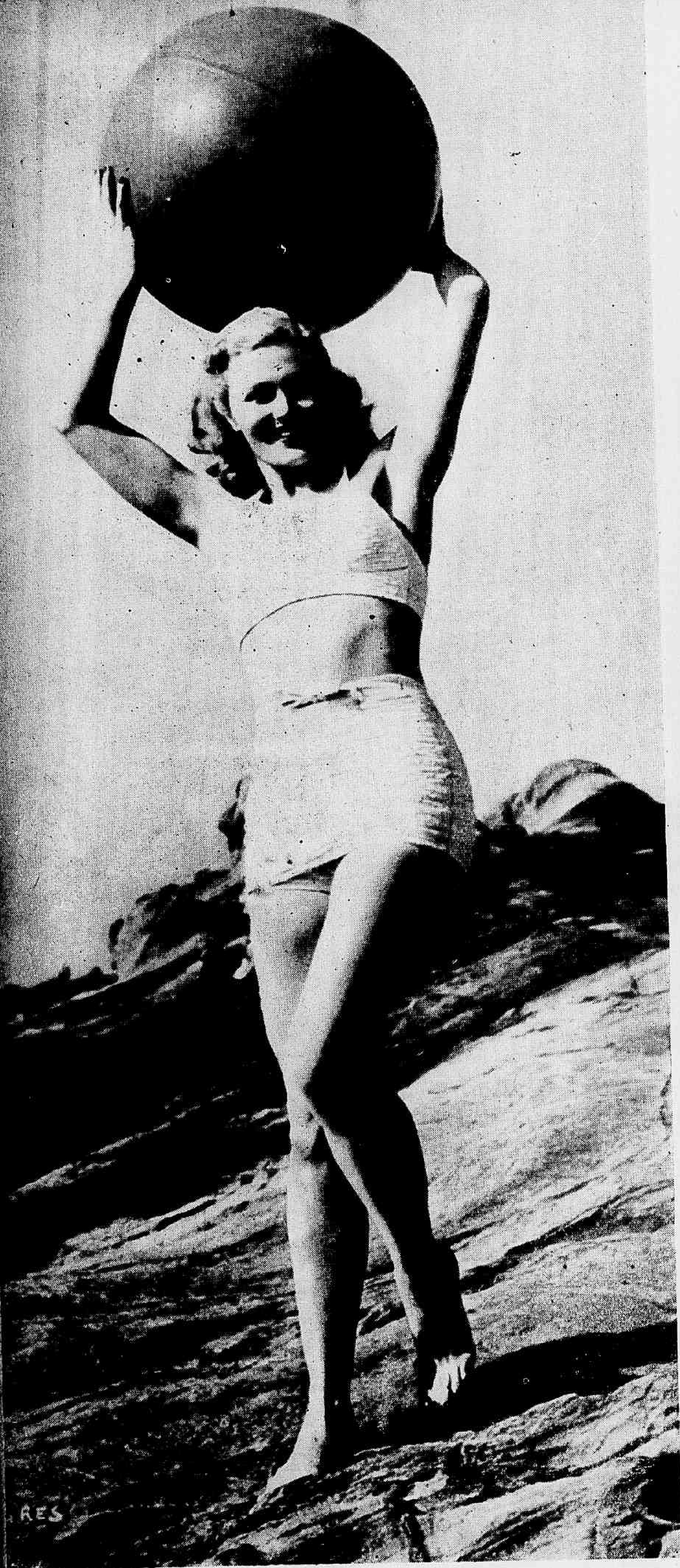
LYSE





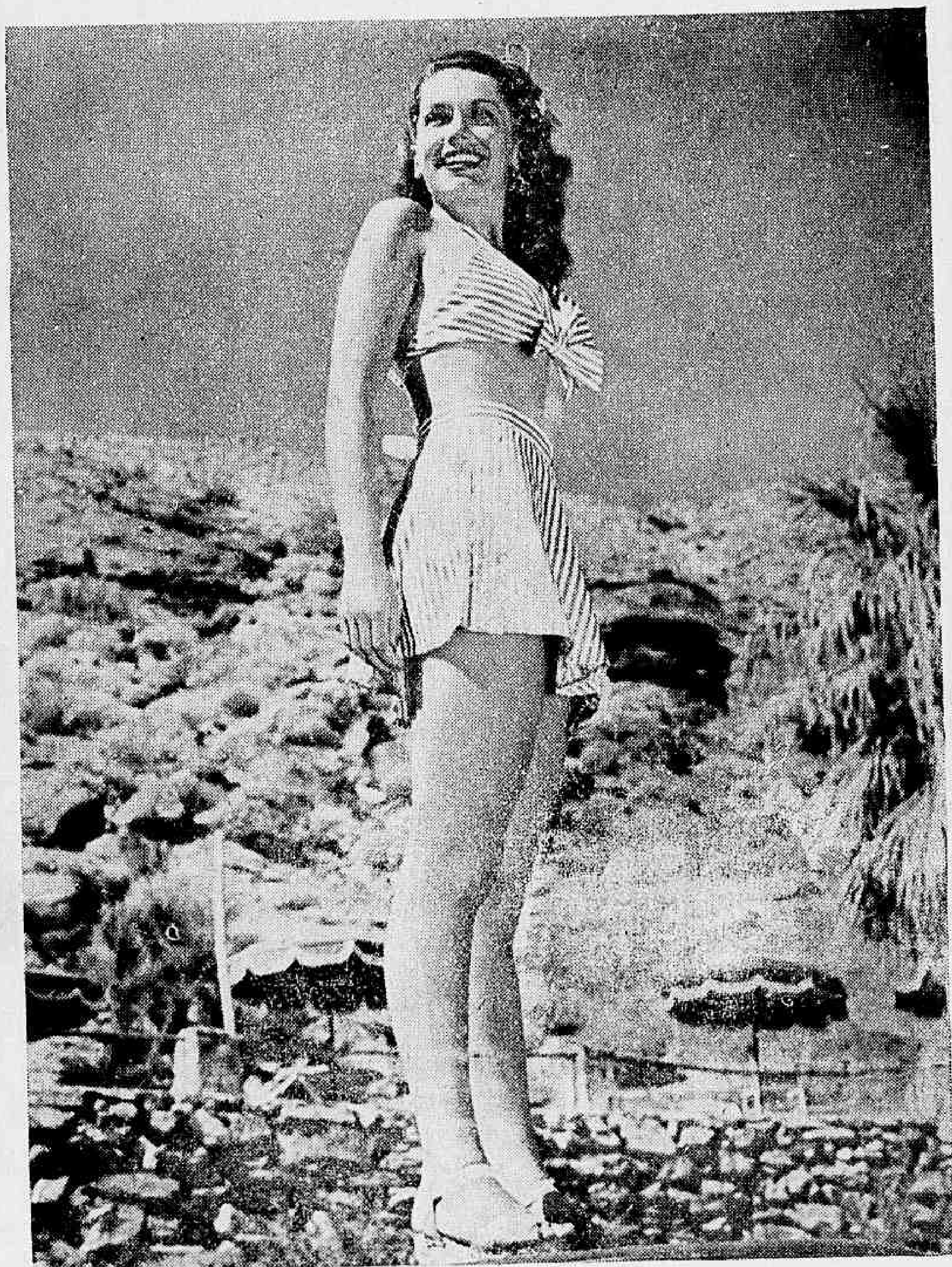
COM ALÇAS

PARA o verão os vestidos com alças são os mais usados em tôdas as horas, confeccionados nas mais diversas espécies de fazendas. Alguns modelos são presos ao pescoço por uma única alça, deixando as costas, inteiramente núas, outros possuem duas alças e podem ser usados com boleros. Principalmente os vestidos de baile são na maioria de alças e podem ser confeccionados em fazendas finas ou pesadas, de acôrdo com a ocasião em que deverão ser usados. Nesta página temos algumas interessantes sugestões em trajes dêste tipo.





Martha Toren, a suéca que está sob contrato da U.-I., apresenta êste original traje, por cima de um «maillot» peça única, uma saia em linho estampado.



A esquerda. Joan Caufield, a estrêla artista da Paramount, nos sugere êste audacioso modêlo em duas peças de lastex branco; em cima, Jinx Falkemburg com um elegante «short» em algodão listrado vermelho e branco.

"Shorts" e "Maillots"

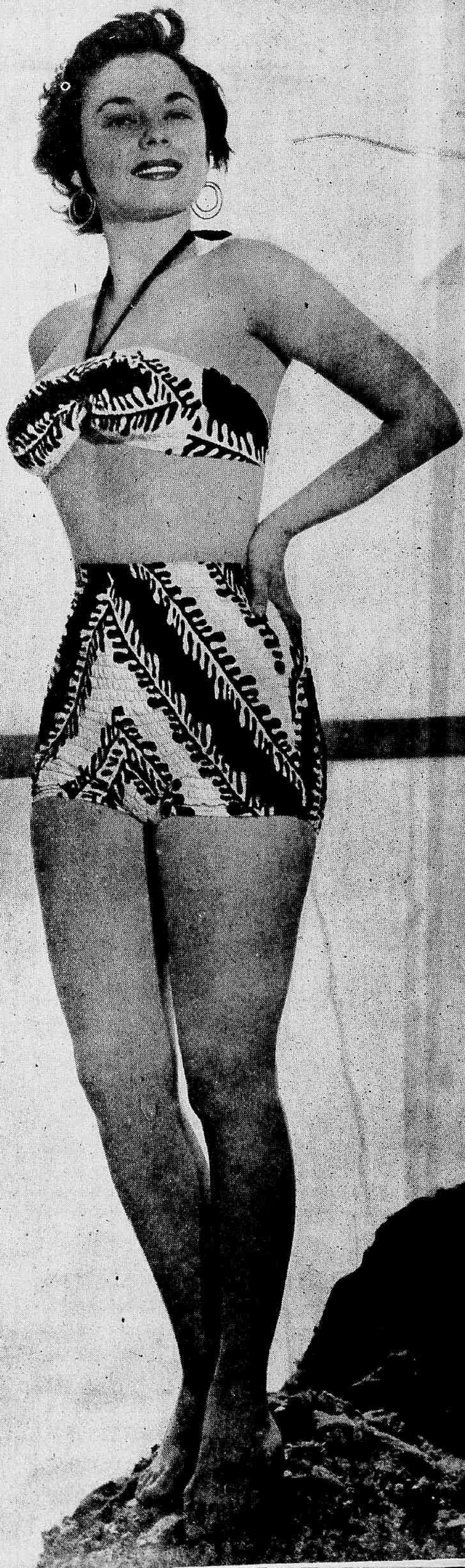
O verão continua firme, o sol inclemente não dá tréguas às carioquinhas bonitas e elas só encontram um remédio para remediar a situação, a praia. Aqui nestas páginas, apresentamos alguns sugestivos modelos de «shorts» e «maillots», os mais modernos e elegantes, apresentados por algumas garôtas bonitas de Hollywood.



Diana Lynn, da Paramount, sugere êste gracioso «short» branco em tecido esponjoso, com cufeites vermelhos, cintura bem justa, franzida, mangas arregaçadas.



Em cima dois interessantes modelos de saídas para a praia, ambas em algodão estampado, a primeira em algodão azul claro com pastilhas brancas, e a segundo também e algodão xadrez azul, vermelho e branco, acompanha as saias do mesmo tecido.







De Hollywood

PARA a noite, temos nesta página três originalíssimas sugestões enviadas por Hollywood; em cima Ella Raines, da U.I. com um modêlo próprio para jantar; à esquerda Jane Russell, da R.K.O. com uma audaciosa creação para o cock-tail; em baixo, Elizabeth Taylor, da M.G.M., numa maravilhosa creação em organza bordada.







MODELOS PARA O VERÃO



O verão continua inclemente e as «toilettes» simples e leves se fazem cada vez mais necessárias, vestidos simples em tecidos leves são os mais aconselháveis nestas ocasiões, como podemos ver pelos modelos aqui exibidos. Em cima, à esquerda Francis Gifford, (MGM) apresenta êste modêlo em linho azul, com viezes listrados em vermelho e branco, modêlo adaptavel tanto para passeios como para esportes. À direita, Leslie Brooks vestindo um sugestivo modêlo em linho amarelo canário com vivos em linho marron. Em baixo, à esquerda, em tecido quadriculado em azul vermelho e branco, apresentamos esta criação para passeio. Botões azul-marinho, bolsos com grandes lapelas; à direita, dois encantadores modelinhos para jovens em linho ou algodão. O primeiro poderá ser confeccionado em linho vermelho cereja, e o segundo em algodãozinho creme ou branco.



ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1951

Contendo entre mil e uma atrações:

A HISTÓRIA COMPLETA DO "TEMPO E A CIÊNCIA DA SUA MEDIDA". — PREVISÕES SÔBRE O FUTURO DO NOSSO PLANÊTA.

ANO:

Aeronáutico — Científico — Artístico — Esportivo — Católico — Protestante — Israelita — Muçulmano. CALENDÁRIOS — Católico — Protestante — Muçulmano — Israelita — Perpétuo das festas móveis.

E mais: — 1 comédia — 1 romance completo — Os mortos do ano — Os campeões do ano — Contos — Charadas — Adivinhações — Provérbios — Lendas — Histórias infantis e deslumbrantes páginas coloridas.



E, ATENÇÃO! — Além da organização católica no Brasil, o histórico completo e a organização atual das Igrejas Evangélicas na nossa terra, inclusive "Lições Dominicais" e "Evangelhos".



À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS DO BRASIL

PREÇO: — Cr$ 20,00



ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO.

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO.



WEEK-END N

PUDIM DE CHUCHU COM PASSAS

Descasque e cozinhe 10 chuchus grandes. Esprema, para retirar a água, junte 1 xícara de miolo de pão embebido em duas de leite e peneire tudo. Adicione 3 gemas, 1 colher de fécula de batata ou maizena, 1 de manteiga, 3 de queijo, 3 claras em neve e sal. Despeje em fôrma untada e polvilhada de pó de pão e espalhe por cima um punhado de passas sem caroços. Leve a assar em banho-maria. Desenforme e faça em cima uma cercadura com 12 nozes partidas em quatro.

SUPREMES DE ROBALO

Tome 2 kg de "filets" de robalo, ou outro peixe fino, corte todos iguais, mais largos em baixo, afinando em cima. Faça um creme com ½ colher de manteiga, 1 de farinha, 2 gemas, sal e 2 xícaras de leite. Mergulhe os "filets", um a um, no creme quente, levante com um garfo, deixe escorrer um pouco, deite sôbre o mármore untado, e deixe esfriar. Passe em ovos batidos, em pó de pão e frite em banha quente. Faça croquetes de milho e 10 bananas prata em rodelas e fritas em manteiga. Arrume os supremes no centro do prato e ao redor, intercalados, 3 croquetes e 1 montinho das bananas. Também pode guarnecer só com batatas cortadas como nozes. Sirva com manteiga derretida.



CROQUETES DE MILHO VERDE

Corte o milho bem tenro de 10 espigas verdes e raspe as espigas com as costas da faca. Leve a cozinhar em bastante água e sal, até secar. Adicione uma xícara de leite, uma colher-de-chá de manteiga, 1 colher cheia de açúcar, e vá engrossando com farinha de trigo, até largar a panela. Deixe esfriar, enrole com croquetes, passe no pó de pão, no ôvo batido, e, novamente, no pó de pão. Frite em banha quente sem escurecer e deite numa bandeja forrada de papel pardo, onde poderá esquentar na hora de servir.

PÊRAS ROSADAS

Descasque 6 pêras grandes, parta ao meio, tire os centros e leve ao fogo em 2 xícaras de açúcar, 1 de água e o caldo de ½ limão. Assim que amolecer, retire com uma escumadeira e arrume num prato, as partes côncavas das pêras para cima. Bata 1 xícara de creme de leiteria gelado, junte 1 colher de geléia de morangos, bata e deite uma colherada em cada pêra. Guarneça com meias amêndoas ou com castanhas de caju ligeiramente torradas.

TORTA DE LINZ

70 gr de avelãs raladas, 2 ovos, 100 gr de açúcar, 100 gr de manteiga, 125 gr de farinha de trigo, e casca ralada de meio limão.

Bate-se muito bem a manteiga, o açúcar, os ovos e a casca de limão, junta-se a farinha de trigo e as avelãs e mistura-se bem.

Depois da massa ter descansado bem uma meia hora, tomam-se 3/4 delas, estende-se na espessura de 1 cm, corta-se um fundo de torta com o auxílio de um prato, deita-se em uma assadeira untada, espalha-se em cima uma camada de marmelada, deixando-se uma margem de 1 cm de largura. Com a sobra da massa, fazem-se umas tiras que se enrolam, formando uma grade em volta da torta, pincela-se com gema batida e leva-se a assar em forno regular.

MÔLHO DE ABRICÓS

Abricós, açúcar, 1 colherinha de farinha de batatas e 1 colherinha de manteiga.

Cozinham-se os abricós com água e açúcar e passam-se por uma peneira.

Leva-se o caldo outra vez ao fogo, juntamente com a manteiga e a farinha de batatas desmanchada em água fria; deixa-se cozinhar, mistura-se o caldo de limão e deixa-se esfriar, mexendo sempre.

Sem a farinha de batatas e com mais caldo de frutas, êste môlho fica melhor. Serve-se com pudins quentes ou frios.

PUDIM AMERICANO

100 gr de migalhas de pão, 100 gramas de açúcar, 100 gr de farinha, 150 gr de sebo de rim, 2 ovos, 100 gr de abricós secos e cortados em tiras finas, 1 pitada de noz-moscada, canela, 2 colheres-de-sopa de "cognac". Pica-se bem fininho o sebo de rim, mistura-se com o açúcar, os tempos e os ovos; depois adiciona-se as migalhas de pão, a farinha, os abricós, misturando tudo muito bem.

Põe-se a massa em uma fôrma de pudim untada e cozinha-se em banho-maria durante 2 e ½ horas. Serve-se com môlho de rum.

SALADA EM FORMA DE FLOR

No centro de um prato pequeno, arrume um círculo de alface picada. Sôbre essa alface, uma camada de frios passados na máquina, outra camada de alface. As camadas devem ficar bem redondas e bem planas. Borrife com môlho de azeite, vinagre e sal.

Corte um ôvo cozido, no sentido do comprimento em seis ou oito partes. Retire as gemas, passe pela peneira e arrume-as no centro da alface, formando o miolo da flor. Ao redor dêsse miolo vá colocando as claras com a parte côncava para baixo, formando assim as pétalas.

MASSA PARA PASTEL

Meio quilo de farinha de trigo. Uma colher de banha. Um pouco de água morna. Um pouco de sal. Amassar a farinha com água morna e sal. Depois de regularmente amassada, juntar a banha e um cálice (de meia dose) de aguardente da boa que ajuda a massa a crescer mais. Não deixar a massa muito sêca para abrir. Não leva ovos.

NA COZINHA

SOPA DE FEIJÃO BRANCO

Cozinhe meio quilo de feijão branco, água e sal, junte um pedaço de costeleta salgada. Quando a costeleta e o feijão estiverem bem cozidos, junte nabo cortado em rodelas ou outro legume que preferir, tempere no refogado de azeite ou gordura, com cebola, tomate e cheiro verde e junte um pedaço de chouriço fresco de sangue.

FILHOSES

Junte 500 gr de farinha de trigo, sumo de uma laranja, 3 ovos e um copo de água salgada, misture tudo e amasse. Quando estiver bem amassado abrir a massa, juntar uma xícara de azeite quente, calcular, amassando, deixar demorar de 2 a 3 horas, abrir em rodelas pequeninas. Cortadas em tiras prêsas às extremidades, puxar as tiras sem desprendê-las, entrelaçá-las, cortando a massa para que permaneça inalterada, untar com gordura quente, deixar escorrer e esfriar na peneira; passar numa calda e botar vinho.

MORANGOS COBERTOS

Tome uma maçã e corte a tampa, deixando pouco mais da metade. Escave e enrole em papel impermeável e leve ao forno. Retire quando estiver assada. Coloque num pratinho com calda de Marsala ou Pôrto. Recheie de morango e cubra com creme Chantilly.

TORTA BISCUIT

100 gr de açúcar, 1 kg de nata batida, 1 xícara de leite, 250 gr de farinha, 100 gr de manteiga, 1 colher de fermento em pó, 2 ovos, morangos.

Batem-se os ovos, com o açúcar e a manteiga. Depois de batido, acrescenta-se a farinha, o fermento e o leite. Vai ao forno em duas fôrmas untadas com manteiga. Depois de cozido, deixa-se esfriar. Unem-se as camadas com nata batida, que também irá cobrir tôda a torta. Enfeita-se com morangos ou cerejas cristalizadas.

CROQUETES DE CAMARÃO

250 gr de camarão salgado, 2 xícaras de leite, 4 colheres de farinha, 4 gemas, azeite, sal, pimenta, salsa picada, cebola picada, tomate, louro.

O melhor camarão para fazer croquetes é o salgado sem casca. Deixa-se de môlho, desde a véspera, mudando-se a água de vez em quando. Pica-se bem miudinho, fritam-se os temperos e refoga-se o guisado de camarão em todos os temperos, acrescentando depois o leite, as gemas e a farinha. Fazem-se os croquetes, que se fritam no azeite. Se o camarão tiver perdido todo o sal, é preciso tornar a salgá-lo, pois, do contrário, perde completamente o sabor.

OVOS À LA CREME

Cozinham-se 4 ou mais ovos, conforme o número dos comensais. Partem-se em quatro pedaços ou pela metade. Arruma-se uma camada de ovos e outra de môlho branco, feito na proporção de 1 xícara de leite, 1 colher de manteiga, uma de farinha de trigo ou de maizena e uma gema. Para 4 ovos, são necessárias 2 xícaras de leite. A última camada deve ser de môlho branco. Enfeita-se com ovos cortados em talhadas e com salsa.

MÔLHO PINDOBA

3 laranjas, cebola, pimenta, 1 colher de maizena, azeite ou manteiga, alho, 1 pitada de noz-moscada, 1 colher de conhaque.

Toma-se o caldo das laranjas, depois de coado. Faz-se um refogado, com todos os temperos, acrescenta-se uma colher de conhaque e junta-se tudo ao caldo das laranjas. Leva-se ao fogo, engrossando-se com maizena.

FAROFA DE MANTEIGA

Derreta umas 6 colheres de manteiga numa grande frigideira e aí frite uns 6 ovos. Parta-os com a colher em pequenos pedaços e vá deitando a farinha, mexendo sempre para não pegar. Não deixe a farofa ficar muito sêca. Se preferir, em vez de ovos faça o seguinte, que é muito bom:

FAROFA COM AMEIXAS

Tome 250 gr de ameixas pretas, tire os caroços, e leve ao fogo com 2 colheres de manteiga para amolecer (elas chupam tôda a manteiga). Parta em pedaços e junte a farofa sem ôvo.

SELGA EM PÃO TORRADO

Cozinhe fôlhas de selga em água e sal, depois escorra, esprema num pano, bata com um facão e leve ao fogo com 1 colher de manteiga, ½ de farinha de trigo e 3 de leite. Corte, com o cortador, rodelas de pão dormido, torre no forno, passe uma camada de manteiga sôbre elas e estenda por cima 1 colherada de selga. Enfeite o centro com um pouquinho de ovos duros bem picadinhos.

SOPA DE VINHO

No caldo comum e escuro, depois de coado, junte 1 cálice de vinho do Pôrto, 1 colherzinha de môlho inglês e 3 colheres do môlho da carne assada. Leve tudo ao fogo e, antes de ferver, despeje na sopeira, onde já devem estar 12 fatias finas de pão torrado e 4 ovos cortados em fatias. Sirva logo.

BATATINHAS NOISETTES

Tire batatas com a colher própria, do tamanho de avelãs, cozinhe na água e sal, sem deixar desmanchar. Deite no centro do prato e faça com os filetes uma cercadura, ao redor. Coloque uma rodela de limão sem a casca verde nem sementes sôbre cada filet e sirva na molheira manteiga derretida e ligeiramente tostada.

OSTRAS COM CHAMPIGNONS

Limpe bem umas 3 dúzias de ostras, leve ao fogo com pouca água, retire das cascas e côe a água. Com a água coada, faça um môlho branco, ligue com 2 gemas e 1 colher de creme de leiteria. Cozinhe 12 ovos e parta ao meio sôbre a largura. Esquente as ostras em uma colher de manteiga, junte champignons cozidos ou de lata. Deite numa travessa, cubra com o môlho e guarneça ao redor com ovos.



MUITÍSSIMO MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...



UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA



O Instituto dos Bancários, integrado plenamente no aparelho da previdência social, ocupa hoje posição de destaque entre as instituições congêneres.

Essa posição de invejável prestigio decorre, principalmente, do vulto de suas realizações nos diversos setores em que se desenrola a sua ação assistencial.

Com efeito, seria por demais longo enumerar aqui as suas atividades, mesmo sem as minúcias que o assunto requer. A soma, porém, dos benefícios concedidos e da assistência médica prestada a seus segurados ativos e inativos, bem como aos beneficiários, pode dar uma idéia da amplitude a que chegaram.

Assim, desde a sua instalação, verificada em outubro de 1934, despendeu a instituição, com êsses encargos, a vultosa importância de Cr$ 376.550.439,20.

As inversões no setor imobiliário, por sua vez, atingiram a apreciável quantia de Cr$ 818.404.055,40, permitindo a existência de um patrimônio imobiliário avaliado em cêrca de 600 milhões de cruzeiros.

Mas, diante do volume dessas realizações, ressalta como de importância preponderante, a sua sólida situação econômico-financeira, sem a qual nenhuma significação teriam os empreendimentos realizados.

Concorreu para êsse fato, o reduzido nivel das despesas administrativas que, em média, nunca ultrapassaram de 8,8% da receita arrecadada no exercicio anterior, propiciando ao Instituto o ensejo de responder às criticas que estimaram essas despesas, nas instituições de previdência social, em cêrca de 37% da receita apurada, com fatos realmente irrecusáveis.

Verifica-se, dessa forma, que a Administração do Instituto dedicou os melhores esforços no sentido de não apenas preservar, mas enriquecer, cada vez mais, o seu patrimônio, que hoje se eleva à apreciável soma de Cr$ 1.309.666.190,50.

A sólida situação econômico-financeira em que se encontra a instituição, pode ser constatada através a evolução da Receita, da Despesa, dos valores do Ativo e das Reservas constituidas desde a sua fundação.

O exame dos elementos que constituem a receita demonstra que a mesma vem apresentando apreciável indice ascensional, pois que, tendo alcançado a cifra de 45 milhões de cruzeiros em 1940, elevou-se a 132 milhões em 1945 e a 397 milhões em 1950.

Para êsse resultado concorreu, em primeiro plano, a Receita de contribuições que, naqueles exercícios, representou-se da seguinte forma: 1940: 39.000.000,00; 1945: 102.000.000,00; 1950: 269.000.000,00.

A observação dêsse fato auspicioso, leva-nos à convicção de que o desenvolvimento econômico do país, em pleno curso, repercutindo no sentido da aplicação de capitais, vem apresentando igualmente resultados satisfatórios, dentro do programa de inversões adotado, que visa a rentabilidade minima, aturialmente fixada.

As operações de empréstimos simples e as da Carteira Imobiliária têm merecido especial atenção como aplicações seguras e de resultados econômicos altamente significativos.

A receita das Carteiras Imobiliária e de Empréstimos simples, em 1940, 1945 e 1950, apresenta o seguinte crescimento: 1940: 1.194.670,20; 1945: 13.764.512,60; 1950: 55.022.771,60.

Por sua vez, as despesas administrativas do Instituto, como já foi dito, mantêm-se nos limites estabelecidos, muito embora tenham sido constantemente ampliados, por medidas legais, os encargos de benefícios e assistência médica, como se verá pelo quadro abaixo:

Ano	*Desp. administ.*	*Des. de Ben. e Assis.*
1940	4.388.919,30	10.168.761,30
1945	12.261.524,10	24.613.401,80
1950	35.724.601,80	96.970.658,40

Com a incorporação do resultado do exercicio de 1950, no valor de Cr$ 206.298,50, as reservas do Instituto, em 31 de dezembro de 1950, elevaram-se a Cr$ .... 1.309.666.190,50, assim distribuidas: Fundo de Garantia: 1.279.131.373,80; Reserva da Cart. de Empréstimos: 7.488.973,00; Reserva da Cart. de Seguros: 8.651.285,50; Reserva p/Depreciações: 12.462.749,50; Reserva p/Benef. especiais: 1.917.811,10; Reserva individual média: 13.997,60; somando o total de: .... 1.309.666.190,50.

Cumprindo sua missão, sem desfalecimento, o Instituto dos Bancários pela sua situação de inteira estabilidade, incute nas viúvas e órfãos dos segurados falecidos, nos seus aposentados e pensionistas, enfim, em todos os que se abrigam sob a sua égide, a segurança de um futuro sem sobressaltos.

REPRODUZIMOS neste local a informação que sistemàticamente vem sendo publicada no expediente desta revista: **"O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação".** Essa advertência precisa ser ratificada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não mais pertencem ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, assegurando que suas reportagens serão publicadas em nossas páginas. **Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exigida pelos interessados.**

A GAROTADA INFELIZ...

(Cont. da pg. 30)

em junho conosco. Todavia, me olharam piedosamente. Fiquei espantado. Só havia motivo para regozijo. Perguntei:

— Que tristeza é esta? Hoje é Natal e dia de muita alegria.

Jantei como um sensato e honesto pai de família que sou e me retirei para um canto isolado, sem falar com ninguém; proibi que pusessem o rádio, a fim de poder pensar qual seria o meio de dar mais felicidade à garotada infeliz de meu bairro.

Passou-se uma semana e o roubo não foi descoberto, apesar de o povo notar que o pai de Cabeção comprara uma casa. Que rapazes de futuro, pensei. Que gênios! Que fidelidade! Êles mereciam uma recompensa. Em combinação com Cabeção, resolvemos os dois assaltar novamente a venda de seu Zacarias. À mesma hora, quatro da madrugada, entramos no quintal e arrombamos a porta. Mas, Deus do céu, não contava com aquilo. Havia lá um vigia que deu o alarma. Só me lembro que me joguei sôbre êle...

Quando voltei a mim, estava neste cubiculo e com camisa de fôrça. Não há nada no quarto, a não ser uma cama. Logo compreendi que me estavam tratando como se eu fôsse louco.

Eu, maluco? Que patifes! Maluca era d. Gertrudes. Eu desejava apenas divertir a garotada. Vocês acreditam que eu estivesse doido?

Comecei a gritar que me soltassem, que não estava maluco. Chamei nome, gritei, disse desaforos. Eu não tinha razão? Depois, apareceu um enfermeiro que me deu uma injeção. Quando acordei mais calmo, pedi lápis e papel, e estou escrevendo tudo que me aconteceu, a fim de que vocês tenham piedade de mim, se convençam de que não sou doido e intercedam junto à justiça para que me soltem.

Pobre da garotada infeliz de meu bairro, quem irá agora diverti-la?

Aqui entre nós — e que êsses malucos não me ouçam — já tenho um plano muito melhor para quando sair desta cela... Duvido que me peguem de novo.

QUER SER ESCRITOR

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA ESTILÍSTICA E PORTUGUES por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para Av. Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos

O BRASIL BRILHANDO NA. . .

(Cont. da pág. 21)

Enquanto Koussevitzky dava outra oportunidade ao israelita que falhara na primeira, nosso patrício pensava na honra que seria para êle e para o Brasil vencer o concurso, concorrendo com cinqüenta jovens de outros países do mundo. Mas Koussevitzky insistia com o israelita...

Vendo, finalmente, que o outro não dava para a coisa, Koussevitzky fêz entrega da batuta ao nosso patrício, lídimo representante de uma nova geração de musicistas. Quando terminou de reger a orquestra do Berkshire Music Center, a bôlsa de estudos na Julliard School estava assegurada — **Brasil**, primeiro prêmio de regência.

MÚSICA BRASILEIRA EM TANGLEWOOD

Durante o último verão, na famosa temporada musical, a música brasileira estêve presente, executada pela Sinfônica **de** Boston, através da regência de Eleazar de Carvalho, **nosso** Embaixador Musical no mundo inteiro, já que, nos vários países por onde passa, deixa sempre na recordação de seus assistentes a música do Brasil. Em Tanglewood foram executadas páginas de Vila Lobos, Alberto Nepomuceno e Alda Caminha, uma das compositoras de maior mérito no Brasil musical de hoje e uma das maiores incentivadoras de Federowisky.

Foi ela que, quando Federowisky foi cursar a Julliard School conseguiu de D. Anita Pastore D'Angelo uma auxílio de Cr$ 6.000,00. Antes de ser conseguido êsse precioso auxílio, nosso jovem maestro, no seu tugúrio de estudante pobre, pensava em como poderia cursar os três anos da Julliard School se não dispunha de meios. Teve mesmo de empregar-se como garção para não sofrer maiores dificuldades. O caminho para a glória é duro e espinhoso.

Registramos o brilhante gesto de D. Anita para provar aos descrentes que nem tudo está perdido. Ainda existem pessoas que sabem incentivar e auxiliar os talentos que jazem ignotos no Brasil e que, se não dão glórias ao país, é justamente porque carecem de incentivadores e de descobridores.

Atualmente, Federowisky, na Julliard School, caminha a passos largos para o triunfo consagrador do próprio nome musical do Brasil. Sua carreira ascendente continua. Dirigido agora por Jean Morel e Serge Koussevitsky, seu mestre durante o verão em Tanglewood, ao terminar seu curso receberá o diploma de "doutor em música", nosso primeiro "doutor" musical formado por uma das mais famosas Universidades do mundo.

A RAINHA DO CARNAVAL . . .

(Cont. da pág. 15)

havia comprado no México. O concurso carnavalesco foi levado a efeito e Leonora arrebatou o título sem maiores dificuldades. Os distribuidores de seus filmes mexicanos trabalharam bem. A viagem, o título de Rainha, foi um excelente motivo de publicidade. Agora, os filmes de Leonora vão derpertar interêsse maior. No México, Leonora Amar está começando a produzir por conta própria os filmes em que toma parte. Tem casa própria, um bonito automóvel, residência de campo — e ganha salários de causar inveja a muitas coleguinhas de Hollywood.

A CASA CRISTALINO

APRESENTA O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO DE

CRISTAIS DA BOHEMIA

Louças, Porcelanas finissimas, Faqueiros de prata e rica variedade de artigos para presente e objetos de arte

CASA CRISTALINO

A RAINHA DOS PRESENTES

.. URUGUAIANA, 35 E 37 ..



"Uma caça noturna"...

...sòmente por causa de uma única pulga — é uma grande maçada!



Não se aborreça... Polvilhe sôbre o lençol e o próprio corpo NEOCID em pó... e continue seu sono, tranquilo. Use o pó, que não irrita a pele e não deixa cheiro.

Para pequenas aplicações prefira a latinha de NEOCID

NEOCID

PROLAPSO DO RETO NA CRIANÇA

Dr. SABOIA RIBEIRO

CAUSAS diversas, mas sobretudo a prisão de ventre e as diarréias prolongadas, tornam o prolapso do reto, isto é, a saída de uma porção do reto, moléstia relativamente freqüente na infância, parecendo que a postura vertical influi, de modo preponderante, na sua constituição, ou o uso do pequeno vaso, pois aparece mais entre os 2 e 4 anos, e só de raro abaixo dos 2 anos. Duas circúnstâncias explicam a maneira como se apresenta o prolapso: o relaxamento da própria mucosa, cedendo ao esfôrço da defecação, e o relaxamento do próprio esfincter anal, através do qual se projeta então o reto com tôdas as suas túnicas. Daí, as duas formas do prolapso: o *mucoso*, ou do primeiro grau, e o *completo*, ou do segundo grau.

Não há dúvida, também, que muitas vêzes uma acentuada diminuição do vigor, ou como dizem os médicos, do tônus dos músculos peroneais, ou seja, dos músculos que fecham inferiormente a bacia e em tôrno ao ânus, vem reunir-se ao próprio relaxamento do esfincter anal, adquirindo, então, a afecção um caráter particularmente grave ou de solução mais difícil. Na verdade, há distingüir o simples relaxamento do esfincter — prolapso do ânus — e o prolapso do reto, êste se diferençando do primeiro porque tôda a musculatura perineal, e não só o esfincter, está flácida e tem tonicidade. Na frouxidão do esfincter predomina o prolapso mucoso, na de tôda a musculatura perineal, o prolapso retal, que se apresenta como um tumor, em cujo vértice se pode ver a luz do intestino, de forma cônica e atingindo uma altura entre 10 e 15 centímetros, como que inchado e vermelho devido à compressão das veias nessa parte.

O que importa, antes de nada, é cuidar que as perturbações capazes de conduzir ao prolapso, que, como dissemos, são representadas, sobretudo, pela prisão de ventre e as diarréias prolongadas, sejam evitadas ou, ante suas primeiras manifestações, vigorosamente combatidas. A formação de fezes anormalmente duras e ressecadas nas crianças maiores, expelidas com notável esfôrço e muito espaçadas, constitui uma caracterização que, na prática, satisfaz no diagnóstico da prisão de ventre.

Êsse esfôrço, notadamente se as fezes, além de duras, são volumosas, produz a distensão do anel retal nos seus diferentes e sucessivos tempos para a expulsão delas e, no fim, o afrouxamento, que se continua de maneira a permitir a saída da porção terminal do reto ou apenas sua mucosa, conforme o prolapso é *completo* ou *mucoso* A prisão de ventre será combatida mediante as medidas higieno-dietéticas, e o prolapso reduzido por meio de manobras adequadas e mantido o trabalho de redução com tiras de esparadrapo que tragam as nádegas da criança uma de encontro à outra, tiras sempre renovadas após as evacuações. Em face de uma diarréia que não cede logo, não relaxar mas, de investigação em investigação, levar os meios de tratamento até sua completa cura, sem esquecer a necessidade de estabelecer um regime adequado para a criança, bem como de apurar a possibilidade de uma infecção (disenteria, coli-infecção, etc.) ou infestação (vermes, outros parasitos).

E' um princípio a reter que uma diarréia prolongada para uma idade entre 2 e 4 anos pode conduzir ao prolapso e, como tal, deve merecer sempre todo o cuidado. As manobras de redução fazem-se após esvaziar a empola retal, no que podem ser usados os clisteres de camomila, e aplicando-se compressas frias sôbre as partes prolapsadas por algum tempo, antes de proceder à reposição daquelas.

Com alguns retalhos de gase, recobre-se a tumoração, a fim de evitar o deslisamento dos dedos sôbre a superfície viscosa, dificultando as manobras de redução. A criança ficará mantida de bruços, a título permanente, as nádegas enèrgicamente apertadas uma de encontro à outra e fixadas entre si com auxílio de esparadrapo.

Com um pouco de arte, alguns, após a redução, improvisam uma espécie de plano protetor de esparadrapo, de modo a conservar no seu lugar as porções que se exteriorizam através do orifício anal. A injeção de tartarato de ergotamina no interior do esfincter anal, é hoje empregada com grande sucesso em 2/3 dos casos, não trazendo, de mais a mais, qualquer inconveniente. A técnica nada tem de complicada: a criança tomará prèviamente um enema com água de sabão ou com glicerina e deve estar em jejum (na noite anterior terá feito a mesma coisa); assim, a empola fecal, no ato da injeção, estará completamente vazia, evitando-se a expulsão de fezes durante a mesma.

Torna-se necessária a anestesia geral com cloro-éter; assepsia com tintura de iôdo, da região. Com uma seringa de 2cc e agulha bem fina de 3c de comprimento, injeta-se uma empola de tartarato de ergotamina (gynergene), em quatro pontos do orifício anal, formando uma cruz, debaixo da respectiva mucosa. A injeção poderá ser repetida oito dias depois, caso volte a exteriorizar-se o prolapso, e ainda uma terceira vez, nas mesmas condições. Com isso, não existe os outros inconvenientes já verificados com outras injeções, inclusive a esclerose do esfincter anal, trazendo ulteriormente o próprio estreitamento do reto, deixando outro mal em vez de curar o doentinho. Nunca se operará sem a anestesia geral pois, sem êsse cuidado, pode verificar-se reflexos cárdio-respiratórios, às vêzes, com perigo de vida, nas picadas feitas durante a injeção submucosa. Quando falham os meios médicos, como os indicados, sòmente a cirurgia poderá promover a cura do prolapso.

★

CORRESPONDÊNCIA DAS MÃES

N. S. (Colatina) — Use no banho de seu filhinho ½ colher-de-chá de uma solução a 5% de permaganato de potássio (cuidado que êle não sôrva a água do banho!). Geralmente, as piodermites se dão bem com a seguinte pomada:

Pelidol	0,10
Óxido de mercúrio	0,20
Vaselina pura	20,00

Lembre-se destas palavras de um especialista: "As moléstias da pele do recém-nascido são, na grande maioria, conseqüência de mau trato e falta dos preceitos elementares de higiene."

E. F. (Nesta) — Seu maior desejo, como diz em sua carta, é que seu filhinho que ainda vai nascer não adoeça nunca — e pede um conselho. Dou-lhe três: recolha-se em tempo a uma maternidade; sòmente amamente em hora certa e não dê o seio à noite; e não deixe que pessoas encatarradas e com tosse se aproximem dêle, seja lá quem fôr. Qualquer coisa ouça o pediatra.

J. R. (Rio Bonito) — Não é possível dizer o quê seja a paralisia de seu filhinho sem exame direto; sua carta é por demais omissa e não permite avançar nada, nem como remédio nem como terapêutica.

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE!...

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

EUTRICHOL ESPECIAL
que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

LEITE DE ARROZ
Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

VINHO CHICO MINEIRO
Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA
Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6 — São Paulo
Remessas pelo Reembolso Postal
A venda nas boas Farmácias

COMO APRENDER A DANÇAR

4.ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

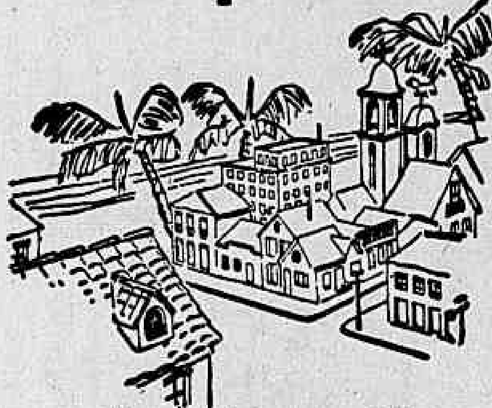
A venda, também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.



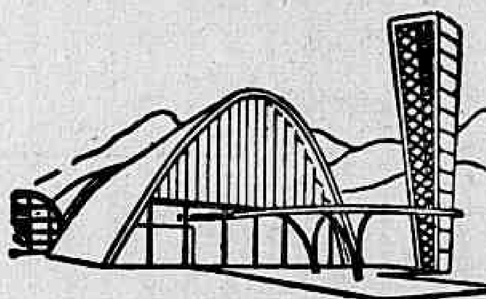
A todos



os pontos



do Brasil



extende-se



o "conforto aéreo" da



Ao planejar sua viajem, consulte o nosso agente: fornecer-lhe-á todos os informes que desejar.

AEROVIAS BRASIL

PANAM

BOTA O RETRATO DO VELHO!...



KELLER WEBER S. A.

PARA MELHOR SERVIR AO ILUSTRE PÚBLICO DESTA CAPITAL, INAUGUROU SUAS NOVAS INSTALAÇÕES NA Av. ALMIRANTE BARROSO 81A, esquina de Av. GRAÇA ARANHA





Em cima: — Flagrante do ato inaugural das novas instalações. Ao lado, a diretoria de Keller Weber S.A., vendo-se, da esquerda para a direita, os srs. Frederico Keller, Diretor Superintendente — São Paulo; Frederico Pitanga, Diretor Gerente — Rio; Marílio Teles de Menezes, Diretor Gerente — São Paulo; Roberto Weber, Presidente — Rio; e Oscar Wettstein, Diretor Secretário — Rio. Em baixo: visão das amplas e moderníssimas instalações da nova loja, cujo projeto e execução esteve a cargo de Georges Simoni, arquiteto e decorador de reconhecida capacidade.

REPRESENTAÇÕES EXCLUSIVAS:

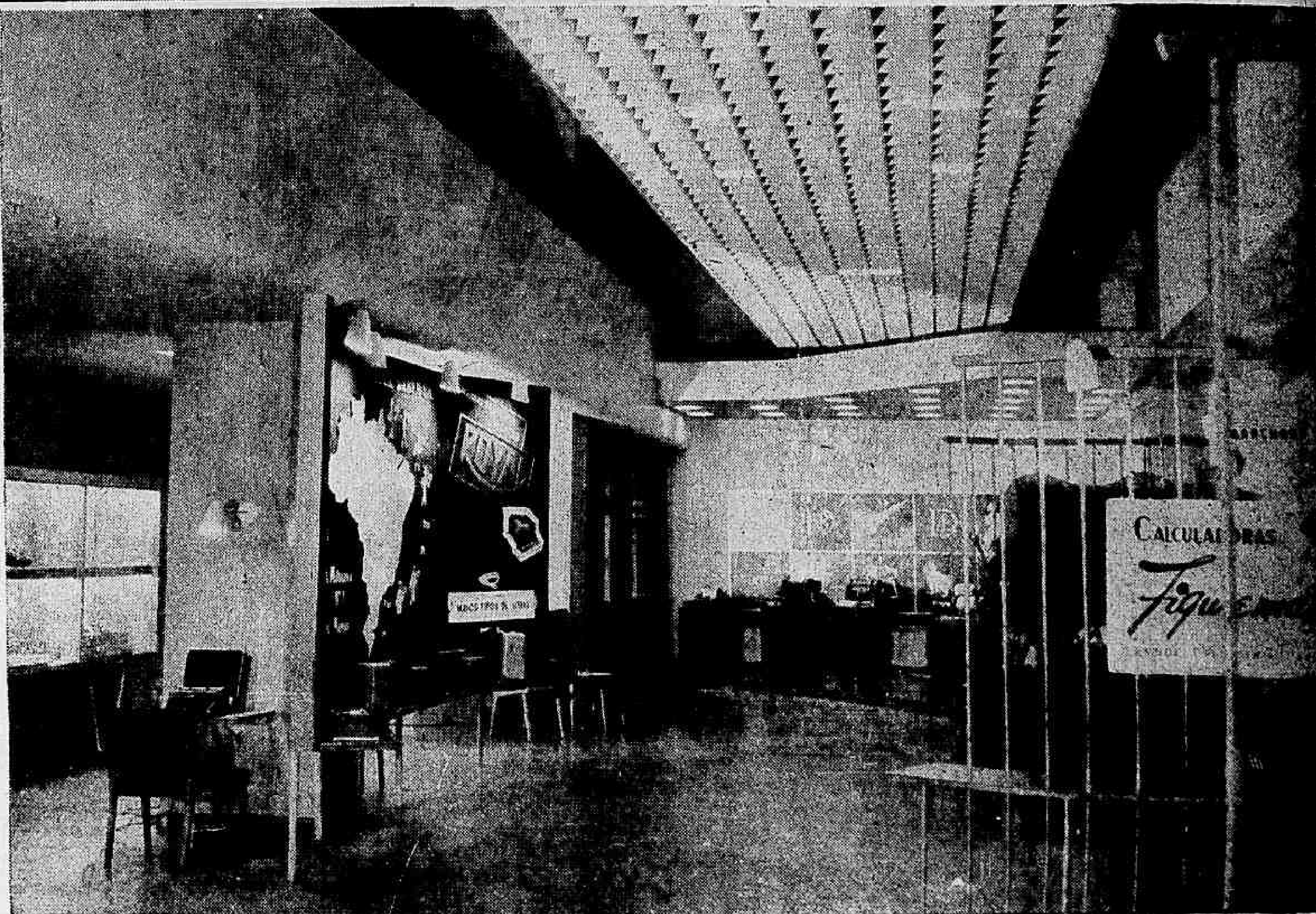
Máquinas de escrever Royal
Máquinas de somar Victor
Máquinas de calcular Marchant
Máquinas de selar Universal
Mimeógrafos A.B. Dick
Protetores de cheques Todd
Relógios de vigia Detex
Relógios de ponto Stromberg
Máquinas de atar Bunn
Máquinas gráficas de compôr Intertype
Rotativas para jornais Walter Scott

*

KELLER WEBER S.A.
Máquinas Comerciais e Gráficas

RIO DE JANEIRO
Av. Almirante Barroso, 81-A

SÃO PAULO
Av. São João, 314-320





NO ITAMARATI

NO JANTAR oferecido pelo Presidente da República aos Chefes das Missões Especiais e Permanentes, no Palácio Itamarati, no dia imediato ao da posse, reuniram-se além de elementos oficiais, distintas figuras da sociedade e do mundo político. A gravura superior mostra o Chefe da Nação saboreando o seu café, depois do banquete, tendo ao lado o sr. João Neves da Fontoura, Ministro das Relações Exteriores. Em baixo, o sr. Ademar de Barros, ex-governador de S. Paulo, também presente ao jantar seguido de recepção oferecidos ao Corpo Diplomático



A POSSE DO PRESIDENTE VARGAS

NO ITAMARATI

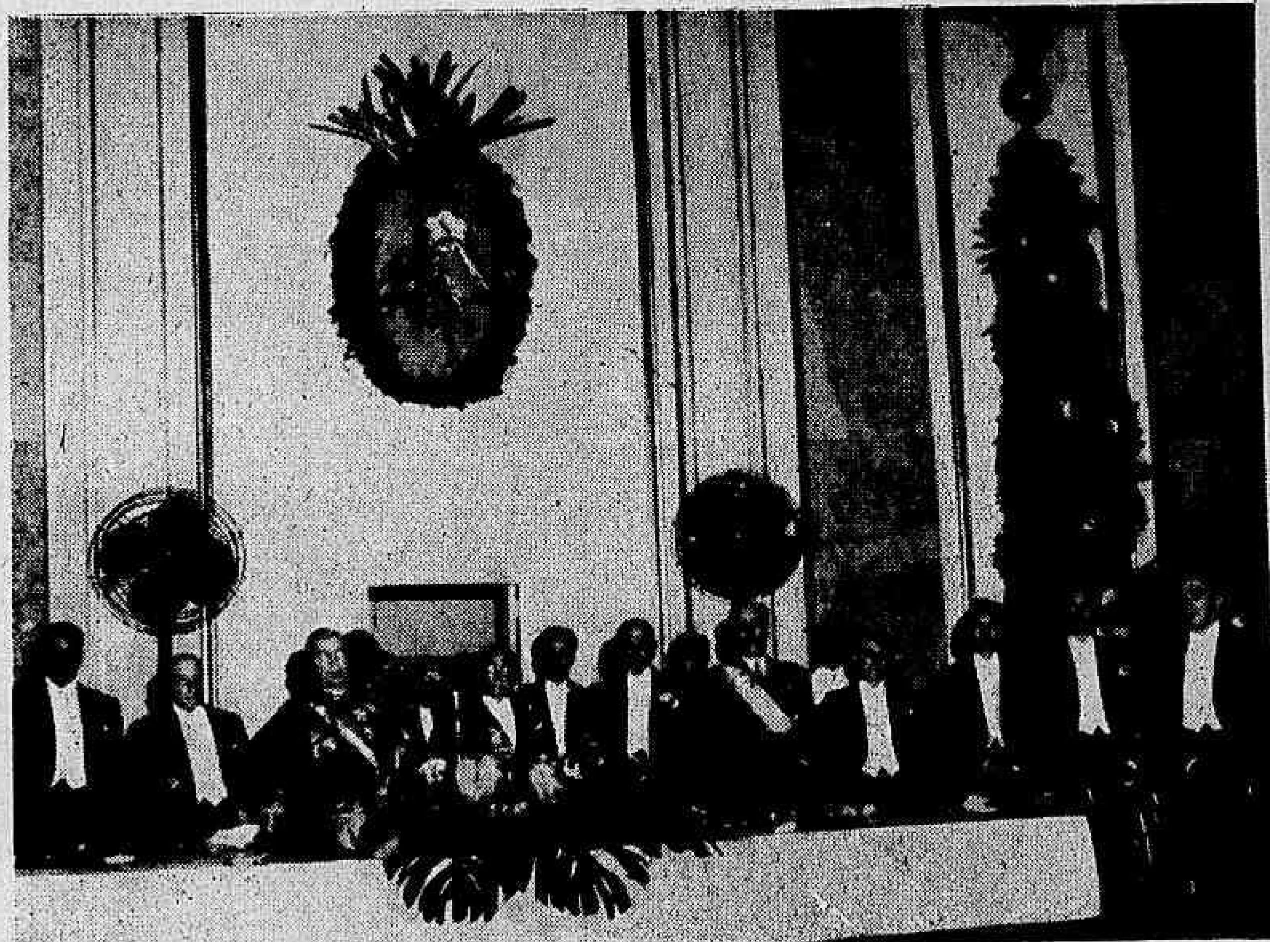


O PRESIDENTE Vargas ao iniciar a oração proferida depois do banquete no Itamarati

RETRIBUINDO as homenagens recebidas dos Chefes das Missões Especiais e Permanentes por motivo da sua posse, o Presidente da República ofereceu-lhes, bem como às altas autoridades do país e elementos da sociedade, um jantar de gala, que teve lugar no Palácio Itamarati. A velha casa de Rio Branco, situada na Avenida Marechal Floriano, viveu uma de suas memoráveis noites. O jantar, seguido de recepção ao Corpo Diplomático, teve lugar na noite de 1 de fevereiro, vinte e quatro horas, portanto, após a posse do sr. Getúlio Vargas.



FACHADA do Palácio Itamarati, sede do Ministério das Relações Exteriores, onde se levou a efeito o banquete de 1 de fevereiro que constituiu uma nota de alta elegância social.



AO TERMINAR o banquete, o sr. Presidente da República pôsa para os repórteres e cinegrafistas, ladeado por figuras do país e do estrangeiro, antes de iniciar seu discurso.



O CAFÈZINHO, imprescindível em tôdas as refeições, das mais altas às mais humildes, fêz ato de presença. E foi muito apreciado pelos ilustres visitantes — e pelo sr. Pedro Calmon.



ELEMENTOS do corpo de baile do Municipal preparam-se para os números de coreografia apresentados no jardim fronteiro ao Itamarati e junto ao imponente lago ali existente.



O ELEMENTO feminino predominou nessa memorável noite, abrilhantada por ilustres damas do país e das nações amigas, que mandaram ao Brasil seus representantes especiais.

A POSSE DO PRESIDENTE VARGAS

NO GUANABARA



COM O SEU feitio de homem simples e despreocupado, o sr. Ademar de Barros, ex-governador de S. Paulo, fêz ato de presença no Garden Party oferecido pelo Prefeito, no Guanabara.



A SRA. ALZIRA Vargas do Amaral Peixoto, filha do Presidente e espôsa do sr. Amaral Peixoto, governador do Estado do Rio, recebe cumprimentos nos jardins do Guanabara.

QUÍS o general Ângelo Mendes de Morais, Prefeito do Distrito Federal, homenagear o novo govêrno e as missões diplomáticas, com um imponente garden party que teve lugar na tarde de 2 de fevereiro, no Palácio Guanabara. Ali compareceram os chefes das embaixadas especiais e permanentes, figuras do novo Ministério, altas autoridades e figuras representativas da sociedade brasileira, a quem foi oferecido um banquete, depois da apresentação, nos jardins do Guanabara, de vários números de atrações, inclusive um "ballet" pelo corpo de baile do Municipal. São dessas festividades os flagrantes que ilustram estas páginas.



O VEREADOR Silvino Neto, conhecido humorista de rádio, compareceu à festa — e aqui o vemos, não como radialista, mas na qualidade de integrante da nova Câmara de Vereadores



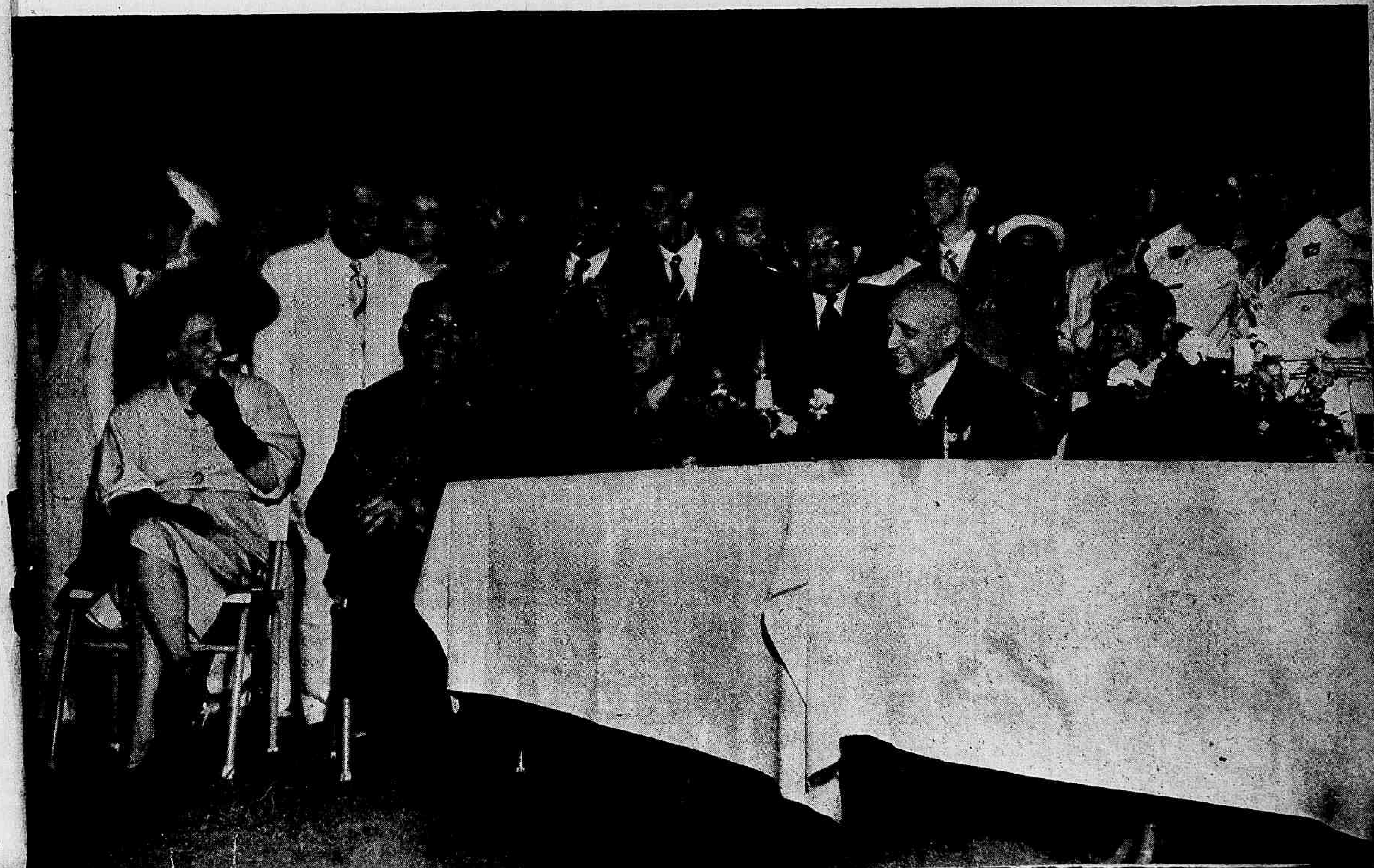
AS MESAS ESPALHAVAM-SE pelos jardins do palácio Guanabara, e até tarde da noite os convidados se deliciaram com os "divertssment" que lhes foram oferecidos pelo Prefeito.

DUR
Pref
se





DURANTE A RECEPÇÃO no Palácio Guanabara, o sr. Presidente da República, em palestra com os convidados, enquanto, ao lado, a sra. Ângelo Mendes de Morais, espôsa do Prefeito do Distrito Federal, recebe os cumprimentos do general Ciro do Espírito Santo Cardoso, chefe da Casa Militar da Presidência. Em baixo, um flagrante da mesa em que se encontram o Presidente Getúlio Vargas, o Prefeito Mendes de Morais, o general Estillac Leal, Ministro da Guerra, e o chefe da Casa Militar, general Espírito Santo Cardoso.





OUTROS ASPECTOS do Garden Party de 2 de fevereiro, no Palácio Guanabara: em cima, o Presidente da República, vendo-se também a sra. Ângelo Mendes de Morais, o sr. Ademar de Barros e a sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto. Em baixo, grupo em què se encontram o Prefeito do Distrito Federal, que ofereceu a festa, e novamente o ex-governador paulistano



SUPLÍCIOS DO AMOR



























NO PRÓXIMO NÚMERO: A MOÇA TÍMIDA

TUDO ISTO

PARA QUE SERVE UM DEFUNTO?

ANTIGAMENTE esta pergunta poderia até provocar briga. A ninguém era dado o direito de profanar a memória dos mortos. Um cadáver era um cadáver, coisa quase sagrada. Mexer num corpo morto era proibido a qualquer pessoa. Respeitar os que se foram era dever de todo mundo. Mas, o homem não descansa em suas avançadas para o progresso, e a cirurgia não dorme um segundo sequer. Os sábios vivem debruçados em seus gabinetes de estudos em busca de novidades e processos salvadores. E acham. Vejam o que acaba de suceder em Paris. Certa jovem de 22 anos estava às portas da morte. Nascera só com um rim. Os médicos aharam que era urgente a transplantação de um outro no corpo da moça; mas, como a gente só possui mesmo dois, é claro que ninguém vai ceder um rim, como se dá sangue. Recorreram então à justiça e foi designado aos cirurgiões certo condenado à guilhotina, pessoa saudável e de rins tão bons como os de um bonde. Cortada a cabeça do réu, retiraram-lhe o par de colchetes



que ajuda a manter a vida de cada um de nós e levado para o lombo da "demoiselle". Mas, tudo de acôrdo com a vontade do morto. O hospital estava situado a 16 quilômetros da guilhotina. E tudo foi feito de tal forma que a jovem está salva!

★

BELO TURISMO

DOIS rapazes de Buenos Aires, Mário Kronsona e Hugo Frey, de 24 e 23 anos, respectivamente, tinham muita vontade de visitar o Brasil. Como as economias não davam para vir ao Rio, satisfizeram-se mesmo em passar uns dias em Pôrto Alegre. Mas, os dois jovens não tinham idéia nenhuma do que fôsse gastar sem ter de onde tirar a não ser do próprio bôlso. E viveram dias e noites de farras intensas. Gozaram a vida na jovial capital do Rio Grande do Sul, gastando à larga, como se houvesse no Banco do Brasil alguma carta de crédito com vastos fundos... Resultou dessa loucura, ficarem êles sem tostão para regressar ao seu país. Ao invés de recorrerem ao cônsul argentino, chorando suas misérias, resolveram arranjar dinheiro por meio de um crime. E a quem escolheram! Um modesto "chauffeur" de praça, pai de seis filhos menores. Entrando no carro, mandaram rodar por tôda a cidade. Alta madrugada, em lugar que julgaram propício, vibraram-lhe dois golpes de facão, matando-o. Saquearam-lhe



os bolsos e dali retiraram pouco mais de 400 cruzeiros. Mas, foram surpreendidos em flagrante pelo médico Gilberto Lahorne, e guardas-noturnos pegaram Kronsona, tendo o outro fugido para Uruguaiana, mas em Santa Maria a polícia o prendeu. Que turistas!



O GENERAL DWIGHT EISENHOWER em companhia de sua senhora visita uma exposição de quadros inglêses na Galeria Knoedler em Nova York. Está de «smoking» e ainda se dedicava à Columbia University, da qual é Presidente. Nessa ocasião lhe perguntaram se aceitava a candidatura de seu nome para a Presidência da República em 1952, tendo respondido negativamente. O conhecido cabo de guerra está hoje com a ingente tarefa de organizar e consolidar o Exército Internacional das Nações Unidas com sede na Europa e trocou o «smoking» pela farda de generalíssimo.

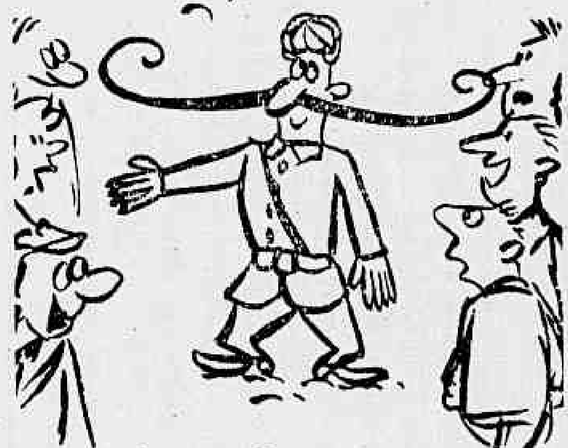


DEPOIS DE GRANDES BATALHAS na frente da Coréia, êstes soldados norte-americanos tiveram ordem de dormir durante uma hora sob o mais cortante frio e num terreno enlameado. Quem poderá imaginar o que estariam a sonhar nesses sessenta minutos de fugaz descanso? Na guerra? Na família tão distante? Quem sabe! A verdade, porém, é que êles vieram do outro lado do mundo para lutar pela causa da paz e da civilização cristã, e estão oferecendo heròicamente suas vidas para manter o mundo dentro dos preceitos da democracia. Que o mundo reconheça tanta dedicação e sacrifício.

→

ACONTECEU

OS BIGODES DE AHMED



ÊSTE é caso virgem no mundo. Ibrahim Sayer Ahmed é policial de tráfego no Cairo. Sua figura não era diferente da de qualquer outro colega; mas, não havia quem passasse perto dêle que não o olhasse com a maior curiosidade. Por quê? Uns riam; outros, exclamavam um "oh!" de surprêsa. Turistas, senhoritas, madames, velhos e crianças, mesmo do Cairo, gostavam de olhar a cara de Ahmed. Tudo por causa dos seus bigodões absolutamente únicos. Agora, Ahmed está escanhoado. Perdeu as "vassouras" faciais. O chefe de sua organização mandou que êle raspasse aquilo. Ordem é ordem. E Ahmed obedeceu, constrangido, e recorreu ao Conselho de Estado egípcio. Quer uma indenização, alegando que os seus bigodes o tornaram lendário em todo o Oriente e aos mesmos dedicara vinte-e-cinco anos de cuidados. Eram os bigodões o ponto de convergência de olhares do belo sexo... Ahmed está firme nos seus propósitos e quer uma reparação monetária, pois os seus bigodes eram o seu único patrimônio... Chamado o chefe desbigodante, explicou que, na verdade, ordenara que o seu subordinado raspasse aquilo, a fim de tornar mais fácil a circulação de veículos em tôrno do Ahmed...

★

O HOMEM QUE FURTOU UM BONDE



HÁ muitos anos que inventaram aquela história pitoresca de um mineiro que comprara um bonde. Tudo fruto de imaginação trocista de qualquer carioca que não sabe o que fazer na travessia das barcas de Niterói. Inventaram aquela anedota e a coisa pegou de tal maneira que todo o Brasil a conhece. Mas, o que é absolutamente inédito, é o caso dêsse jovem Ivan de Morais Ficha, estudante de medicina e residente nesta leal cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Ivan, o terrível, furtou um bonde da "Light"! O rapaz estava cansado de esperar um veículo dêsses lá na Praça Barão de Drummond, para vir à cidade e ir dormir, pois era madrugada. Já irritado com a ausência dos elétricos, decidiu esta aventura: levar um bonde por êsse mundão afora até a Lapa... Foi à estação de Vila Isabel, olhou, observou e achou que um bondinho "bataclã" estava a calhar. Subiu, acionou a engrenagem e lá se foi... Quando o motorneiro escalado deu pela falta do veículo, abriu a bocarra: "Peguem o ladrão do bonde tal!" A polícia foi avisada, o mesmo sucedendo com todos os postos do trajeto. O improvisado motorneiro ia maravilhosamente bem e já alcançara a Av. Presidente Vargas, quando foi cercado e detido pela Rádio-Patrulha. Entregou o veículo e foi explicar-se na delegacia. Êle não queria "roubar" o bonde, e sim ir para casa...

★

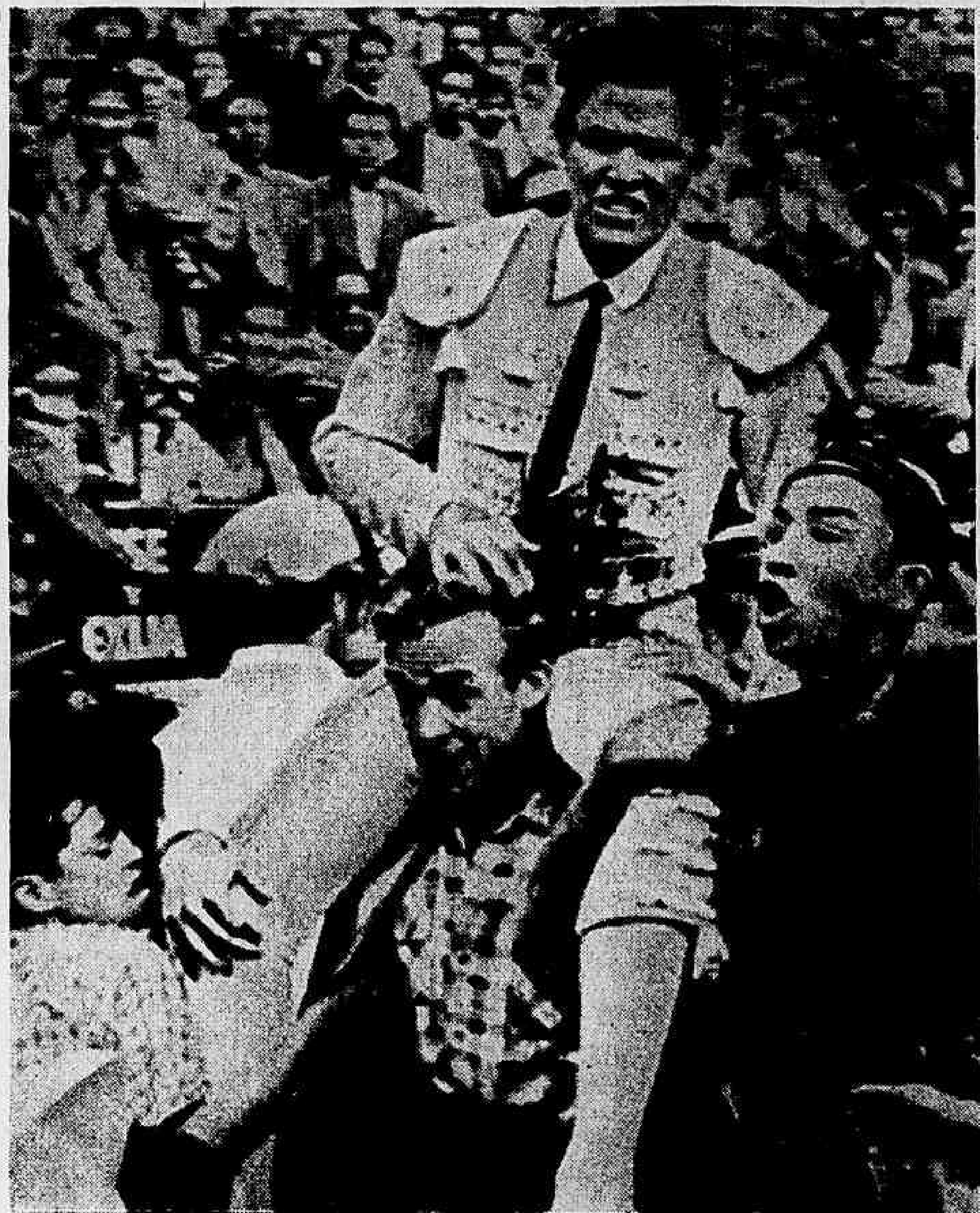
DOUTOR CHOFER



BELO HORIZONTE, de quando em quando, fornece curiosos fatos para o noticiário da imprensa de lá e de cá. Agora mesmo nos vem das Alterosas a novidade de anel-de-grau para os motoristas que forem aprovados em manejos do volante. Com certeza, haverá também diploma, quadro de formatura, solenidade final, paraninfo, orador oficial, etc. Os jornais têm tecido comentários sôbre o assunto. Uns acham absurdo o anel-de-grau para "chauffeur" de praça. Outros, mais comedidos, não vêem nisso nada de anormal. Desde que uma pessoa termine o seu curso profissional, científico ou simplesmente prático, poderá exibir no dedo o seu símbolo de instrução. Não desejando entrar na discussão, uma vez que os argumentos pró e contra são ponderáveis, o que seria da mais justa expectativa era que os novos doutôres do volante, ao lado de seus símbolos de aproveitamento profissional, adquirissem também um aumentozinho de boa-vontade para com o público, não esquecendo alguns milímetros de cortesia e educação. Com anel ou sem êle... Não queremos dizer que o "chauffeur" de praça seja um grosseirão. Mas, que o anel servisse para tornar todos muito mais urbanos, atenciosos, corteses. Se em Belo Horizonte der certo, o Rio pode experimentar...



MRS. SESSIONS CHORA DESESPERADAMENTE quando um oficial de Justiça de Alabama, Estados Unidos, chega à sua casa e lhe retira dos braços a menina Viree Edwards, a fim de restituí-la aos seus verdadeiros pais. A criança havia sido comprada aos genitores pela importância de 500 dólares, tendo-se afeiçoado muito à sua «mãe comercial», que, apesar da ilegalidade da transação, adorava a garotinha. O assunto apaixonou a opinião pública, e todos achavam que devia haver um meio de manter a menina em poder de Mrs. Sessions. Mas, como a Justiça viu apenas um ato ilícito e não uma adoção legal, deu ganho de causa aos pais de Viree.



CURIOSO FLAGRANTE NA PRAÇA de touros da capital do México. Quando o famoso toureiro Rafael Rodriguez foi atingido pelas guampas de bravio touro na arena em que ambos se exibiam, o espetáculo foi suspenso e Rodriguez levado às costas por um popular até à ambulância. Quando a situação era de estupefação, um garôto «descuidista» aproveita o oportunidade e mete sorrateiramente a mão no bolso interno do palitó do salvador do toureiro e... parece que acertou com a carteira. Notem a expressão do rapazinho e a impossibilidade de reação do pobre que tem o ferido às costas.



LUZ DEL FUEGO NÃO ENTROU

JÁ pelo Carnaval do ano passado a senhora Luz del Fuego andava às voltas com a polícia a serviço na entrada do Municipal, por ocasião do baile de gala na segunda-feira de Carnaval. Êste ano a proeza repetiu-se: a exótica bailarina da cobra viva jurou que desta vez entrava de qualquer jeito, "haja o que houver, custe o que custar". E pelas dúvidas cobriu o corpo mais do que é de seus hábitos, embora sua fantasia, "Fundo do Mar", primasse como sempre, pelo toque escandaloso. Mas os guardas estavam prevenidos e a bailarina foi "barrada" com tôdas as honras do estilo. Luz del Fuego fêz discurso, improvisou até um "meeting" nas escadarias do teatro, juntou gente, a rapaziada ficou com ela protestando em alarido infernal. — "Não pode! Não pode! A moça entra mesmo...". Pois não entrou nem com o escândalo. Têrça-feira à tarde, quando ia realizar-se o baile infantil no mesmo teatro, Luz del Fuego subiu as escadarias outra vez e improvisou outro "show". Aliás os foliões da Avenida já estão se habituando ao exibicionismo dessa senhora, nos bailes do Municipal. E lá voltou a polícia disposta a agir de acôrdo com as instruções recebidas, chegando então a trancafiar a artista, por algum tempo, num carro da sua corporação. O carro afastou-se da Avenida, mas a certa distância devolveu à liberdade a popular figura das ruas e das "boites" cariocas. Certamente, no Carnaval de 1952, e nos seguintes, Luz del Fuego há de insistir no mesmo propósito. Freqüentar um baile de gala do Municipal passou a ser um de seus sonhos, talvez o ápice de suas ambições artísticas e "existencialistas". Nas gravuras, dois flagrantes obtidos à porta do Municipal, quando o "show" anual-carnavalesco da divertida senhora era oferecido, extra-programa, aos foliões da Avenida.



NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

A posse do Presidente Vargas. 3/7
O Baile das Atrizes........ 11/13
Veio do México a Rainha do Carnaval 14/15
O Baile do Rádio.......... 16/18
O Brasil brilhando na capital da música (Jorge Lyra) 20/21
Os Arcos do Aqueduto (Lauro Uller) 23/28
No Itamarati 42/43
No Guanabara 44/46

LITERATURA

A garotada infeliz do meu bairro (Edgar de Souza Machado) 22
Amôres Ocultos (Irene Batista de Castro) 29

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista...... 8
Personagem da Semana.... 8
Puxe pelo cérebro.......... 9
Palavras Cruzadas 30
Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 39
Tudo isto aconteceu........ 48/49

HUMORISMO

Êste mundo e o outro (Darcy) 10
Cocktail (Nicodemus) 19
Bo'a o retrato do velho (Théo) 40

ATUALIDADE

Luz del Fuego não entrou.. 50

FOLHETIM

Os suplícios do amor........ 47

FEMININAS

Com alças 31
«Shorts» e «Maillots»....... 32/33
De Hollywood 34
Modelos para o verão...... 35
Week-End na Cozinha...... 36/37

FOTOS

Sabino Canalini — Walter Morgado — Indaiassú Leite — Pelmex — Arnaldo Vieira — Avulsas.

BONECOS

Rafael

ILUSTRAÇÃO

Oswaldo da Cunha

NA CAPA:

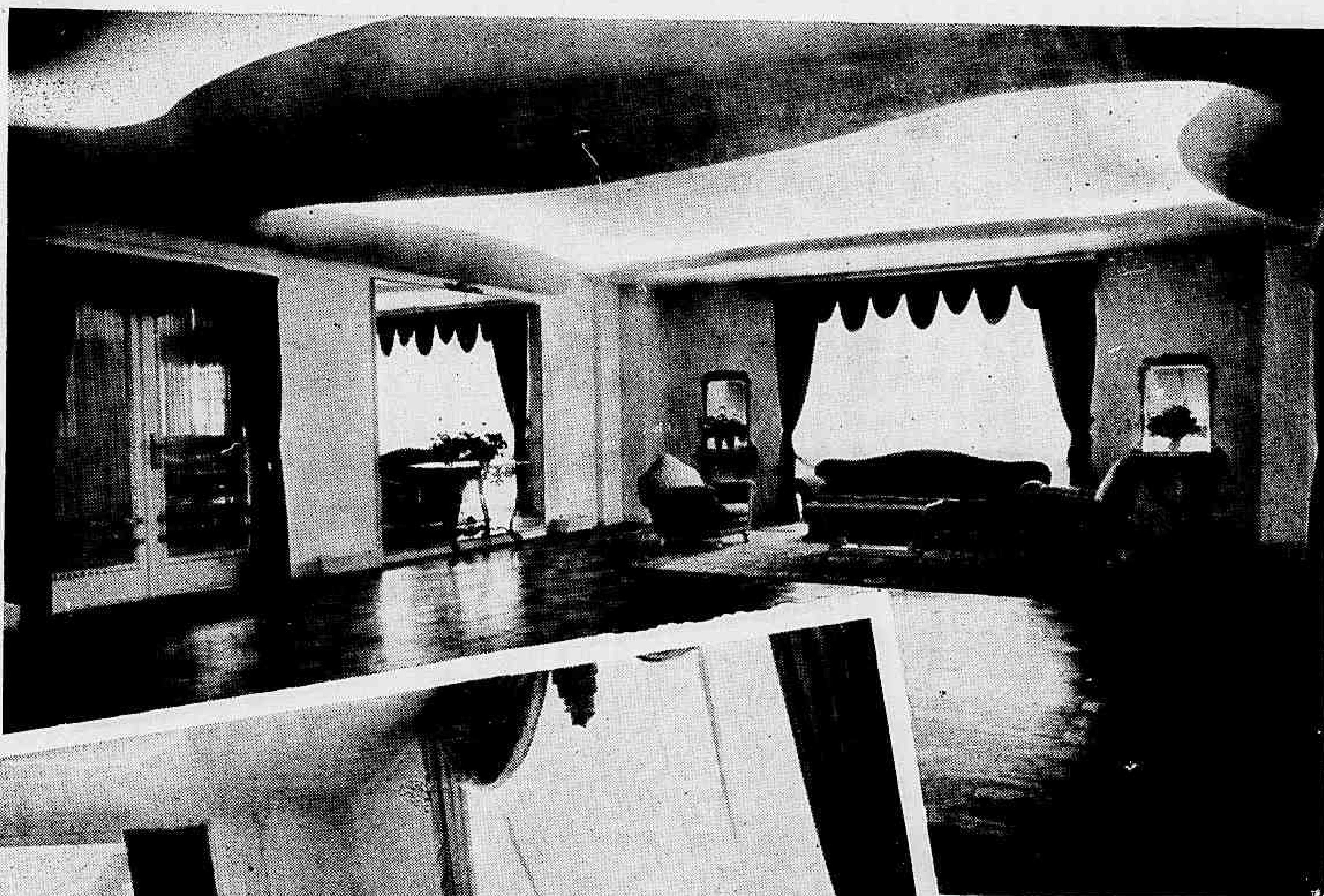
Debbie Reynolds

(Foto M.G.M.)

Respostas ao teste

1—Júlio I (século IV)
2—Do hebraico (Naomi, beleza)
3—França (Saint-Remy)
4—Oxigênio
5—Pan
6—Idade feudal
7—Oitenta
8—Alexandre Graham Bell
9—Celtas
10—Demônio
11—Bellerophonte
12—O que está em guerra
13—33 mil
14—Ganges
15—Aprovação
16—Índias Orientais
17—Espanhóis (Bermudez em 1522)
18—Rodolpho Bernardelli
19—Bibliomaniaco
20—Distrito Federal

CLUBE CURITIBANO -- CURITIBA -- PARANA'



Hall do 1.º pavimento



Hall do 3.º pavimento



Boite Mignon

MÓVEIS E DECORAÇÕES
Projeto e execução da **CASA NUNES** — RIO DE JANEIRO



A coerência é um atributo das pessoas de bom gosto. Quem sabe apreciar uma sonata de Beethoven, um prelúdio de Debussy, também dá valor a um bom cigarro... Por isso Hollywood é hoje uma tradição da sociedade brasileira. Tabacos finos, rigorosamente escolhidos, harmoniosamente combinados, deram a Hollywood esta posição ímpar. Hoje, Hollywood conta com mais fumantes que todas as outras marcas da mesma categoria combinadas — e você, como pessoa de bom gosto, também aprecia Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

um produto SOUZA CRUZ

H 88.066